

REVISTA DA SEMANA

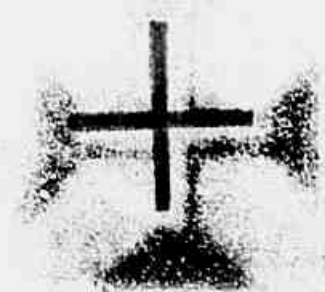
Nº 1



Cr \$ 2,00 em todo o Brasil

4-1-47





ADRIANO RAMOS PINTO & IRMÃO LTDA., agradecidos aos seus amigos e clientes do BRASIL, aproveitam esta oportunidade para lhes desejar um feliz Natal e muitas prosperidades no decorrer do Ano de 1947.



O ANO se encerrou dramaticamente, com uma série de sete grandes desastres de aviação, entre os quais aquele, do avião argentino, que bateu no pico do Papagaio, na Tijuca, morrendo quase todos os passageiros, inclusive um embaixador da terra de Peron, que regressava à pátria. O único que escapou foi um capitão peruano, quase miraculosamente. Nos domínios da política, muitas manchetes foram gastas sobre a candidatura de Ugo Borghi ao governo de São Paulo. E' candidato. Não é candidato. E' candidato de novo. Renunciou. Não renunciou. E, no meio de tudo isso, foram descobertas várias letras do deputado queremista no espólio do comendador José Martinelli, no total de vinte e seis milhões de cruzeiros. Por falar em cruzeiros, teve pleno cabimento a nota vigorosa de Pascoal Carlos Magno no "Correio da Manhã", protestando contra o distribuímento de dinheiro, a torto e a direito, pelo Sr. Nóbrega da Cunha, diretor demissionário do Serviço Nacional de Teatro, em cuja administração foi um completo fracasso... A título de que subvencionar companhias como a do Sr. Luis Iglézias, que não só tem apenas meia dúzia de artistas, mas ainda não deu uma só peça brasileira em 1946 e, para cúmulo dos cúmulos, se gaba de ter batido todos os "records" de bilheteria do ano na sua temporada? E como dar subvenções a Deus e ao mundo, sem nada exigir dos subvencionados? Francamente, só no Brasil se vê uma coisa dessas... E ainda se fala em crise, inflação, emissões, etc.!

A propósito de emissões, — veio a furo mais um escândalo financeiro do Estado Novo. A União vinha pagando mensalmente juros fabulosos ao Banco do Brasil, sem nenhuma necessidade de fazê-lo... Em Tiradentes, no Estado de Minas, segundo dizem os telegramas, arrancaram de uma praça pública as placas com o nome do Sr. Benedito Valadares e colocaram outras com o nome do Sr. Wenceslau Braz. Confessou o Ministério das Relações Exteriores que fez repatriar para o Brasil quatro mil pessoas que se achavam na Alemanha. A maior parte é de indivíduos que alegaram nacionalidade brasileira, bem como de cônjuges e parentes em primeiro grau dos cônjuges... Muitos deles eram nazistas exaltados, segundo diz o "Diário Carioca". E agora voltam, de crista murcha, depois da derrota do Terceiro Reich, para o país que antes renegavam e queriam ver administrado por um "gauleiter"... Agora, querem nos convencer de que são mais brasileiros do que nós... Que lhes sirva a lição! Na semana passada, esta Revista publicou uma relação dos premiados de 1946. Relação espichada, mas apesar de tudo incompleta. Faltaram nela os nomes de Berilo Neves e de Francisco Werneck, premiados no concurso de ensaios do centenário de Eça de Queiroz, promovido pelo Liceu Literário Português, e de Oneyda Alvarenga, que, em São Paulo, tirou o prêmio Fábio Prado, distribuído através da Associação Brasileira de Escritores, com o livro "Música popular brasileira". Deixaram Madrid os embaixadores da Inglaterra e da Itália, de acordo com a recomendação recentemente aprovada na O N U, segundo a qual deverão ser retirados da capital espanhola os chefes das missões diplomáticas acreditadas junto ao general Francisco Franco. Devido ao mau tempo, o "Carro Lírico de Thespis" ficou largado, à chuva, na Esplanada do Castelo e a companhia de ópera que veio no "Lugano" foi se exibir no Teatro Municipal, apanhando casas à cunha... No Teatro Regina, a estréia da peça "Mademoiselle", de Jacques Deval, pela companhia Artistas Unidos, sofreu um adiamento de sete dias, em razão de ter a senhora Henriette Morineau perdido a voz... Porque protestou contra o gracejo de um preto embriagado, que vinha cantando a "Mula manca", samba de Haroldo Lobo e Herivelto Martins, foi apunhalado e morto com um golpe de lima um inspetor de alunos do Colégio Pedro II. Excelente escolha, a do Ilustre jurista Levy Carneiro, para o cargo de Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores. Notável artigo o do escritor católico Fábio Alves Ribeiro, no "Diário de Notícias" do dia 29, sob o título de "O totalitarismo integralista". O novo diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública proclamou que, no Brasil, há vinte e seis milhões de opilados... Somemo-los aos nossos tuberculosos, sífilíticos e desnitrados. D. Jayme de Barros Câmara, cardinal-arcebispo do Rio de Janeiro, dirigiu uma circular ao clero e aos católicos, para que ninguém deixe de votar e para que todos votem decentemente, de acordo com a sua consciência. A Igreja Católica, segundo a sua palavra, só deseja uma coisa: que o católico não vote em materialista. Fora daí, é neutra e não recomenda candidato nenhum... O ministro do Trabalho, segundo "O Globo", declarou que não será aumentado o preço do café torrado. Então, é bom que o público vá se preparando para um choque... Todas as vezes que há um aumento, primeiro circula a notícia de que não haverá... Sobre a Liga de Defesa da Democracia, disse o barão de Itararé numa entrevista: "A democracia não se defende com "ligas" formadas por democratas de fachada, reunidos em conciliábulos clandestinos de gabinetes ministeriais, cuja atmosfera está ainda impregnada da morrinha estadonovista". Terminou o seu curso a primeira turma de cadetes do Exército Nacional formada pela Escola Militar de Rezende. Dizem que o Sr. Oliveira Salazar quer pôr em prática o mesmo truque que o general Franco está tentando, isto é, restaurar a monarquia, ficando ele como regente... Qual! Essa gente não tem remédio... A SBAT resolveu, afinal, indicar peças de Joracy Camargo e Ernani Fornari para serem representadas no Municipal. Desta vez, houve decência na escolha. Bibi Ferreira embarcou para Londres e antes de ir deu-nos a notícia do seu divórcio. Desde 1942, a jovem "star" estava casada com o Sr. Carlos Lage. Bem, o ano de 1947 está aí... Sinceramente, esperamos que ele seja melhor do que o de 1946, com preços mais baixos, dinheiro mais fácil e com a inflação paralizada... Será para isso que este mundo marcha? Quem sabe! Talvez ainda haja milagres...

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem leterariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Lício Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlântida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal e "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo). Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso, Otávio Tavares e Berilo Neves.

OFICINA DE 1.ª OCEAN
AVIARSE RECIPIAS V.C.
DICAS COM EXALDO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LOROMONS

R. CARIOCA N.º 28

DE OURO

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



A Avenida Rio Branco, cortada de faixas dos candidatos a vereador. Ai estão as de Alaor Braga da Silva, do P.S.D.; de Luis Pais Leme, da U.D.N, de Clovis Ramallete, da Esquerda Democrática, apregoando que esse partido não faz coalisão; de Hermano Requião, também da E. D., e de outros que, à distancia, são ilegíveis, embora não inelegíveis...

ESCOLHA O SEU CANDIDATO E VÁ ÀS URNAS!

A cidade, quinze dias antes do pleito para a escolha dos seus novos legisladores — Candidaturas e candidatos — Quando os pseudônimos são mais conhecidos do que os homens — Médicos em todas as chapas — Os candidatos a senador — Apelo ao leitor.

Reportagem de MARCELO TORRES

Especial para REVISTA DA SEMANA

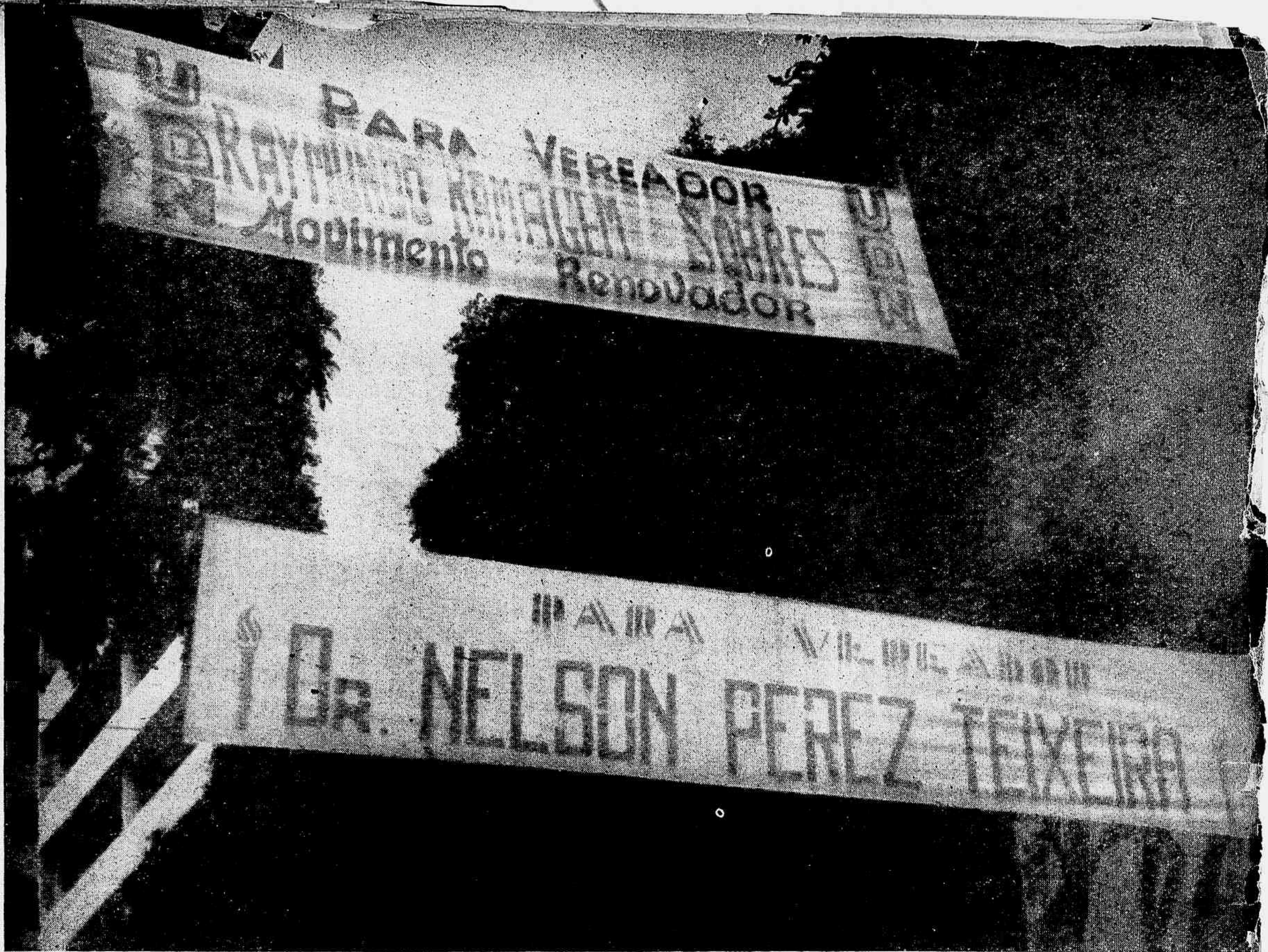
QUANDO esta edição da REVISTA DA SEMANA estiver circulando, o Brasil inteiro estará sendo de novo agitado salutarmente pelas competições eleitorais, que não fazem medo a nenhum democrata, mas são sempre temidas e caluniadas pelos inimigos da democracia. Nos Estados, estarão sendo realizados os comícios dos candidatos à chefia do executivo e à deputação estadual. No Rio de Janeiro, ainda sem autonomia total e consoante os desejos do povo carioca, estarão sendo eleitos, pela primeira vez em mais de dez anos, os novos vereadores que ajudarão o prefeito nomeado a realizar melhor a sua tarefa, fornecendo-lhe a lei de meios e toda a sorte de sugestões úteis. Toda a cidade está cortada de faixas, todas as paredes das ruas centrais estão inundadas de cartazes, o correio já nos trás cédulas eleitorais e placas de candidatos, o rádio nos transmite os ecos de comícios e de "tavolas redondas" políticas, os jornais publicam não apenas notícias, mas até anúncios de candidaturas. Temos mais de quinhentos candidatos, porque mais de dez partidos apresentam chapas com-

pletas. E menos de dez por cento desses candidatos chegará às cadeiras do Conselho Municipal, no famoso largo da Mãe do Bispo, oficialmente conhecido como Praça Marechal Floriano. Estou disposto a cumprir meu dever cívico, a 19 de janeiro, não apenas como votante, mas ainda como secretário de uma mesa eleitoral. Com isso, creio que me associarei, ainda mais, a esse grande acontecimento político da novíssima República que abrirá promissoriamente o ano de 1947. Nenhum partido se lembrou, ainda, de fazer pura e simplesmente a propaganda do voto. Nem mesmo a Liga da Defesa da Democracia, ainda agora criada sob o patrocínio do ministro da Justiça, Sr. Benedito Costa Neto. Acho, entretanto, que alguém devia dizer isto: "Cumpra o seu dever de cidadão, votando a 19 de janeiro, se estiver em condições de sair de casa e manter-se de pé. Vote no "seu" candidato, em quem lhe parecer melhor, seja de que partido for. Exija apenas que esse candidato seja digno e represente as suas idéias. Não fique em casa, nem vote em branco, porque qualquer desses procedimentos será uma traição

à democracia e a você mesmo. Vote!" Como ninguém disse isso, digo eu. E fico satisfeito por ter dito.

★

Entre os candidatos ao pleito de 19 de janeiro, no Distrito Federal, há alguns que se tornaram mais conhecidos pelos seus pseudônimos literários e artísticos do que pelo seu nome civil. Estão neste caso o Barão de Itararé, Jaraçara e Lauro Palhano. Os dois primeiros são o jornalista Aparício Torelly, humorista de fama nacional, diretor d'"A Manhã", um dos jornais mais sérios do Brasil, embora vivendo de ataques de riso, e o humorista do rádio, do cinema e do teatro, que pouca gente identifica sob o nome verdadeiro, de José Luis Calazans. Ambos estão na chapa do Partido Comunista, Quanto a Lauro Palhano, escritor de grande merecimento, autor de "O Gororoba", livro muti bem acolhido pela crítica, é o candidato a vereador Juvenício Campos, da Esquerda Democrática e técnico de um frigorífico. Há candidatos com certos nomes que se parecem pseudônimo,



Não há canto de rua central que não esteja assim, cheio de cartazes de propaganda. Em baixo, aparece o nome de um candidato, o Dr. Nelson Perez Teixeira, que não se preocupa muito em fazer reclame da sua legenda partidária...

de tão complicados ou de tão pitorescos. Em tal caso estão os senhores Guilherme Malaquias, Nilthson Byron, Abel Pantaleão e Podalírio Cunha. E' claro que nenhum deles tem culpa do nome que possuí. Mas, de qualquer modo, eu imagino mais facilmente um Malaquias e um Pantaleão numa comédia de Gastão Tojeiro do que no Conselho Municipal. E acredito que esse Byron estaria melhor entre os novos revolucionários da Grécia, assim como visualiso o companheiro Podalírio, da Esquerda Democrática, bem mais à vontade como diretor... do Jardim Botânico!

★

Imagino Jararaca eleito, — hipótese que não é de se desprezar, em vista de sua popularidade e do prestígio eleitoral do seu partido. O senador Luis Carlos Prestes manda chamá-lo à sede do Partido Comunista, para traçar a "linha justa" que o popular autor de "Mamãe, eu quero..." deve seguir no Conselho Municipal. Terminadas as instruções, recebida a orientação geral, indutido sobre os projetos que deve apresentar, José Luis Calazans estende a mão ao secretário-geral do P. C. e se despede.

— Mais alguma recomendação, camarada Prestes?

— Ah, sim, camarada Ja... Calazans. Cuidado com a linguagem. De agora em diante, tem que ser parlamentar... Por exemplo: você não deve dizer "sapecta fogo na giranda do dotô" e sim "ponhamos fogo na girandola do excelentíssimo senhor doutor" ou, então, do "nobre vereador"... Não diga nunca: "Vossa excelência é um mentiroso ou uma besta!" Diga, antes, "Vossa excelência fal-

tou com a verdade ou vosso excelência é impermeável!"

— Bem, obrigado. Assim farei. Até logo, camarada Prestes!

— Até logo, camarada Ja... Calazans! O vereador recém-eleito vai sair, mas retrocede, para um último esclarecimento:

— Uma coisa, senador... Acha que eu devo ir caracterizado?

★

Não há pior perigo para um candidato do que ser confundido com um politico qualquer de tendência oposta. E' um desaforo alguém perguntar a Hermano Requião, o brilhante e operoso secretário do "Diário de Notícias", posto em que tanto tem zelado pelos interesses da cidade e do povo carioca, especialmente das classes menos favorecidas, se ele é irmão do deputado Altamirando Requião. Não é que este não seja uma pessoa digna. Mas é que Hermano Requião está muito adiante, politicamente. Está na Esquerda Democrática e o outro, o deputado, é do P.S.D. Muito curioso é o que se passa com Emil Farah, notável orador da campanha política do brigadeiro Eduardo Gomes. Emil Farah é do mesmo partido de Hermano Requião. Jornalista, escritor, autor de "O Cangerão" e de "Os homens sós", nunca foi governista em toda a vida. Entretanto, tem sido, ultimamente, amolado por pessoas inadvertidas, que lhe escrevem cartas, chamando-o de "íngrato" e acusando-o de "ter cuspidado no prato em que comeu", isto depois de tê-lo ouvido em comícios eleitorais. Por que essa confusão? Porque o deputado trabalhista Benjamin Farah fez colocar à testa de um instituto de pensões e aposentadorias um irmão seu, chamado Emi-

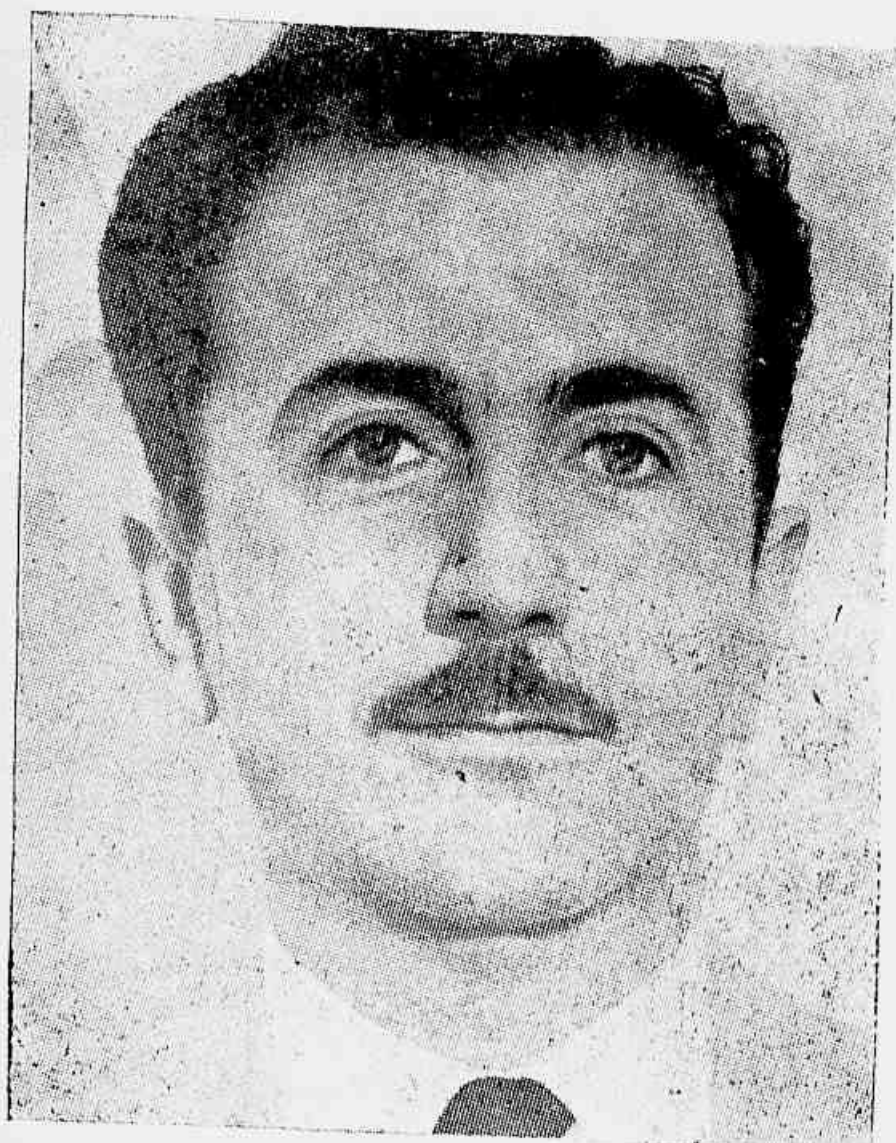
lio Farah. Esse senhor Emilio Farah foi uma das pessoas que sobraram quando o general Eurico Gaspar Dutra, reagindo contra o "que-

Os postes também estão enfeitados... Por toda parte, há bandeirolas como esta, chamando a atenção para o nome de candidatos à vereança...

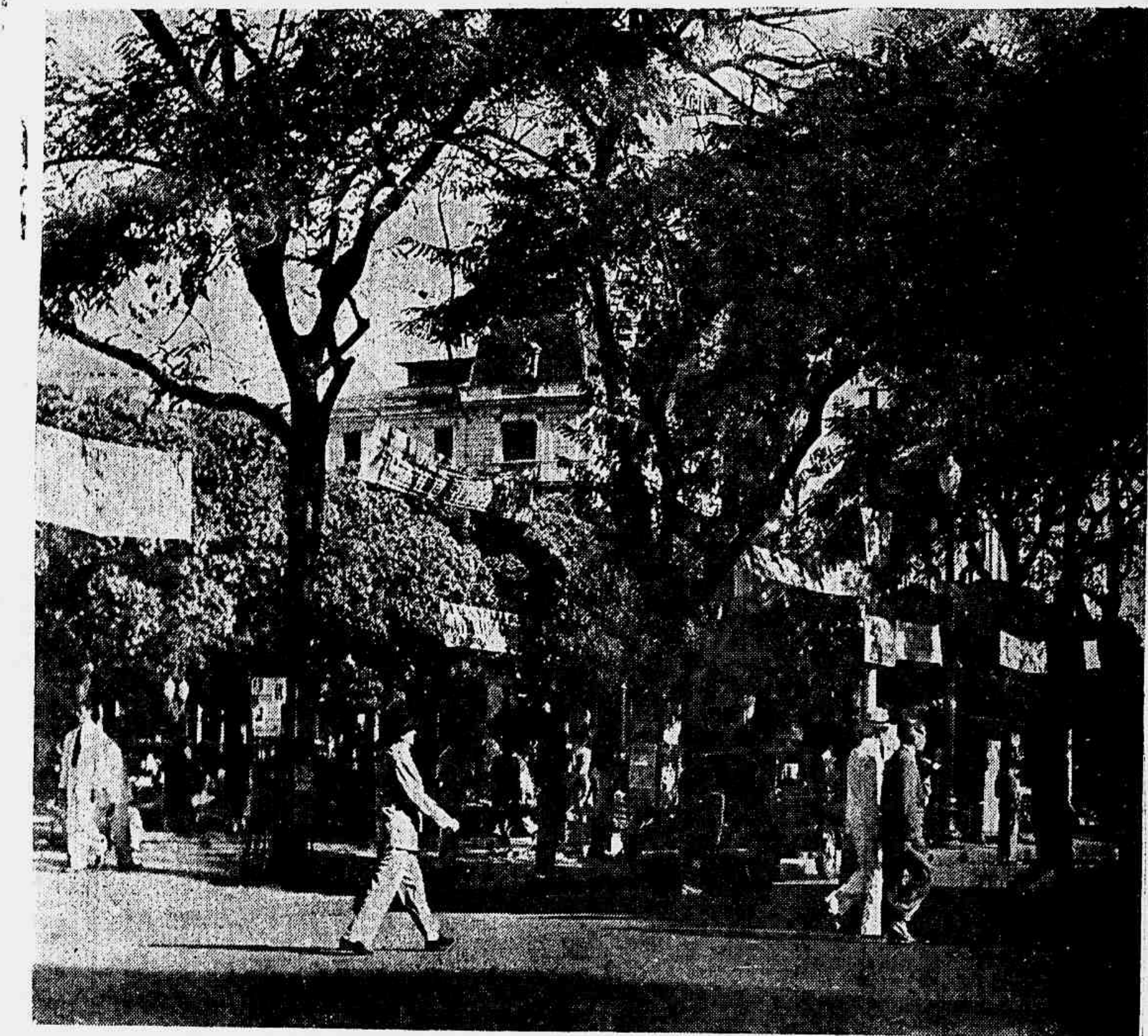




Carlos de Lacerda. E' redator do "Correio da Manhã". E' o homem que entrevistou o ministro José Américo de Almeida, quando este abriu fogo contra o Estado Novo e lançou a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes. Esta foto foi tirada quando ele falava a alguns milhares de paulistas no estádio do Pacaembu.



Emil Farah é um dos candidatos da Esquerda Democrática. E' o romancista de "O Cangerão" e de "Os Homens Sós". Foi um dos maiores oradores da campanha do brigadeiro Eduardo Gomes. Em Belo Horizonte, proferiu um discurso ainda hoje lembrado. Colabora aos domingos no "Diário de Notícias", escrevendo artigos políticos de grande repercussão.



Faixas, faixas, faixas... Nunca as árvores das vias públicas receberam tantas condecorações como agora...

remismo", iniciou a coalisão U.D.N.-P.S.D.-P.R. que teve como resultado a recomposição ministerial. Assim, por causa de duas letras, apenas, — a tanto vai a diferença entre Emil, o anti-getulista, e Emilio, o irmão do deputado, — o jovem e vibrante candidato da Esquerda Democrática tem recebido uma porção de cartas injuriosas e inteiramente gratuitas.

★

E' comum, nos bondes, nos ônibus, nos lotações, a gente ouvir comentários sobre candidatos e candidaturas. Por exemplo.

— Que tal esse candidato do P.R. ?

— Qual ?

— Esse Hugo Ramos Filho...

— Não sei, mas não voto nele.

— Por que ?

— Porque o tio é o vice-presidente da República e está no P.S.D. E, além disso, o pai é dono de um cartório...

— Mas isso não tem nada que ver com o candidato...

— Eu sei. Mas não voto.

Contra um eleitor que se fecha assim, há lá argumento possível ?

★

Há uma espécie de linha de sucessão, na política do Distrito Federal. Alguns dos novos candidatos são filhos de velhos políticos cariocas, que morreram ou se aposentaram. Estão nesse caso Eduardo Bartlett James, da U.

←

Este é Ary Barroso. E' bacharel, como toda gente. E' locutor de rádio, atuando em programas esportivos e de calouros. E' compositor de músicas populares, como "Boneca de pixe", "Na baixa do sapateiro", "Aquarela do Brasil", "Dá nela", etc. E' um dos candidatos a vereador da U.D.N. e tem desenvolvido intensa propaganda.

D.N., filho de Bartlett James, antigo deputado carioca, e Carlos de Lacerda, filho de Mauricio de Lacerda. Jornalista brilhantíssimo, com uma coluna diária no "Correio da Manhã", Carlos de Lacerda corta de rijo na pele dos políticos. Muito provavelmente será eleito para o Conselho Municipal. Em todo caso, não falta quem comente :

— O Carlos é ainda mais afiado do que o pai... Lembra-se do Mauricio ? Estava sempre na oposição... Nem partido tinha...

— Mas o Carlos tem...

— Sim... Tem, mas está contra... Não vê que ele vive atacando a coalisão, que é a menina dos olhos da dupla Otávio Mangabeira-Juracy Magalhães ? Com ele nem a própria U.D.N. escapa !

★

Entre os candidatos, no Distrito Federal, há alguns políticos experimentados. Um deles é o sr. Osorio Borba, antigo deputado federal por Pernambuco. Outro é o sr. Antunes Maciel, que já foi ministro da Justiça e deputado federal pelo Rio Grande do Sul em cinco legislaturas. O sr. Antunes Maciel figura na chapa da coligação "Aliança Democrática Trabalhista", constituída pelo P.S.D., por elementos transviados da U.D.N. (o grupo Jurandir-Pires Ferreira), e alguns partidos de menor expressão, como o Partido Orientador Trabalhista e o Partido Democrata Cristão. Entre os elementos com experiência política e legislativa estão os srs. Henrique Maggioli e Francisco Caldeira de Alvarenga, ambos do P.S.D., participantes da mesma coligação.

★

Uma das coisas que todos os partidos procuram capitalizar é a Popularidade de mé-



Uma das esquinas do Passeio Público, com suas faixas de propaganda eleitoral. Alguns candidatos se queixam de que suas faixas estão sendo roubadas...

dicos de grande clientela no Distrito Federal. O êxito político do sr. Cesário de Melo, o pagé eleitoral de Santa Cruz, fascinou quase todas as organizações partidárias, que procuram capitalizar as boas relações e as simpatias de que gozam os facultativos. A U.D.N. tem na sua chapa um desses médicos, que é igualmente um escritor de renome: Jorge de Lima. Há mais de quinze anos, é ele médico da União Beneficente dos Chauffeurs do Rio de Janeiro e de tudo quanto é escritor e jornalista necessitado. Atende todos os dias, gratuitamente, uma infinidade de pessoas, às vezes até mesmo com prejuízo de sua clínica remunerada. Coração boníssimo, Jorge de Lima tem simpatizantes em todos os partidos e é um candidato respeitado pelos seus próprios adversários. A Esquerda Democrática também incluiu na sua chapa um médico de grande popularidade: Pedro da Cunha. Professor e clínico de grande renome, é um socialista convicto. Na chapa da Esquerda Democrática está o médico Gastão Cruls, que se formou em medicina, mas não clinica, por ter ficado para sempre horrorizado com as condições dos hospitais de sua época. Enveredou pelo funcionalismo e fustigou as lacunas da nossa assistência hospitalar em contos que ficaram célebres. Médicos também são, na chapa da E.D., Cláudio Mancini (também locutor de rádio), Benjamin Algagli, Uron Meirelles, etc. O P.R. tem na sua chapa um médico de crianças, — Gentil de Castro. E o P.S.D. tem entre os seus cadidatos outro médico, Osvaldo Moura Brasil, diretor do IPASE. Esses não são os únicos médicos candidatos.

O Partido Comunista também tem os seus. O Dr. Campos da Paz, por exemplo, é um deles. Outro é o Dr. Aloisio Neiva Filho. E, ainda, um terceiro: o Dr. Sydney de Rezende. Os integristas também lançaram mé-

dicos, como o sr. Roberto de Souza Coelho, que é o diretor do Instituto Pasteur, encarregado da profilaxia da raiva canina.

O entusiasmo dos estudantes é também explorado pelos partidos, com a inclusão de alguns elementos da classe em suas chapas, como fizeram a U.D.N., com o lançamento da candidatura do estudante Maximiano Bagdocimo, e Esquerda Democrática, com a do estudante Roberto de Toledo. O antigo líder universitário Luis Pais Leme está, também, na chapa da U.D.N., mas já como um "político do Distrito" e representante da corrente Luis Aranha.



Não se pense que estamos boicotando de qualquer referência às candidatas ao pleito de 19 de janeiro. Quase todos os partidos apresentaram duas ou três damas aos sufrágios eleitorais. Mas esse capítulo ficará para uma reportagem separada, em edição vindoura. Falemos agora, para encerrar as nossas considerações, dos candidatos a senador. São eles: o sr. João Mangabeira, pela Esquerda Democrática; o sr. Heitor Beltrão, pela U.D.N.; o sr. João Amazonas, pelo Partido Comunista; e o o sr. Mario de Andrade Ramos, pela "Aliança Democrática Trabalhista". Os partidos restantes, como o P.R., por exemplo, e o P.T.B., não apresentaram candidatos a senador, deixando a questão em aberto e ficando os seus eleitores com a liberdade de escolher qualquer deles. Dos candidatos lançados, eis o que é possível dizer-se: o sr. João Man-

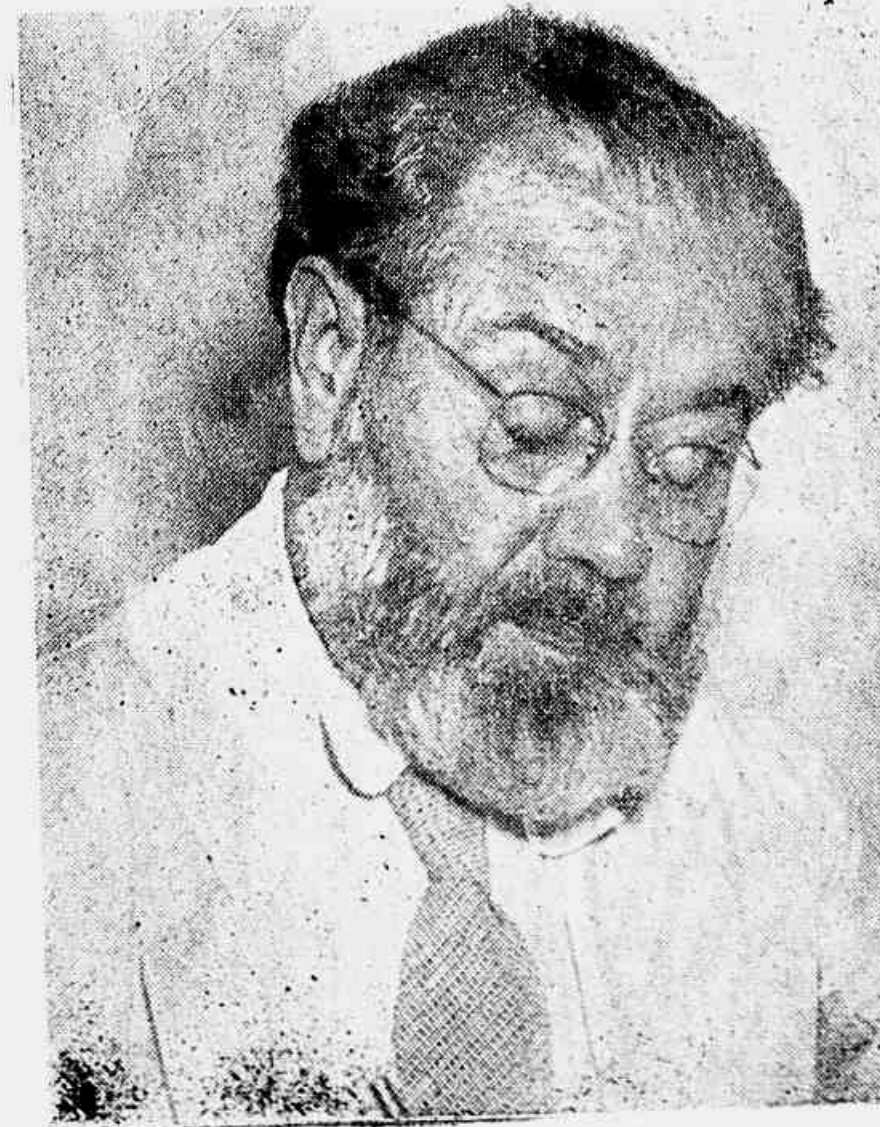
Este é, como toda gente sabe, o excelentíssimo Barão de Itararé, elemento de ligação entre a nobreza e o povo e diretor do quinta-ferino "A Manhã". Seu nome verdadeiro é Aparício Torelly. Além de humorista, é um pequeno Pasteur nacional, empenhado em descobrir a cura da febre aftosa do gado. E' candidato do P.C.B.



Este é Osorio Borba, antigo deputado federal por Pernambuco e hoje um dos jornalistas mais vibrantes do Distrito Federal. Tendo uma coluna quase diária no "Diário de Notícias", esta sempre pronto para defender os oprimidos e para servir à liberdade e à justiça. Tem sido processado algumas vezes, absolvido sempre e intimado nunca... E' um excelente candidato e não é exagero prever-se a sua eleição...



Aqui está Luis Pelxoto, o poeta dos subúrbios, autor irreverente de muitas revistas teatrais, caricaturista e cenógrafo. Foi um dos autores de "O Forrobodó", a peça mais representada do teatro nacional, no seu gênero. E' membro do Conselho Deliberativo e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. E' candidato a vereador pelo P.T.B.





Este é Alfredo Franjan. Advogado, é também um entusiasta do futebol. Figura na mesma chapa que Ary Barroso: a da U.D.N. É ex-presidente e benemérito do Bom Sucesso F. C. E, ainda, membro do Tribunal de Penas da Federação Metropolitana de Futebol.



Este é o antigo ministro da Justiça e antigo deputado federal Dr. Francisco Antunes Maciel Filho. Sua candidatura resultou de um entendimento entre o P.S.D., o P.O.B. e o P.D.C. e mais um grupo de descontentes da U.D.N. Esse mesmo grupo partidário indicou para senador o ex-deputado Mario de Andrade Ramos, que foi candidato a 2. de dezembro de 1945, mas não logrou se eleger.



Sob a legenda da "Aliança Democrática Trabalhista" é que foi apresentada a candidatura do Sr. Daniel da Silva Rocha, figura influente do Sindicato dos Marmoristas e, também, brilhante escritor teatral e membro do Conselho Deliberativo da SBAT. Na sua bagagem estão as peças "A vida brigou comigo", "Era uma vez um vagabundo", "Amo todas as mulheres", etc.



Este é o jornalista Benedito Mergulhão. É redator d'"A Noite", mas perdeu a coluna em que ali escrevia assinado. Tem um programa de rádio, "Astros e Ostras". Fez campanha dutrista. Deram-lhe um emprego no DIP. Já tinha outro antes, no Departamento do Café. Extinguiram o DIP. Extinguiram o Departamento do Café. Mas Benedito Mergulhão continua vivo. E com uma popularidade real, através dos seus programas desabusados. É candidato a vereador pelo P. R.



Este é o jornalista e escritor Astrogildo Pereira. O autor de "Interpretações", tido como um dos mais argutos críticos literários brasileiros, é um dos pioneiros da propaganda comunista no Brasil. Por volta de 1919 e 1920, já havia pegado suas primeiras cadeias. Esteve na Rússia, voltou, foi preso, foi solto. — e hoje é candidato do P.C.B.

gabeira é um experimentado parlamentar, antigo deputado federal e senador da República, publicista e orador de grande mérito; o sr. Heitor Beltrão é um antigo jornalista, ex-diretor da Associação Comercial, fundador do Tijuca Tennis Club e um dos líderes da U. D. N. de maior atuação na campanha do brigadeiro Eduardo Gomes; o sr. João Amazonas é um deputado comunista que, se for eleito, abrirá lugar na Câmara dos Deputados para o suplente do seu partido, o sr. Trifino Correia, ex-capitão do Exército; e o sr. Mário de Andrade Ramos é um antigo deputado federal e já foi candidato a senador, a 2 de dezembro, sendo derrotado, apesar de ter sido recomendado pela Liga Eleitoral Católica.

★

A Igreja Católica vem de tomar posição a respeito das próximas eleições. Nesse sentido, o cardinal-arcebispo, D. Jayme de Barros Câmara, baixou um aviso ao clero e aos fiéis. Não assumiu a Igreja nenhuma posição partidária, mas recomendou, a todos os católicos, o exercício do voto. "Esperamos que, na escolha do senador, os votos dos católicos recaiam nos melhores candidatos, recomendáveis por suas virtudes cívicas e cristãs", diz o cardinal-arcebispo. Adiante, declara o aviso: "O voto não é apenas um direito do cidadão; é um dever de consciência. A abstenção de votar, em eleições como as que vamos tendo, pode acarretar faltas gravíssimas". E acentua: "Se for infeliz a escolha de vereadores, a responsabilidade perante Deus não caberá somente aos que os houverem sufragado, mas também recairá sobre aqueles que, abstendo-se do voto consciente, não lhes derem competidores vitoriosos. Todos precisam votar. Este dever, — em cuja gravidade insistimos, — atinge igualmente e com a mesma responsabilidade aquelas pessoas que, por lei, estão desobrigadas de votar, como sejam as

mulheres que não possuem rendas próprias. O que, em suma, desejamos fique bem expresso é que ninguém, devidamente credenciado para exercer o seu direito de voto, deixe de fazê-lo por pretextos que uma consciência cristã jamais pode aceitar, numa hora tão grave". Adianta o cardinal-arcebispo que os católicos se abstenham de votar em materialistas. O aviso é destinado, primordialmente, a bombardear os esforços da campanha de propaganda dos candidatos comunistas, hábil, tenaz e bem feita. A ausência de preconceitos dos comunistas é tão grande e a astúcia política tão refinada que, em São Paulo, os seguidores do senador Luis Carlos Prestes quiseram até mesmo lançar a candidatura do padre Arruda à deputação estadual...

★

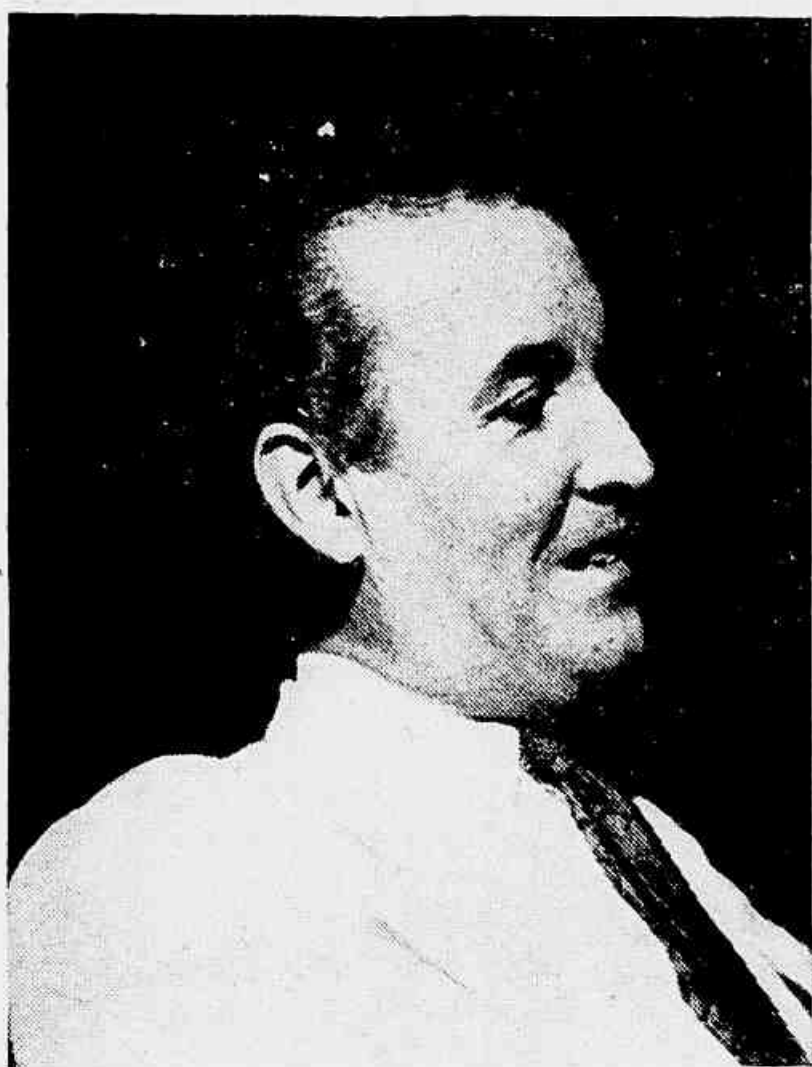
É de notar-se o grande número de jornalistas que se candidataram ao pleito de 19 de janeiro. Parece que não há classe mais propensa às atividades políticas do que essa, que o Sr. Herbert Moses vem presidindo mais ou menos perpetuamente... Há muitos candidatos jornalistas e alguns chegam quase a esconder essa condição, como que para não dar muito na vista. Mas, em verdade, raro é o jornal em cuja redação não há alguns candidatos.

Senão, vejamos:

No "Diário Carioca", — é candidato a vereador o secretário desse matutino, Sr. Roberto Pompeu de Souza Brandão, mais conhecido pelo nome de Pompeu de Souza. Legenda: E.D.

No "Diário de Notícias", — são candidatos Hermano Requião, secretário do jornal de Orlando Dantas, e Osório Borba, que nele mantém uma coluna diária. Legenda: E.D. Além desses, que figuram na folha de pagamento do "Diário de Notícias", estão também na chapa da Esquerda Democrática os colaboradores do seu suplemento dominical mais assíduos, Emil Farah e Alceu Marinho Rego.

"A Manhã" — o quinta-ferino dos ataques do riso, — tem como candidato a vereador



Este é o popularíssimo Jararaca, — ou, por outra, o Sr. José Luis Calazans, — candidato do Partido Comunista do Brasil. E' o artista principal do recente filme "No trampolim da vida" e co-autor da popularíssima canção carnavalesca "Mamãe eu quero", grande sucesso de Carmen Miranda nos Estados Unidos.



O coronel Napoleão Alencastro Guimarães, ex-diretor da Central do Brasil, ex-diretor do Lloyd Nacional, ex-diretor dos Correios e Telégrafos, etc., é um dos candidatos do P.T.B. a vereador. Dizia-se que sua candidatura a senador seria lançada, mas ele preferiu vir na cabeça da chapa para vereadores.



Aqui está um candidato médico do P.R., — o Dr. Alvaro Dias, médico de um hospital público, — o de São Francisco de Assis, no Mangue, onde atende gratuitamente a algumas dezenas de enfermos por dia. E' uma figura popular e tem grande probabilidade de vir a ser eleito.

dor seu próprio diretor, Aparício Torelly, mais conhecido como Aporelly, e, mais ainda, como barão de Itararé, "elemento de ligação entre a nobreza e o povo". Legenda: P.C.

"Tribuna Popular" — o órgão do Partido Comunista, está cheio de candidatos, entre os quais Pedro da Mota Lima, Agildo Barata, Lia Correia Dutra e Astrogildo Pereira. Legenda: P. C.

"A Noite", — tem como candidatos o redator de sua seção trabalhista, Clovis Ramalheite, bacharel, professor e jornalista, e Benedito Mergulhão, que teve uma coluna, da qual foi despojado, por ser muito opinativo. O primeiro está na legenda da E.D. e o segundo na legenda do P.R.

"O Globo" — tem como candidato a vereador o jornalista Mario Hora, que se colocou sob o patrocínio do falecido Cardial D. Sebastião Leme, e está na legenda do Partido Democrata Cristão. A mesma família jornalística pertence Sagramour de Scuvero, redatora e locutora da Rádio Globo, apresentada simplesmente como jornalista, na chapa do P. R.

"Correio da Manhã" — tem como candidatos da U.D.N. os srs. Carlos de Lacerda, antigo elemento de esquerda, hoje meio centrado, que se acha à frente do chamado Movimento Renovador, e Edmundo Moniz, representante do grupo "trotskista" que também atua no jornal "Vanguarda Socialista" e resolveu, ultimamente, converter-se em apêndice da U.D.N.

"O Radical", — tem o candidato João Luis de Carvalho, que foi fragorosamente derrotado nas eleições federais de 2 de dezembro, como candidato a deputado, pelo P.S.D., e que agora se apresenta como candidato a vereador pelo P.T.B.

"Brasil-Portugal" — tem um candidato, na pessoa de um dos seus redatores, o sr. Geraldo Moreira. Legenda: P.T.B.

"Diário Trabalhista" — tem como candidato a vereador o seu próprio diretor, sr. Eurico de Oliveira. Legenda: P.T.N.

"Resistência", — tem como candidato o seu redator, sr. Victor do Espirito Santo. Legenda: E.D.

"Democracia" — tem como candidato o seu proprietário, sr. Napoleão Alencastro Guimarães. Legenda: P.T.B.

"Motor", — revista técnica, — tem como candidato seu diretor, sr. Santos Melo.

"Gazeta de Notícias" — tem um candidato na pessoa do sr. Calazans de Campos. Legenda: Partido de Representação Popular (Integralismo).

Há ainda entre os candidatos alguns que são jornalistas em disponibilidade ou que trabalham "free lance", como é o caso, por exemplo, do sr. Joel Silveira, do sr. Pedro Xavier de Araujo e do Sr. Augusto Pamplona, respectivamente apresentados pela E.D., pela U.D.N. e pelo P.S.P. Além destes há outros que colaboram assiduamente em jornais ou neles mantêm seções, como, por exemplo, os srs. Jorge de Lima, Alexandrino Agra e outros. Dir-se-á que a imprensa exerce uma função pública e que cada jornalista, com uma pena na mão, defendendo os interesses da sua cidade, é por si mesmo um vereador sem vereança. Mas, apesar disso, suspeitamos que nem mesmo dentro da A.B.I. poderíamos encontrar tantos jornalistas...



Quaisquer que sejam as tuas tendências, leitor, não deixes de comparecer ao pleito de 19 de janeiro. Vai e leva o teu voto ao teu partido, ou, se não tens filiação partidária, aos teus amigos que são candidatos e que reconheces como pessoas honestas e dignas. Ou vota no homem público que conquistou o teu respeito e a tua admiração pela sua conduta coerente e pela sua dedicação os interesses populares. Valoriza bem o teu voto, não o desperdices, porque na capacidade do eleitor de escolher os mais capazes entre os capazes e os mais dignos entre os dignos é que repousa a própria essência da vida democrática. Um voto bem dado aprimora o regime. Um voto desperdiçado, malbaratado, estragado, desmoraliza-o, compromete, vicia o sistema democrático. Vota bem e, votando bem, vota de preferência naqueles que se batem pela democracia, pela soberania do voto, pela manutenção das liberdades públicas contra qualquer forma de tirania ou de opressão.

Este é o ex-chefe de Polícia do Distrito Federal, ex-interventor federal em São Paulo, ex-ministro do Brasil no Canadá, — Sr. João Alberto Lins de Barros. E' o ditador da Fundação Brasil Central. E' candidato do P.T.B.



Este é Jorge de Lima, o poeta nacional de "Essa negra Fulô" e médico dos choferes do Rio de Janeiro. Figura como candidato na chapa da U.D.N. Está praticamente eleito, tal é a sua popularidade e, sobretudo, a sua clientela gratuita. E' também professor de um instituto superior de ensino.

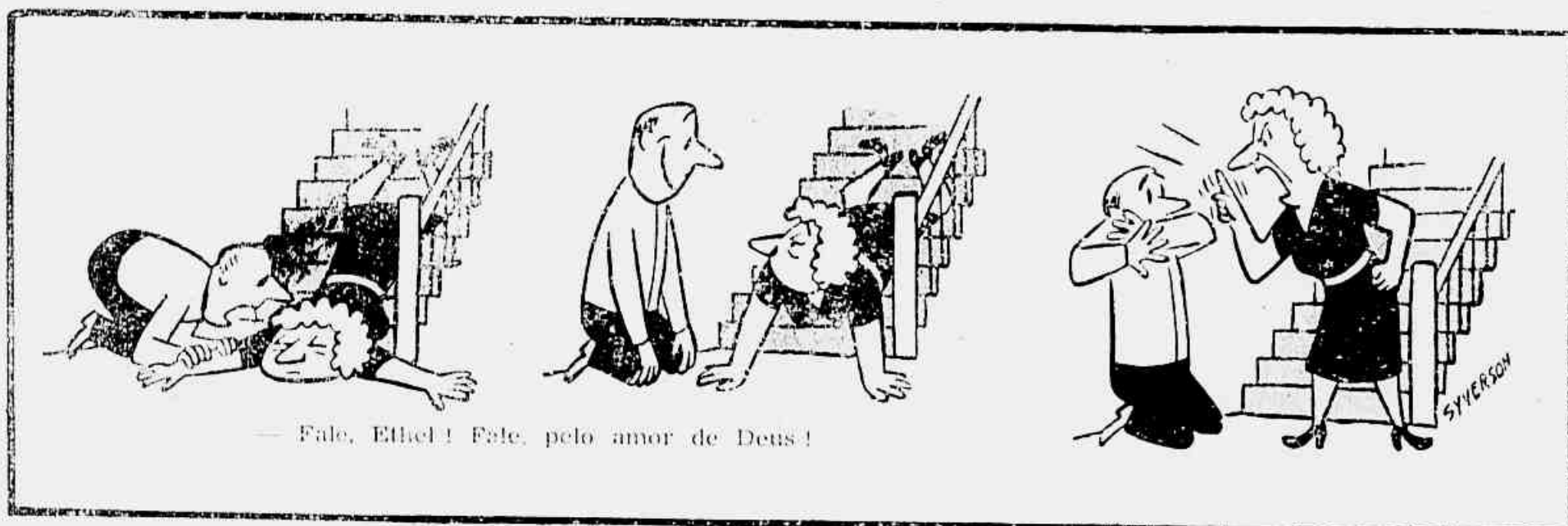




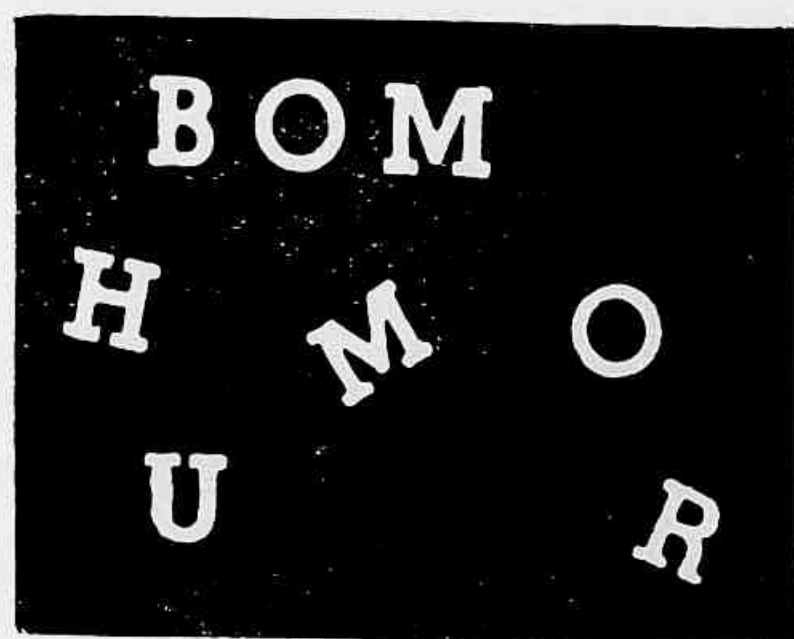
— Não... Não há nada... É um modelo de emergência e
fica assim todas as vezes que está degelando...



— Muito obrigada, pela corrida... Espero não ter afastado o
senhor do seu caminho...



— Fale, Ethel! Fale, pelo amor de Deus!

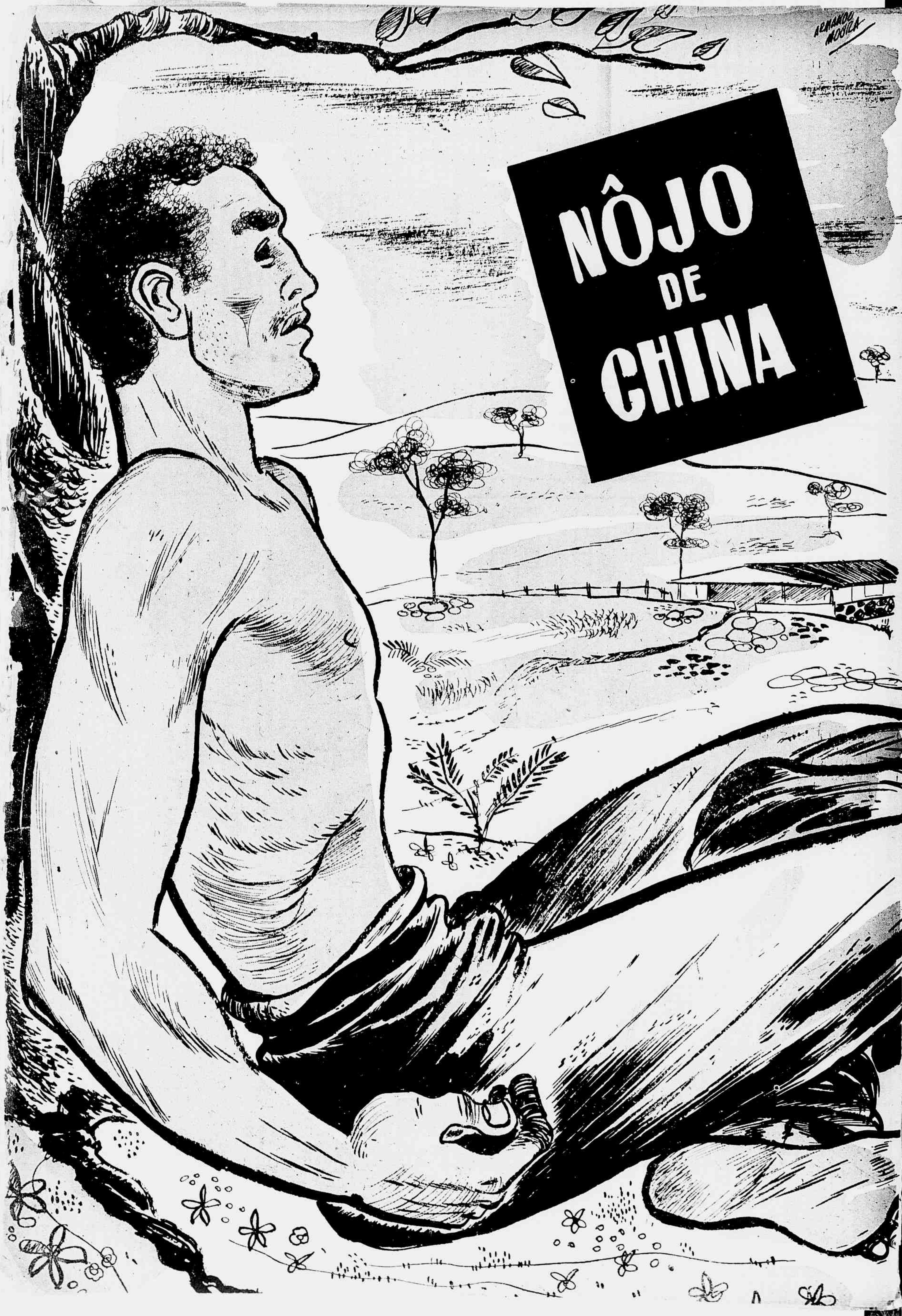


— Alô, Joe! Quando você voltou para a cidade?



Qual de vocês duas atende agora pelo nome de "coisi-
nha atômica"?





NÔJO DE CHINA

O BASILIO era um negro, desses negros retintos que se confundem nas trevas que se escondem em qualquer sombra sem que ninguém veja. Negro possando, forte como touro, que andava sempre com uma camisa de cor duvidosa molhada de suor, grudada no corpo, desenhando os altos e baixos de sua musculatura de aço.

Era as confanças do seu Pedro. — "O meu pé", como dizia o velho. Não havia serviço que o negro Basilio não fizesse. Aquela touro alçado que vivia na inverno da frente, que ninguém conseguia meter num rodeio, ele o trouxe um dia. A poder de laço gritos, estalos de rélio, dançando, ora nas paletas, ora nos quartos, veio o touro bulando, parando de súbito para escarregar com fúria e mirar o negro com uma promessa de vingança dentro dos olhos.

As carreiras, as paradas repentinas, chegadas e até a lomba. Estacou e mirou por instantes a peonada galopando, rolando o laço a cachorrada gritando para um boisinho que se escapara, e depois jogou-se lançante a baixo e na mesma corrente embarafustou-se rodeio a dentro.

O gado tomado de pânico esparramou-se pela várzea por entre mugidos e nuvens de poeira. Em poucos minutos desfez-se o trabalho inteiro da peonada, começado antes mesmo de clarear o dia. Lá ao lado de um cocheo vazio, num desafio arrogante, estava o touro alçado escarvando impaciente.

E lá sobre a lomba, o negro, cogando a carapinha, com os olhos de pixe brilhando de assombro esconjurava boatinho. Quando o patrão lhe passou uma boa roçada ele respondeu, amarrando a boina suja:

— F... o rodeio se foi, sim... mas o touro veio!

E o peito largo se encheu de satisfação.

Perto do velho ele era bem tímido. O vazeirão tornava-se um sussurro rouco no afã de falar baixo. A alpercata furada na ponta do dedo grande riscava o chão fazendo arabescos estranhos e o mais que podia articular roucamente era o: — Sim, sim, patrão.

Mas longe dele, lá no galpão onde mandava a peonada, lá a coisa era diferente. Contava sua vida quando era mascote, suas brigas de bolcheiro, as fa-

cadadas que dera e que levava. Contava tudo e a rapaziada ficava quieta no meio do escuro sambido pelas chamas da fogueira.

Ria e cantava com frequência. Suas gargalhadas alegres eram fortes e reboavam no galpão ou campo fora como o grito do peão recolhendo as vacas. As vezes aparecia o velho para fazê-lo calar, mas... não podia! Ao assomar à porta estreita a alegria sincera e ruidosa o contagiava e seu rosto se abria num sorriso. Dava as costas sem fazer ruído e voltava para a casa.

Basilio sabia mais cantos que todos os gaitiros do rincão, Mazurkas, schottish, rancheiras, vidalitos, corridas, tangos, era só dar o nome que ele dava a música e a letra.

Noite de lua, escondido na sombra forte dos anjos da frente do galpão, abraçava o peito em canções tristes. Cantava até que aparecia o velho pedindo que parasse.

— Não é por mal, não. E' que Rosinha está chorando.

Então o Basilio guardava o violão e ia amarrar o pouco sob um dos anjos.

— Não posso dormir aqui dentro quando a lua está clara como hoje. Parece que ela me chama, dizia ele para os companheiros.

E lá se ia com o serigote e o xergão, e os polegões folgados arrastando nas quantumas, fazer cama para flitar a lua até que os olhos se fechassem, pesados de sono.

Foi tudo o que se pode imaginar que um negro do seu feitio fosse capaz de ser. Bolcheiro, carreteiro, mascote, soldado, e por sinal que deu uma tunda num tenente e fugiu para o outro lado, indo morar um tempo no Uruguai. Por influência talvez, do ambiente, deitou-se ao contrabando de fazendas e ninharias. Foi depois ladrão de ovelha, de cavalo, de boi gordo e até um touro de raça passou por suas mãos enormes. Só não foi chineiro. Teve sempre raiva de mulher. Quando chegou nos pagos montado num laço de clina sedosa, com os apertos de prata luzindo, o chapélio quebraço oculando seus olhos de pixe e o lenço vermelho sangrando no pescoço, logo as moças penduraram os olhos.

A mulatinha Inácia foi a primeira que lhe disse alguma coisa de amor. Também! Era a mais afolta e arrebitada!

Conto de THEREZA ALMEIDA * Ilustração de A. MOURA Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA

Indagou o quanto pôde e ao saber pela própria boca do Basilio que ele não queria conversa com salas, fez um beijo de despeito.

— Isso é porque nenhuma ligou pra ti. Tá se vendendo...

E a negra deu-lhe as costas e saiu toda dengosa sacudindo os quadris.

Ficou de peão na estância do Córro porque simpatizou com o velho e porque o rancho da Inácia era pertinho. Tinha que dar uma lição nessa china!

Certa noite, noite clara, silenciosa, pegou o violão e rugiu para o rancho da mulata. Não havia cochorro e só os quer-queros gritaram quando ele chegou.

A mulata assemou à janela estreita do rancho e ficou a olhar enquanto ele aliava o violão. Depois, uma canção apaixonada bailou pelo ar e a Inácia ficou a luz que pouco a pouco se sumia por trás das nuvens grossas que corriam no céu.

E quando tudo ficou mergulhado em sombras ela abafou um grito ao sentir um braço musculoso rodear-lhe a cintura fina e suspendê-la, puchando-a para fora.

Os rostos da canção dançavam ainda dentro da noite e ainda o braço do Basilio rodeava a cintura da mulata.

Abriu-se uma fenda no céu e a luz da lua caiu em cheio sobre eles envolvendo-os numa claridade morna e misteriosa.

Inácia tremia.

— Quero um beijo! disse o negro bem junto ao seu ouvido, estreitando-a mais e mais.

Aproximaram-se as cabeças e os lábios da mulata já se entreabriam quando Basilio largou-a de súbito. Empurrou-a para um lado quase brutalmente pegou o violão que estava encostado ao rancho e aproximou-se do cavalo. Montou de um salto, esporeou com força o alazão e foi até à porteira num galope só. Depois voltou para alitar-lhe um punhado de palavras que o eco repetiu:

— Eu só do beijo em nega bonita!

E saiu às gargalhadas pelo campo a fora, enquanto Inácia ardia da raiva e do desejo.

Mas não ficou só nisso, que o Basilio gostava de se divertir.

Deu em frequentar os bailes da redondeza e fazia da Inácia o seu par eletivo.

Quando começavam a dançar as velhas cochichavam que era uma vergonha. E o Português ali num canto torcia os bigodes com os dedos tiemendo de ralva.

A mulata na primeira vez negou o estribo. Mas se arrependeu logo porque o Basilio foi se chegando sem mais nem menos e encostou nos braços musculosos ferrendo-a a dançar.

Em todos os bailes era a mesma coisa. O Basilio dançando agarradinho com a Inácia. O Português mastigando ralva junto com o bigode grosso, fitando os dois com o ódio brilhando dentro do olhar. E as velhas linguarudas batendo papo pelos cantos da sala, as moças rindo do inveja ou despeito e a rapaziada cochichando ali.

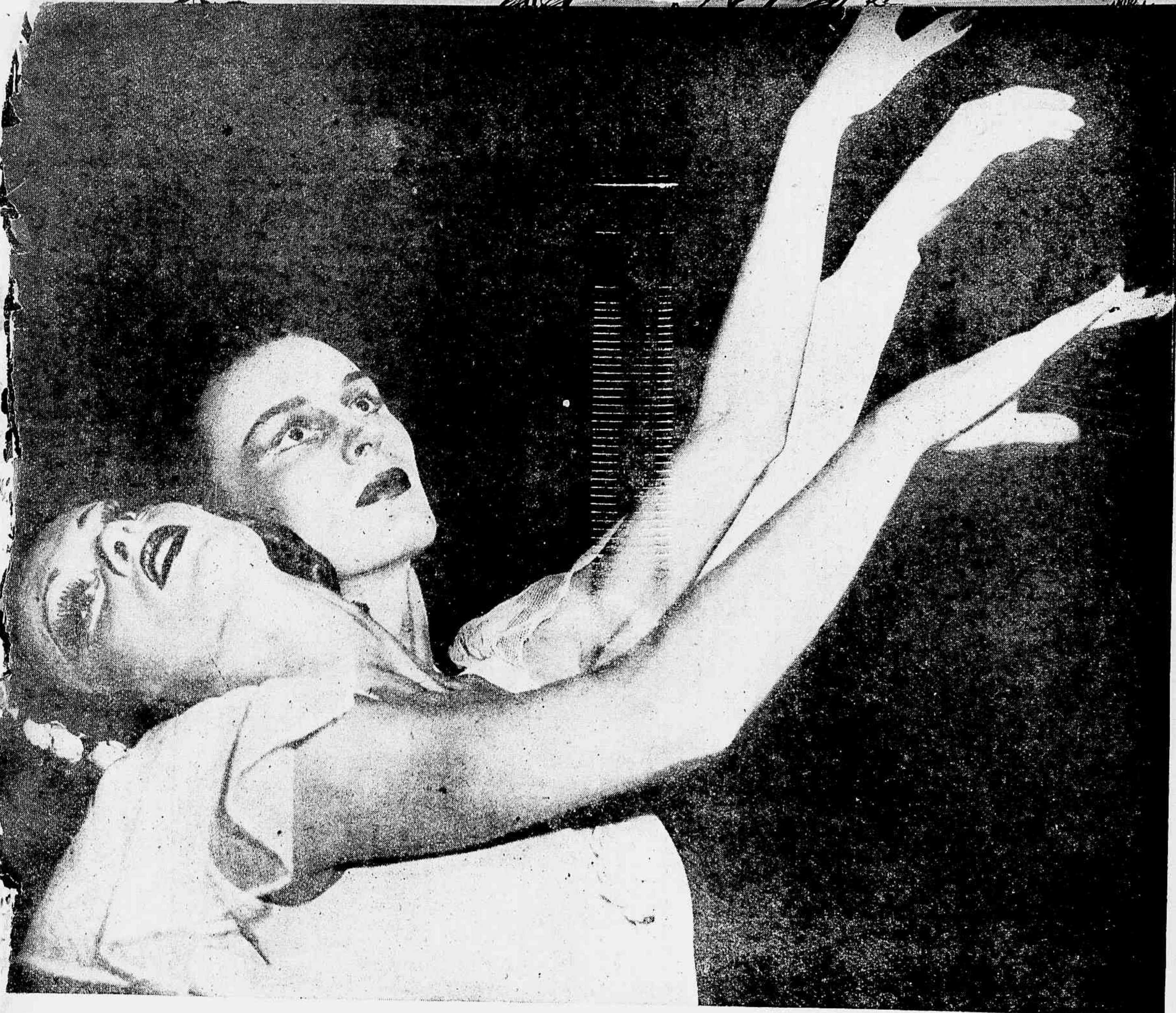
Inácia chegava sempre chorando quando voltava de um baile. Mas no próximo lá estava ela rebolando os quadris redondos rindo, conversando, cochichando às vezes alguma coisa no ouvido de um mais atrevido, até que chegava o Basilio e ela começava a tremer.

Tinha ódio daquele negro que a humilhava; tinha raiva de vício, peritinho, rogando, de vez em quando os lábios grossos e quentes pela sua face. Não queria dançar com ele, mas quando sentia aquele braço rijo apertando-lhe a cintura toda a raiva passava. E ela ficava com medo do qualquer coisa que não podia explicar.

Nessa brincadeira, que para o Basilio não era outra coisa, ele foi se deixando prender, foi caindo, foi gostando dos requieiros, dos olhos, da boca polpuda, dos dentes alvos brilhando no sangue dos lábios, e lá um belo dia aquele beijo que Basilio não quisera unir os lábios de ambos.

Agora a gargalhada forte não enche mais o galpão nas noites gossadas e o violão não geme e ninguém mais dorme na sombra dos anjos olhando para a lua.





Tatiana Leskova e seu "partenaire" Nat Stoudenmire. Ela é russa e ele é norte-americano. (Foto Sascha Harmisch).

BAILARINOS DE VÁRIAS NAÇÕES "ENCALHADOS" NO BRASIL

Libelo contra o coronel De Basil — "Ballet" russo... de Paris — A União Nacional de Estudantes e a arte coreográfica — Tamara Grigorieva, Vladimir Irman, Nina Verchinina e Tatiana Leskova fazem declarações — Lydia Kuprina, a que veio da terra dos cangurus — James Upshaw e Nathaniel Stoudenmire, dois norte-americanos que foram ficando — Amália Lozano veio da terra de Peron e não quer mais voltar.

Especial para REVISTA DA SEMANA

Reportagem de LIUBA VATINYCK

Esta reportagem é destinada a chamar a atenção do público para várias figuras de destaque do mundo coreográfico que "encalharam" no Rio de Janeiro. Artistas de várias nacionalidades, — da Rússia, da Austrália, dos Estados Unidos e da Argentina, — estão dando impulso e vitalidade à dança no Brasil, assim como elementos estrangeiros também infundem uma força nova ao nosso teatro. Mas, além disso, esta reportagem é ainda um libelo contra o coronel De Basil, o empresário de bailados que, há longo tempo, vem sendo apresentado como um explorador dos artistas, cujo trabalho remunera parca e irregularmente, sacrificando, além do mais, a expressão artística dos bailados à finalidade comercial e à sua ganância de "entrepreneur". Alguns dos artistas que "encalharam" no Rio de Janeiro o fizeram por terem simpatizado com a nossa terra e a nossa gente. E por acreditarem sinceramente que poderão não só trabalhar entre nós como contribuir para a formação de novos artistas. Outros, entretanto, quase que apenas para se livrarem do coronel De Basil!

TAMARA GRIGORIEVA E VLADIMIR IRMAN, UM CASAL PERFEITO

É num apartamento da Avenida Atlântica que mora o consagrado casal de artistas Tamara Grigorieva-Vladimir Irman. São dois notáveis artistas que "encalharam" no Rio. Ambos sim-

ples e amáveis. Foi um prazer ouvi-los. Sempre me constara que os numerosos bailarinos que a companhia do Coronel De Basil na temporada de 1942, dos quais muitas fixaram residência no Rio, haviam se desligado desse famoso conjunto por motivos financeiros. Por isso, após conversar um pouco com Vladimir Irman, artis-

ta de ampla visão, inteligência e cultura, resolvemos insistir na razão verdadeira pela qual celebridades como ele e sua esposa tinham deixado a Cia. de Ballet Russes, para ficar em um centro de possibilidades limitadas, como é o nosso. Irman traçou a situação com muito conhecimento e humor. Falou de modo sincero sobre seus estudos e convicções artísticas.

— No meu caso o ordenado realmente não correspondia. Mas não foi essa a causa essencial do meu desligamento do conjunto. Quando, satisfazendo minha vocação, fui aprender bailados, não pensei em ficar rico. Gosto de dançar. Sou artista e não empresário.

"BALLET" RUSSO... DE PARIS!

Compreendemos que tinha o privilégio, tão raro em nossos dias, de estar diante de um idealista. Deixamos que ele prosseguisse:

— Não quero tirar ao coronel De Basil um grande mérito que lhe pertence e que é o de ter mantido o Ballet, depois do desaparecimento de Diaghilev. No início o seu conjunto conservou um nível superior, devido à rigorosa seleção de valores que integravam o seu elenco. Eu, por exemplo, quando fui convidado para a companhia, era aluno da célebre professora russa Preobrajenskaia que dirigia a mais famosa escola de bailados em Paris. De todas as partes da Europa e até da América do Norte vinham alunos para com ela aperfeiçoar seus estudos. Apesar da idade avançada, de quase 80 anos, Preobrajenskaia era uma mestra perfeita. Artista de grande inspiração relegava ao segundo plano o resultado financeiro do Curso que dirigia, em benefício dos seus resultados artísticos. Stepanova, Grigorieva e muitas outras foram suas alunas. Quando o coronel De Basil, de volta de suas "tournées" artísticas pelo mundo,



Nina Verchinina, que está à frente da Escola de Bailados do Teatro Municipal, abraça Tamara Capeller, depois de uma brilhante "performance" dessa jovem bailarina, que é, praticamente uma descoberta de Igor Schwesoff. (Foto Sascha Harnisch).

passava por Paris e precisava de dois ou três elementos novos, escolhia-os entre os mais destacados alunos de Preobrazenskala ou outros mestres eminentes. Essa superioridade do conjunto deu muito prestígio a Cia. de Ballets Russes. Mais tarde, porém, o sucesso de bilheteria passou a constituir o seu objetivo primordial e único. E' inútil explicar que ali não havia mais ambiente artístico. Foi essa a causa pela qual acabei preferindo os bem remunerados contratos dos cassinos.

A UNIAO NACIONAL DE ESTUDANTES E A ARTE COREOGRAFICA

— E quais são atualmente suas atividades? — perguntamos.

— O trabalho essencial a fazer aqui é preparar elementos que permitam, no futuro, a organização de bons elencos. Eu e Tamara lecionamos na União Nacional dos Estudantes. Espero que o resultado dessas nossas atividades seja satisfatório.

— O que pensa da situação atual do Ballet na Europa?

— A França recuperará o destacado lugar que sempre ocupou. E' uma grande

terra propícia ao desenvolvimento de todas as realizações artísticas.

— Quais seus planos para 1947?

— Recebemos convite, diz Tamara, para a temporada de bailados no Colón, de Buenos Aires. Ainda não temos, porém, nada decidido.

MANIFESTA-SE O BRASILEIRO GEORGE

Durante as últimas palavras de Tamara faz-se ouvir no ambiente um fundo musical. E' o choro de George, filhinho do casal. Tem sete meses de idade. Tamara pede licença para um instante. Eu e Irman falamos sobre a Ucrânia, sua terra natal. Tamara também é filha de imigrantes russos. Quando ela volta do interior do apartamento pergunto-lhe se tem notícias do "ballet" na Rússia. E ela me diz:

— Em palestra com a filha do embaixador Yacov Suritz falamos muito sobre bailados e então tive oportunidade de admirar muitas fotografias trazidas de lá. Os movimentos de renovação que interferiram na música, literatura, pintura, etc. não atingiram o "ballet", que permaneceu inteiramente clássico. A escola de dança na Rússia segue sua velha tradição.

— Que impressões trouxe dos Estados Unidos? — pergunto.

Tamara responde.

— Como tudo na América a preocupa-



Wladimir Irman, o excelente dançarino, que desertou do "ballet" do Coronel De Basil por causa do mercantilismo e da avareza do famoso empresário. Entre outras coisas, ele dançou em "Sonho Carleoca", o "show" musical que os críticos teatrais com muita justiça premiaram como o melhor do ano.



Em cima: James Upshaw e Lydia Kuprina representam os Estados Unidos e a Austrália no movimento coreográfico que vem se acentuando singularmente no Rio de Janeiro. Ficaram nos cassinos e "encalharam" definitivamente no Rio (Foto Halfeld). Em baixo: Nina Verchinina, corrigindo atitudes de suas alunas no Teatro Municipal. (Foto S. Harnish).



ção máxima é a técnica. A interpretação, o sentimento humano da obra, não estão em proporção à virtuosidade. Há muitos bailados novos com argumentos abstratos, expressionistas, psicológicos. E' moda...

Adoiteio para perguntar quais são os principais nomes que estão se impondo nesse gênero.

— Há diversos, — diz Irman, — sendo os mais destacados Antony Tudor, na Inglaterra, e Jerry Robbins, na América.

Seria capaz de ficar a manhã toda ouvindo esse casal encantador falar sobre assuntos cosmopolitas. Mas preciso prosseguir. E despedimo-nos, em russo:

— Dosvidanie!

— Dosvidanie!

NINA VERCHININA "ENCALHOU" NO TEATRO MUNICIPAL

O chofer que nos trouxe de volta, era um caso perfeito de dupla personandade. Ao volante ele esquece sua verdadeira identidade para assumir a outra, que é a de Pintacuda. Enfim, chegamos são e salvos à cidade. A segunda escala dessa viagem relampago foi no Municipal.

Quando lá cheguei era hora de ensaio. Soube, mais tarde, que ocupam 11 horas por dia, aproximadamente. Há três pianistas para os acompanhamentos nos diversos horários. Tinha a intenção de escrever apenas sobre Nina Verchinina, que "encalhou" no Teatro Municipal, mas não se pode falar dessa admirável bailarina sem mencionar o trabalho que ela está realizando na direção do corpo de

baile daquele teatro. Enquanto aguardamos um intervalo observo as jovens bailarinas que se exercitam repetindo os mesmos gestos e movimentos sob o olhar atento de Verchinina, que, calma e paciente, marca o ritmo da música.

Agora duas palavras sobre Nina Verchinina: é ela a iniciadora da junção do "ballet" clássico com o moderno. Suas maiores criações são "Presságios", de Tchaikowsky, e "Choreartium", de Brahms.

No primeiro intervalo Verchinina é informada da finalidade de minha presença e gentilmente nos ofereceu uma cadeira ao seu lado. Perguntamos-lhe se teríamos muitos bailados inéditos no repertório que se prepara para a temporada de 1947 e ouvimos, encantada, essa resposta

— Pretendo apresentar muitos bailados desconhecidos à nossa platéia e posso desde já adiantar-lhe os nomes dos autores: Gershwin, Stravinsky, Ravel, Tchaikowsky, Bach, Max Steiner e outros.

— Quais os bailados que está ensaiando atualmente?

— Além de vários "divertissements", ensaio "Pas de Quatre", de Tchaikowsky e "A Noite de Valpurgis", da ópera "Fausto", de Gounod. Agora vamos começar o ensaio de um "Noturno", de Chopin.

Verchinina faz sinal ao pianista para dar início à música. Permanece no meu canto assistindo agora a algo mais que o esforço físico requerido pelos exercícios; é a vez de cuidar da interpretação.

Nina Verchinina que tem a visão completa do trabalho coreográfico, exigindo que cada um dos intérpretes atinja o nível máximo dentro da harmonia do conjunto. As inúmeras repetições vão imprimindo maior naturalidade à exteriorização desse amálgama de sentimentos que transborda da música, até oferecer a ilusão de espontaneidade.

Já é passado muito tempo. O sol entra com maior intensidade pelas janelas altas do Municipal e os bailarinos ainda tecem gestos e passos através as notas românticas do "Noturno" de Chopin.

Aproveitamos uma breve pausa para sair da sala, na ponta dos pés.

TATIANA LESKOWA, A QUE JÁ FOI ATRIZ...

Pelos corredores grupos de bailarinas conversam ou tomam café. Cada uma é portadora da alma de um personagem, uma partícula viva e palpitante de um sonho coreográfico. Entre elas encontramos Tatiana Leskowa. Perguntamos suas impressões sobre as platéias para as quais tem dançado. Ela responde pausadamente, com voz suave.

— A situação atual, de um modo geral, é difícil para o artista. Impedida durante muitos anos de viajar pela Europa con-

va muito nos Estados Unidos, mas o público americano está com o gosto estragado. Considero o público inglês o mais entendido e exigente do mundo. Admirei muito, quando lá estive, seu corpo de baile, que é superior e muito disciplinado.

— Gostaríamos de conhecer suas impressões sobre as platéias sul-americanas.

— Ótimas. Prefiro, entretanto, falar do meu contato com esse público como atriz.

E ante a nossa surpresa, Leskowa continua:

— Quando Madeleine Ozeray se desligou da companhia de Louis Jouvét e formou sua própria companhia, aceitei dele um convite para trabalhar no teatro. Isso foi em Buenos Aires, no Odeon. Nunci havia representado, entretanto, não senti o mínimo receio, o que geralmente não acontece quando eu danço, apesar de ter sido sempre bailarina.

Eu estava ansiosa para conhecer seu repertório e perguntei:

— Quais as peças principais que você representou?

— "Jeanne D'Arc", de Charles Peguy, e "Histoire de rire", de Armand Salacrou.

— Antes de terminar gostaria de saber suas impressões sobre a situação do "ballet", no Brasil?

Amalia Lozano veio da Argentina para reforçar o corpo de baile do Municipal, que Igor Schwesoff encontrou fraco e desorganizado. Numa entrevista dada em Nova York ele disse que havia bailarinas matronais, de mais de cinquenta anos, dançando com rapazes de dezessete... Amalia Lozano foi ficando e ainda continua por aqui...



Nathaniel Stendenmire, numa fotografia autografada para REVISTA DA SEMANA. Foi Igor Schwesoff quem o trouxe para o Brasil. (Foto Sascha Harnish).

— Vejo boas perspectivas para o seu completo desenvolvimento aqui. O que nossos bailarinos precisam é mais disciplina e noção de responsabilidade. Se não faltar estímulo dos poderes públicos, poderemos realizar muito sob a direção competente de Verchinina.

LYDIA KUPRINA, A QUE VEIO DA TERRA DOS CANGURUS...

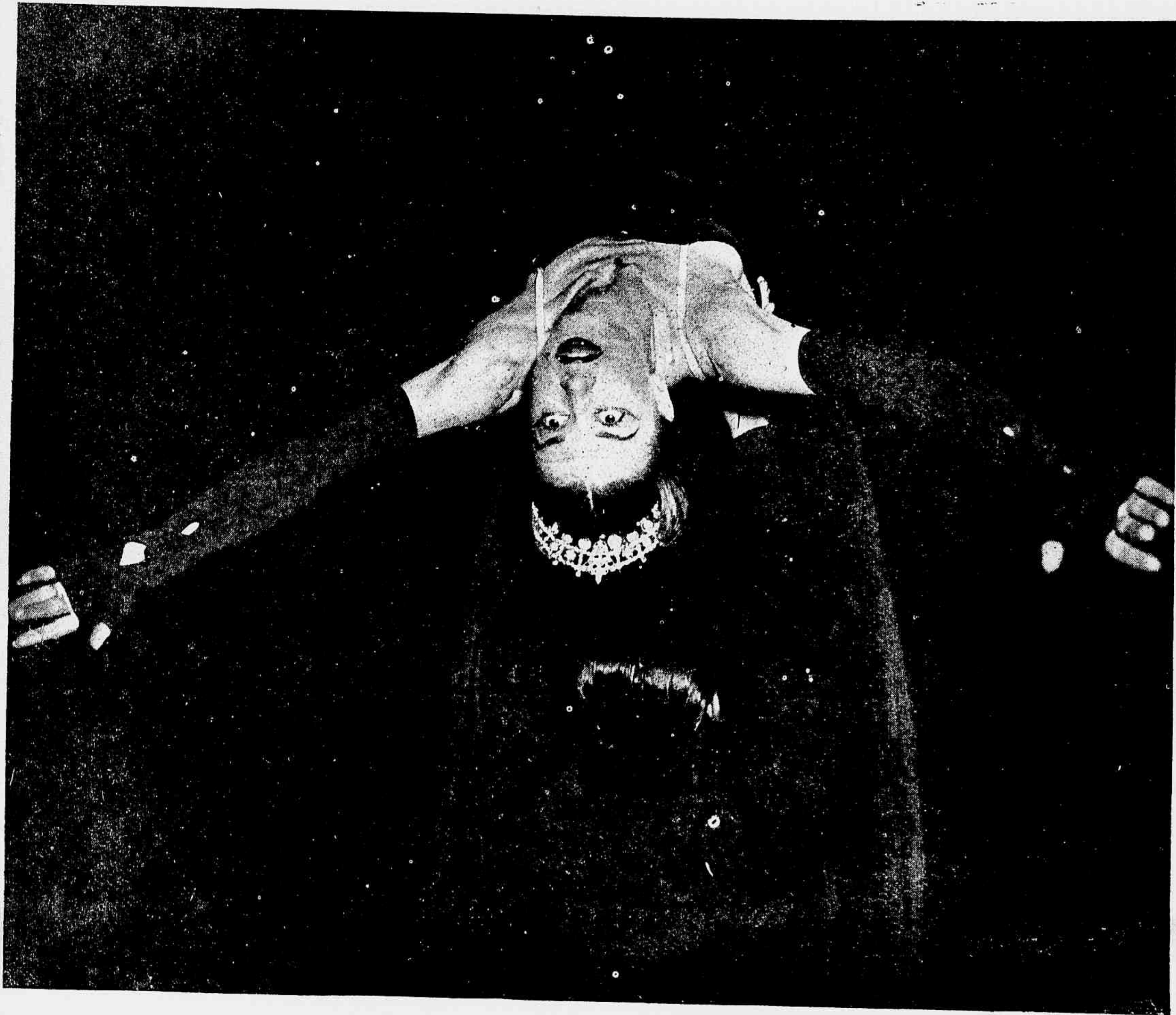
Acaba de chegar Lydia Kuprina, a esplêndida bailarina australiana, e apresenta-me a seu esposo James Upshaw. Conversamos um pouco. As opiniões de Kuprina coincidem com as de Irman a respeito da Cia. de Ballets Russes. Ela diz:

— Na última temporada da Companhia,

em Buenos Aires, trabalhei como solista. Designei-me do elenco porque não havia bons coreógrafos, seleção de bailarinos, nem renovação de repertório. Tínhamos que nos limitar a repetir constantemente os mesmos bailados. Pagavam mal e irregularmente. Por isso preferi ficar aqui quando tive oportunidade de dançar num cassino. Pouco depois destiti, porque isso também não me satisfazia. Atualmente estou contratada pela Prefeitura. Eu e James Upshaw fomos convidados para um filme que será rodado na Cinédia. A música está a cargo de Vicente Paiva. Preparamos, para o mesmo filme, uma polka de William Walton, compositor inglês.

— Quais os seus bailados preferidos?

— "Prelúdio de Silfides", "Cotillon" e "As mulheres de Bom Humor".



Lydia Kuprina e seu marido, James Upshaw, dançando no Teatro Municipal. O flagrante é de Sascha Harnisch.

JAMES UPSHAW, UM DOS NORTE-AMERICANOS "ENCALHADOS"

James Upshaw é americano, mas muito identificado com os bailados russos. Seus números preferidos são: "O Filho Pródigo", de Prokofieff, e "Barba Azul", coreografia de Fokine.

Aproveitamos para perguntar-lhe se ele acompanha o movimento coreográfico americano, quais os bailados novos de maior sucesso.

— Há muitos valores novos na América, diz Upshaw. Um deles é Jerome Robbins, autor do bailado "Fancy Free", história de três marinheiros americanos que conseguem uma noite de licença durante a qual acontecem muitas aventuras no gênero americano, que dão motivo ao bailado. Esse bailado alcançou sucesso não só na América, como em Londres.

Kuprina e Upshaw pedem licença e vão aguardar sua vez para o ensaio.

AMÁLIA LOZANO VEIO DA TERRA DE PERON E QUER FICAR

Como sei que temos atualmente no Municipal uma encantadora bailarina argentina, que pertenceu ao coro de baile do Colón, pareceu-me interessante ouvi-la falar sobre o Brasil. Amália Lozano

muito risonha, recebeu-me em seu camarim.

Gosto imensamente do Brasil, dos meus colegas do Municipal, especialmente de Verchinina. A primeira vez que aqui dancei foi na temporada de Igor Schwezoff. E por falar nele — que grande mestre e que grande amigo! Estimula o trabalho do artista, desperta o sentimento, consegue uma perfeita colaboração de todos. Para haver harmonia num bailado é preciso cooperação entre o coreógrafo e os bailarinos. Ele encontrava boa vontade de todos porque não só é um grande mestre, mas também ótimo colega. A temporada de 1947 promete muito sucesso, porque entre Verchinina e os artistas há também um entendimento perfeito. Meu contrato termina este mês mas eu gostaria de renová-lo, pois só tenho motivos para estar satisfeita no Brasil.

Os bailados que Amália Lozano prefere são: "Valsa de Mefisto", de Liszt, e "Clair de Lune", de Beethoven.

NAT SToudenMIRE JÁ É QUASE CARIOCA...

Ainda havia um bailarino que desejávamos entrevistar. Era Nathaniel Stoudenmire, cujo soberbo trabalho no "dancarino da fita" havíamos admirado muito,

quando apresentaram "Papoula Vermelha", com música de Reinhold Glière. Quando terminou o ensaio, conversamos. Nathaniel nasceu na Carolina do Sul, Estados Unidos. Mas já é quase carioca... Veio para o Brasil em 1945 para participar da temporada de Schwezoff. Admirei-me de ver como ele já fala bem o português e lhe pedi que me contasse algo sobre seus estudos.

— Aprendi a dançar na própria cidade onde nasci. Depois fui aperfeiçoar meus estudos com Vitale Fokine (filho do famoso Michel Fokine) e trabalhei em Nova York, em companhia sob a direção desse coreógrafo. Mais tarde aceitei um convite de Igor Schwezoff sob cuja orientação trabalhei até minha vinda para o Municipal. Quando aqui chegamos, Schwezoff encontrou o corpo de baile muito desorganizado. O que é preciso no Municipal é um coreógrafo permanente, para que o desenvolvimento dos bailarinos não sofra interrupção e seja mantida a disciplina. Pouco adianta contratar um bom coreógrafo apenas para uma

rápida temporada e deixar que depois se perca todo o aproveitamento, conquistado após muito trabalho e dedicação. Parece-me que desta vez andaram acertadamente entregando a Nina Verchinina a direção do corpo de baile por um prazo relativamente longo, pois só o trabalho assíduo pode beneficiar o artista.

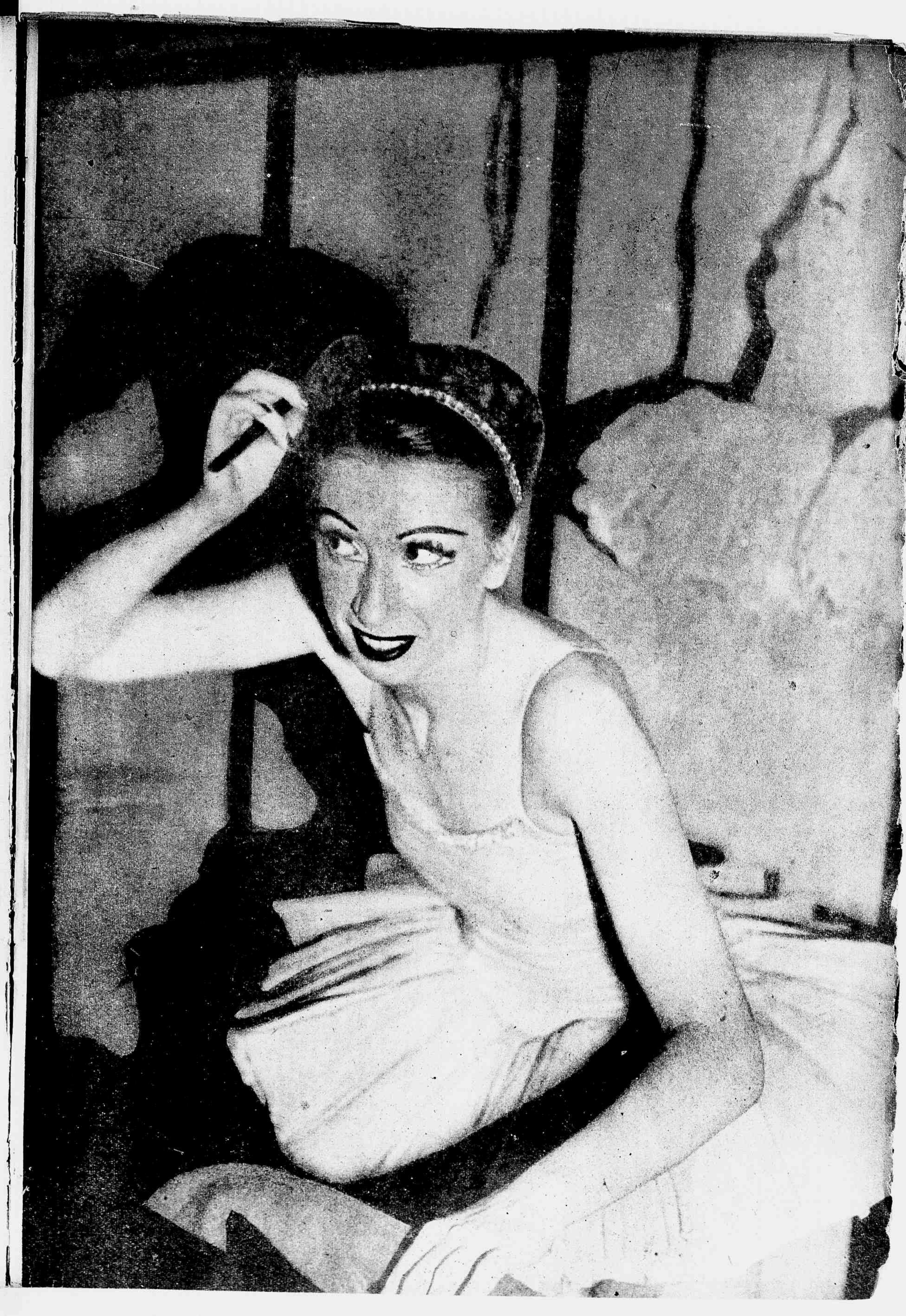
— Qual a impressão que guarda dos bailarinos norte-americanos?

— Técnicamente perfeitos. Muito bem apresentados, mas a comercialização excessiva da arte prejudica o trabalho do artista que não se eleva do nível vulgar.

O bailado que Nathaniel Stoudenmire prefere dançar é "Luta Eterna", de Schumann, coreografia de Schwezoff. Disse-me ainda que está disposto a renovar seu contrato, que termina este ano. Gosta do Brasil e dos colegas brasileiros. Ao nos despedirmos Nathaniel recomendou-me que não esquecesse de transmitir aos nossos leitores seus "best wishes".

Descemos rapidamente a escada. Nossa viagem de turismo ao mundo da dança estava terminada.

Esta é Amália Lozano, que veio da terra de Peron e quer ficar por aqui. O flagrante mostra a jovem bailarina em seu camarim, preparando-se para entrar em cena. (Foto Sascha Harnisch).



Os homens gostam de mudanças, pois nasceram nômades. Na ordem do dia brasileira está o desejo de uma vantajosa mudança, apenas a da transferência da capital do Brasil, desde 1763 no Rio de Janeiro.

Há quem atribua velhice, o até cabelos brancos, às idéias quando antigas. Sumo poder imaginativo.

De há muito se tem pensado em retirar a capital do Brasil do à beira-mar sempre aberto a invasores.

Para sabê-lo não se carece remontar muito em história pátria, nem revolver nela passadas memórias. Basta ficar no escoado século XIX de nós próximo.

Nele, nas páginas do histórico, "Correio Brasiliense", Hipólito da Costa advogou a causa da mudança da capital do Brasil. Entendia o publicista a cidade mestiça melhor assentada na parte menos exposta do seu país.

A idéia caiu em sono, este também permitido às idéias, sobretudo quando boas. A Constituinte de 1823, de exemplo às dissoluções de Constituintes despertou a idéia de mudar a capital do Brasil.

Tornou entretanto a idéia a sono, novamente despertada por Varnhagen homem de um Império no qual algumas províncias mudavam suas capitais. Não sem lutas maiores ou menores e ressaqueamentos perdurantes.

Sebastião Fleury Curado, constituinte de 1891. Com outro constituinte, Belarmino de Mendonça, autor de projeto de mudança da capital da República do Brasil.



A dor de perder é terrível, até entre rivais disputando a mesma dama.

Na próprio período colonial quando se moveu a Bahia deixando de ser o centro do Brasil, em 1763. Havia de mostrá-lo em 1808 a cidade do Salvador.

Entre festas procurou reter D. João Príncipe Regente, na esperança de recuperar o perdido havia quase meio século. Estava a Bahia no seu direito de berço e escola do desenvolvimento do Brasil.

Em 1889 era ele República com um Governo Provisório logo disposto a reunir Constituinte. Esta sem tardança, apromptou lei básica, cuja insóliteza do alicerce o futuro demonstraria, o futuro encarregado de pôr à vista muita gente e muita coisa.

A 24 de Fevereiro de 1891, a República promulgava a primogenita da sua família de Constituições.

A primeira data constitucional republicana mereceu honras de feriado. Seria sumamente com a morte da Constituição que lhe dera o ser, a 24 de fevereiro.

A lei básica de 91 tornou a despertar a idéia da mudança da capital. Logo no terceiro artigo da Constituição de 91 ficou a lêr-se uma ordem, a seguinte:

No planalto central do Brasil pertenceria à União uma zona de 14.400 m², oportunamente demarcados para estabelecimento da Capital Federal. Oportunamen-

MUDANÇA DE CAPITAL

ESCRAGNOLLE D'ORIA

te é advérbio de incrível elasticidade e o futuro de Deus é exclusiva propriedade.

O artigo terceiro da Constituição de 1891 foi acompanhado por parágrafo único. Dispunha o solitário parágrafo que o Distrito Federal, o Rio de Janeiro, constituiria um Estado ao realizar-se a mudança da capital para nova sede no planalto central.

O voto dos constituintes de 1891 esperou realização e dinheiro. Cumpria obter verba para os trabalhos de exploração do planalto central e sua demarcação, trabalhos de entendidos.

Já haviam passados os tempos em que Anhangüera e os seus exploravam terras goianas sem caderneta de campo e teodolito.

O primeiro ministro da Agricultura da presidência militar Floriano, o engenheiro civil Antônio Gonçalves de Faria, tratou de conseguir verba para a comissão exploradora e demarcadora do planalto central.

Determinou por chefe o dr. Luis Cruls, diretor do Observatório do Rio de Janeiro. Chamou Cruls à sua companhia dois especialistas do Observatório, Henrique Morize e Julião Lacaille.

Da comissão participaram oficiais do Exército, entre eles Tasso Fragoso, Hastimphilo de Moura, Alípio Gama. Na comissão figuravam dois geólogos botânicos, Eugenio Mussack e Ernesto Ule, dois médicos higienistas, Azevedo Pimentel e Pedro de Gouvêa. O primeiro daria preciosas informações acerca da missão do grupo explorador — demarcador. Um farmacêutico, Alfredo Abrantes, ajuntar-se-ia aos médicos.

Contingente do Exército era incumbido de seguir e proteger a comissão. Comandava a força o capitão Pedro Carolino Pinto de Almeida, que alferes, comandando no Rio de Janeiro na guarda do Tesouro fora figura de incidente com o visconde de Ouro Preto, ministro da Fazenda.

No contingente do Exército de séquito e proteção à Comissão do Planalto Central incluía-se um alferes goiano, Henrique Silva. Mais tarde major reformado, consagrou vida à defesa e propaganda do terrão natal, por meio de órgão de imprensa, a "Informação Goiana", mantido com sacrifício e dedicação.

O Congresso Federal não se mostrou alheio ao problema da mudança de capital.

Em agosto de 1893, os deputados Sebastião Fleury Curado, representante de Goiás, e Belarmino de Mendonça, representante do Paraná, apresentavam projeto relativo à mudança de capital.

O projeto Fleury-Mendonça constava de doze artigos compendiando tudo quanto de essencial o assunto comportava. Os autores do projeto viam à estadistas.

Propugnavam o deputado goiano e o paranaense a irradiação de linhas férreas, uma de traçado **mais directo** (o grifo é do projeto) destinado a ligar a futura capital da União ao porto do Rio de Janeiro, aproveitando tanto quanto possível as linhas já em tráfego e em construção mais adiantada na direção à futura capital.

Partindo desta, outra via férrea se destinaria a Cuiabá passando pela Cidade de Goiás. Segunda estrada de ferro sairia da futura capital indo até o porto navegável do Paracatú, afluente do S. Francisco. Terceira ferrovia de início em Catalão ligaria a vindoura capital ao vale do Tocantins.

Outras sugestões do projeto Fleury-Mendonça:

A demarcação da área da capital uma vez ultimada, os terrenos de tal área seriam vendidos em hasta pública, individualmente, em número limitado de lotes, às pessoas que quisessem se estabelecer no local.

Mediante favores de preço e outros, o governo concederia lotes de terreno a empresas construtoras de casas de moradia para funcionários públicos, sob a condição de tornar-se o inquilino proprietário do prédio no fim de certo tempo, caso o inquilino se sujeitasse a porcentagem proporcional ao valor do prédio.

Para ocorrer às despesas com serviços no planalto central ficaria aberto, no exercício de 1893, um crédito de 200 contos e outro de 400 no exercício vindouro.

Em agosto de 1893 apresentado o projeto Fleury-Mendonça, não houve ensejo de discutí-lo e votá-lo.

A 6 de setembro de 1893 a revolta da Armada no porto do Rio de Janeiro preocupava o governo e o Congresso, paralisando tudo.

O deputado catarinense Lauro Muller só teve tempo para apresentar emenda aditória ao projeto fixando despesas do ministério da Agricultura.

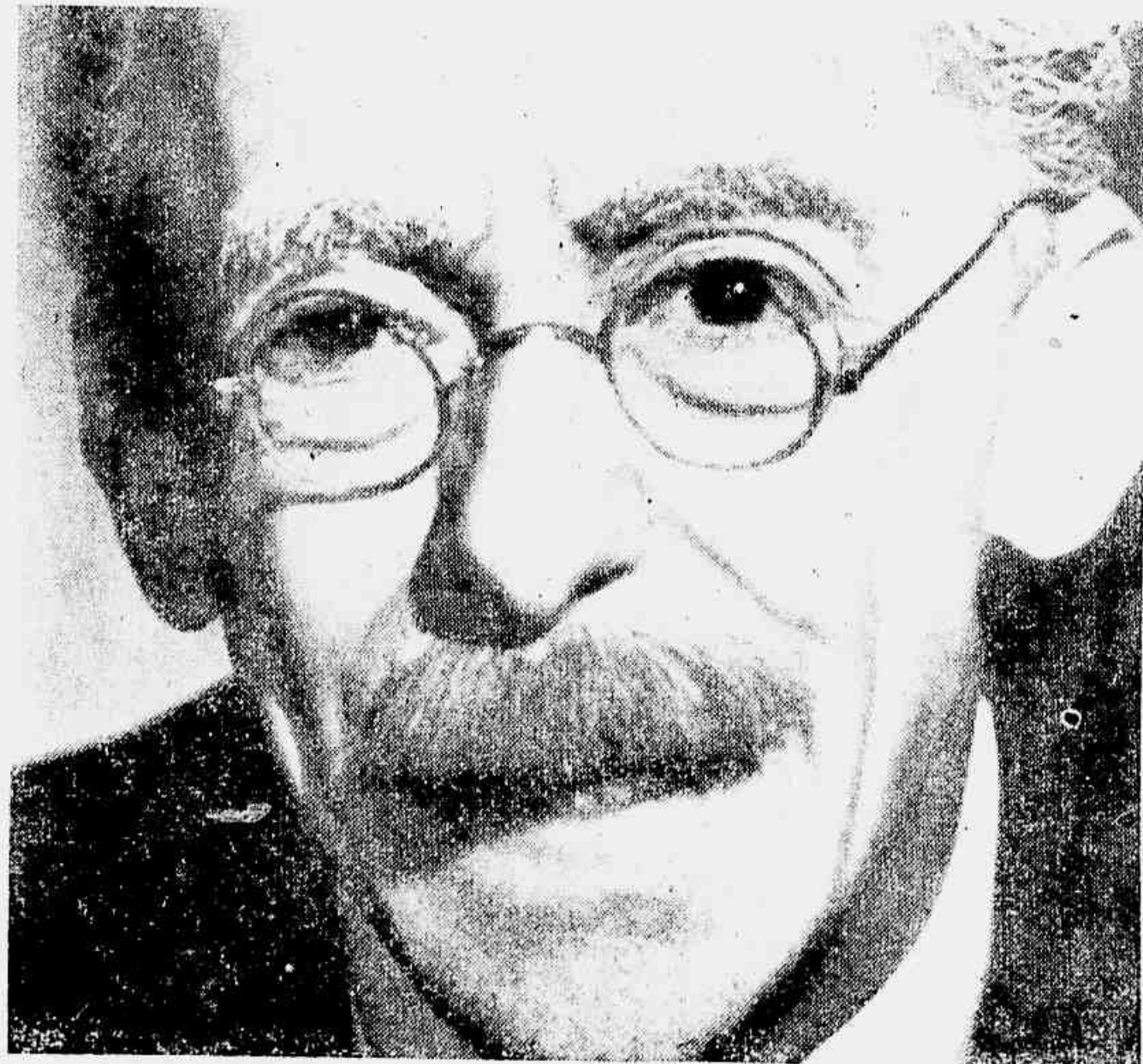
A emenda autorizava o governo a mandar proceder a estudos para a fixação da futura localização da capital e estudos de levantamento topográfico de zona e reconhecimento de via férrea ligando a capital ao Rio de Janeiro, aberto para isto crédito de 350 contos no máximo.

Estão lembrados nomes e sucessos relativos ao resurgir da idéia de mudar capital do Brasil ao mudar este de forma de governo. E' agora fixado o prazo de um decênio para a projetada mudança possivelmente demonstradora de quanto o erário público folga e o Brasil hoje prospera.



MARIA GABRIELA é a mais jovem cantora de música clássica que Portugal já nos enviou. Nasceu no dia 2 de abril de 1924, na cidade de Luanda, tendo completado o curso de humanidades no Instituto de Odvetas, em Lisboa, onde iniciou os seus estudos de canto e música. Foi de início proibida pelo pai de estudar canto, mas quando o mesmo, num recital, ouviu-a interpretar a "Valsa de Museta", da ópera "Bohemia", de Puccini, ficou tão entusiasmado que imediatamente facilitou tudo o que fosse necessário para que a pequena continuasse seus estudos. Ainda menina, estreou num programa infantil da Emissora Nacional de Lisboa interpretando músicas folclóricas da sua terra. Nesta mesma emissora obteve, um pouco mais tarde, seu primeiro contrato como profissional do rádio. Entretanto, a jovem cantora preferiu sempre o gênero clássico, tendo mesmo declarado não interpretar o fado, que é a música mais popular de Portugal, porque sua sensibilidade não se adapta a esse gênero. Maria Gabriela, que acaba de estreiar na Rádio Nacional, é muito franca — uma de suas qualidades — e muito afável. Considera Amália Rodrigues a melhor interprete da música popular de Portugal e Dircinha Batista a mais lidina representante do nosso ritmo. Francisco Alves é o cantor de sua preferência, no seu gênero, e admira Bidú Sayão como uma das mais perfeitas cantoras líricas. Escolheu para o seu repertório, como sua música preferida, "A Casinha Pequena", de Chiquinha Gonzaga. Maria Gabriela já trabalhou no filme português "A Menina da Rádio" exibido há pouco no Rio. Em março de 1947, quando voltará à sua terra, iniciará as filmagens de "O Rouxinol de São Mamede", filme em que fará o papel central, devendo ainda comparecer no celuloide "Alo, Madrid". Os seus maiores passatempos são: o próprio cinema e um bom livro, coisas que adora desde a sua meninice.

A carreira radiofônica de Saint-Clair Lopes da Cunha iniciou-se ao microfone da antiga Radio Phillips, através de um concurso para locutores, levado a efeito no programa "Horas do Outro Mundo", então dirigido pelo conhecido "broadcaster" Renato Murce. Colocando-se em segundo lugar, após uma renhida prova, o nosso biografado teve que procurar outra emissora, uma vez que o programa foi pouco depois encerrado. E ele então na Rádio Educadora, nessa época localizada à rua Marquês de Valença, comandando o "Original Programa", em parceria com Otávio Bentes. Mas, no fim de seis meses, esse cartaz da PRB-7 acusava um prejuízo de cinco mil cruzeiros, razão pela qual o seus organizadores acharam melhor encerra-lo, passando Saint-Clair Lopes para o quadro de locutores da estação, com o modesto ordenado de trezentos cruzeiros por mês. Al permaneceu até o dia dezoto de agosto de 1939, quando assinou contrato com a Rádio Nacional. Na PRE-8, ele deu expansão aos seus pendores artísticos, redigindo programas, como "Os grandes amores da história", "Sonho de valsa" e "Páloramas de minha terra"; escrevendo novelas, como "Amanhã será outro dia", e "Além do horizonte"; fazendo papéis marcantes, como o de "Benjamin Prestes de Oliveira", "O Sombra" e "Manuel Justino"; atuando em programas como a "Voz da RCA", "Almanaque Kolinos". Fora do rádio, Saint-Clair Lopes exerce a advocacia e é capitão da reserva do Exército Brasileiro, tendo sido convocado durante a guerra. É casado e possuidor de alguns alqueires de terra, que lhe foram ofertados por uma "lan", dona Julia Campos de Oliveira. A propósito desse fato, houve certo sensacionalismo, embora o presente não fosse dos melhores... No momento, o locutor-ator da PRE-8, prepara-se para lançar um novo programa.



ATENDENDO à necessidade da renovação de valores, os Ziegfelds radiofônicos espalham-se pelos Estados, a procura de artistas que correspondam à preferência dos ouvintes. Este foi o caso de Neusa Maria, surgida num programa de calouros da Rádio Record, de São Paulo, e vencedora de movimentado concurso para a escolha da melhor sambista bandeirante. Com toda essa "chance", mais a beleza física, não lhe foi difícil galgar as escadas da glória, conquistando a atenção do grande público para seus programas. Entre os seus inúmeros espectadores se encontrava o locutor Cesar Ladeira, então veraneando na capital paulista. Ele se entusiasmou com a interpretação de Neusa Maria, telegrafando a Renato Murce, então à testa da Rádio Club do Brasil, a quem pediu permissão para contratá-la para o "cast" da PRA-3. Renato, que viu logo tratar-se de ótima aquisição, providenciou o imediato embarque da cantora paulista, com a qual reforçaria o quadro de cantores da Rádio Club. A apresentação de Neusa Maria marcou enorme êxito na programação de estúdio da PRA-3. Estávamos à frente de uma promissora estrela, capaz de empanar o brilho de muitas outras. Foi isso o que sucedeu. E a cantora que se revelara "a melhor sambista de São Paulo", em curto espaço de tempo, se tornou a grande atração da nossa música popular, a ponto de ter a Rádio Nacional lhe oferecido melhor contrato. Neusa Maria voltou-se, então, para a PRE-8, estação de que hoje é artista exclusiva. Atuando em diversos programas, como "Calendário musical", "Táboleiro da Bahiana", "Um milhão de melodias" e outras mais, possui grande bagagem musical, tendo gravado números de bastante êxito. E' paulista de nascimento, gosta de macarronada, aprecia a leitura e seu divertimento preferido é o cinema.

MESQUITINHA é um dos autênticos valores cômicos do nosso rádio, em que tem atuado numa infinidade de programas humorísticos, ou em conjunto, como fazia ainda há bem pouco tempo na Rádio Tupi, ao lado de Modesto de Souza e de Natara Ney, quer sózinho, contando anedotas e animando programas. Mesquitinha fez parte da Rádio Nacional, que lançou seu programa com espetacular reclame, fazendo constar que ele havia enlouquecido, e atuou em quase todas as grandes estações do país. Não só no cinema obteve ele enorme êxito. Foi, também, ator e diretor de vários filmes, entre os quais "João Ninguém", "E' proibido sonhar", "Cem garotas e um capote", etc. Foi, na juventude, campeão de dança de salão, entrando num campeonato de dança-hora, e durante mais de dez anos figurou no Recreio como a primeira figura da revista. Fez comédia, no Trianon, tendo Dulcina de Moraes e Iracema de Alencar como primeiras atrizes em "Escândalo na Broadway". E mais tarde teve uma companhia, com Alma Flora, Manuel Pera e outros valores. Vitorioso no palco, no cinema e no teatro, arrebatou também as platéias dos cassinos com o seu esplêndido personagem mudo, o maestro Sinfonias. Agora, esta ensalando um novo conjunto teatral, para voltar à comédia, desta vez no Rival, onde estreiará com a peça "O garçon do Casamento", de Miguel Santos e Carlos Bittencourt. O verdadeiro nome de Mesquitinha é Olímpio Bastos. E às vezes até ele mesmo se esquece disso, tão agarrado vive ao seu pseudônimo artístico. Com pouco mais de vinte anos de palco e pouco mais de quarenta de idade, o seu momento mais crítico foi quando desmaiou, em cena aberta, na representação de "O testa de ferro", no Teatro Carlos Gomes, em razão de ter engolido um dente postico.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

A VIDA DE GOUNOD

(CHARLES FRANÇOIS GOUNOD — 1818 - 1893)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).



Bidu Sayão, a famosa cantora brasileira do elenco da Metropolitan Opera House, no papel de heroína da ópera de Gounod, "Romeu e Julieta".

Ele não era um mau menino, mas não cuidava das lições. Escrevinhava música em todos os cantos dos livros de latim. Cantorolava trechos de óperas quando o professor procurava explicar um problema de aritmética. A mãe, receando pelo futuro do filho, apeliou para M. Peirson, o diretor do internato.

"Tranquillize-se, Madame Gounod", disse o diretor, "seu filho não será músico".

Imaginará um plano para curar-lhe o "mau" hábito. E com esse plano na cabeça chamou um belo dia, ao escritório "Com que entao quer ser músico, meu filho?"

"Sim, senhor".

"Muito bem. Nesse caso, tome este poema e escreva uma música para ele".

Gounod tomou o poema e relançou a vista por ele. "Apartado do limiar da infância..." Um belo ritmo. Ergueu os olhos e fitou-os no rosto sarcástico do mestre. "Vou ver o que posso fazer, senhor".

Duas horas depois tornava com a partitura musical. "Aqui está. Espero que lhe agrade".

M. Peirson olhou pasmado, para a música. "Vamos Charles, cante-a para mim".

Gounod cantou-a com voz clara e confiante. Quando terminou, o mestre, com os olhos tristes, puxou o menino para junto de si e beijou-o. "Você tem razão, meu filho. A sua carreira é a música".

Foi com relutância que a mãe concordou em proporcionar ao filho uma carreira musical. Não que tivesse aversão à música, pois era consumada pianista e

pela mesma ensinara piano ao filho. Terificavam-na, porém, as sinistras perspectivas de uma vida artística. E o seu terror não era sem razão. O marido, François-Louis Gounod, fora um distinto pintor. Distinto e pobre, que a deixara ao morrer, sem vintém e com dois filhos, Urbain e Charles. O mais moço, Charles, tinha apenas cinco anos de idade por ocasião da morte do pai. Nasceria, todavia, com a música no sangue, aquele filho mais moço. A avó materna fora cantora e compositora. Desde a mais tenra infância manifestara o menino talento ingênito para a música. "E a vontade da Providência", disse ela, e resignou-se ao inevitável.

Gounod venceu. Adicionaram-se-lhe ao currículo os estudos de harmonia e fuga. E aqui que o encorajavam na busca do seu primeiro amor, começou a estudar com mais diligência os clássicos, de tal sorte que, aos dezesseis anos, recebeu com louvor o título de bacharel em artes.

O seu objetivo seguinte era o Prix de Rome. Vencê-lo significava um curso musical gratuito na Villa Medici. Tentou conseguí-lo duas vezes consecutivamente, mas falhou. Não obstante, perseverou, pois esse prêmio era uma questão de vida ou morte para a minha futura carreira. A terceira tentativa foi coroada de êxito.

Gounod chegou a Roma no dia 27 de janeiro de 1840, com vinte e um anos de idade. A sua primeira impressão da Cidade Eterna foi desfavorável. "Um lugar sujo, aborrecido vulgar e provinciano". A pouco e pouco, entretanto, aprendeu a reformar a própria opinião. Havia

o que quer que fosse de místico na atmosfera romana e isso tocou, dentro dele, uma corda sensível, pois havia também em sua alma profunda tendência para o misticismo. Referiu à mãe, em carta, os pensamentos sagrados que lhe acudiam nessa cidade, "tão grave, profunda e austera, uma cidade que fala tão suavemente que só podem ouvir-lhe a voz ouvidos ajustados à silenciosa meditação". Passou três anos felizes de estudos na Villa Medici, compondo, estudando piano — "Tenho exatamente o número suficiente de 'dedos' para tocar sofrivelmente bem", dizia ele — e cultivando a amizade de M. Ingres, diretor da Academia Francesa de Villa Medici. Ingres conhecera e admirara François-Louis Gounod. "Mon Dieu", dissera ele quando Charles chegara à Villa, "como você se parece com seu pai!" Todos os domingos pela manhã, Gounod era convidado a frequentar o salão de M. Ingres. Os dois homens, o mais velho e o mais moço, compartilhavam de mútua paixão pela música de Haydn, Mozart e Beethoven. Certa noite, absorvidos de tal maneira a discussão e a música, que Madame Ingres viu-se forçada a interferir. "Senhores", disse ela, ao entrar na sala, "seria melhor que parassem de discutir. Já está quase na hora de tomar café".

Além do seu amor à música, adquirira Gounod outra paixão — a paixão da pintura. Em certa ocasião, voltando de um passeio para a Villa, topou cara a cara com Ingres. "Que é que você leva debaixo do braço?" perguntou o diretor.

"Nada de importância. Um albuquinho apenas".

"Vamos, Charles, deixe-me vê-lo". E num grato as objeções de Gounod, abriu o álbum e deu com uma cópia habilmente executada da "Santa Catarina" de Masaccio. "Por Júpiter", bradou ao ver esse exemplar do trabalho de Gounod, "você quer que o tragamos de novo para cá pelo Grand Prix de pintura?"

A pintura, contudo, tornara-se para Gounod uma amante ocasional, posto que sedutora. Durante toda a vida permaneceu "fielmente casado" com a música. Quando da sua estada em Roma assistia, todos os domingos, aos serviços religiosos na Capela Sixtina, regando os olhos com os frescos de Miguel Angelo e os ouvidos com as missas de Palestrina. Foi sob a influência de Palestrina que escreveu a sua própria missa, composição original que se exigia de todos os detentores de uma bolsa de estudos em Villa Medici.

Pouco depois da sua chegada à Villa conhecera Fanny Hensel, a talentosa irmã de Felix Mendelssohn, que passava em Roma as suas férias. Madame Hensel achou-o "ainda imaturo, mas possuído de entusiasmo romântico e apaixonado... A nossa música alemã produz nele o efeito de uma bomba que tivesse acabado de explodir na sala".

O impressionável estudante compositor e vários dentre os seus colegas da Villa Medici tornaram-se discípulos ardentes de Fanny Hensel. Ela extasiava-os com a sua soberba execução, proporcionando-lhes novas visões de Mozart, Beethoven e do seu irmão Felix. "Ela nos fazia penetrar palácios encantados, onde nos entregávamos a um sem-número de festins musicais".

Completa dos estudos em Roma foi a Viena, onde se fez conhecido de vários círculos musicais — Gounod não pertencia ao tipo dos que escondem as suas luzes debaixo de uma fuga — e recebeu do presidente da Sociedade Filarmônica, a título de experiência, uma encomenda para escrever um "Réquiem" para a Festa dos Mortos, que se devia celebrar seis semanas mais tarde. "O senhor tem a certeza de poder terminar esse trabalho em tão pouco tempo?" perguntou o presidente. "Tentarei", retorquiu Gounod num tom que equivalia a "Tenho". Em-

preendeu o cometimento e logo realizou-o. O "Réquiem" foi executado no dia marcado para surpresa e deleite dos amantes da música em Viena.

Procuraram convencê-lo a quedar-se nessa cidade de "sátira, sentimento e canções". Ele, porém, almejava ir a Berlim, onde Fanny Hensel lhe prometera uma carta de apresentação para o irmão, Felix Mendelssohn, regente da "Gewandhaus" de Leipzig.

Imediatamente após a sua chegada a Berlim adoeceu. Apresentou, no entanto, o seguinte ultimato ao médico que lhe fora recomendado pela família Hensel: "Tenho pouco tempo para ficar doente, doutor. Dou-lhe exatamente duas semanas para me pôr ou embaixo da terra, ou em pé".

O médico aceitou o desafio e, antes de completadas as duas semanas, Gounod estava a caminho de Leipzig.

Recebeu-o Mendelssohn cordialmente, e embora estivesse encerrada a temporada oficial na "Gewandhaus", o maestro concertou uma audição especial do seu "Réquiem". Após a audição, cumprimentou-o. "Meu querido e jovem amigo", disse ele, "essa peça lembra-me Cherubini".

"Muitíssimo obrigado", replicou o moço compositor. "Mas espero, algum dia, escrever uma peça que lhe lembre Gounod".

Saiu de Leipzig na primavera de 1843. Depois de dezesseis mudanças de carruagens e quatro dias e quatro noites de viagem ininterrupta, chegou a Paris, pálido e emaciado em consequência da enfermidade, mas borbulhante de ambição. Um velho amigo da família, o Abbé de Dumarsais, ofereceu-lhe cargo de organista da sua igreja. Gounod aceitou o oferecimento com uma condição — a de ser ele reconhecido como o único árbitro dos programas musicais. "Espero ser o sacerdote musical ao passo que o senhor continuará a servir como o sacerdote eclesiástico".

Alguns anos de trabalho ao órgão fartaram-no, porém, da pobreza obscura. Durante algum tempo, de feito, namorara a idéia de fazer-se padre, pois aquela mística tendência da sua natureza lutava, de quando em quando, com a ambição e o inclinava a uma existência de auto-sacrifício. Entrou para uma sociedade de "jovens evangelistas" cuja missão consistia em "regenerar a humanidade por meio da arte". A sua arte, no entanto, obteve decidida vitória sobre o evangelismo. Voltou-se do púlpito para o teatro. Se não lhe era possível "regenerar" a humanidade, poderia, ao menos, "diverti-la", saciando, além disso, a sua fome de glórias e de bens. Tinham-se acabado as missas para os mortos. Escreveria agora óperas para os vivos.

Pôs-se à cata de um libretista e encontrou na pessoa de Émile Augier. Juntos principiaram a trabalhar na tragédia pagã de "Safó" — estranho assunto para um homem que, havia tão pouco tempo, estivera imerso no misticismo do cristianismo. O seu paganismo, contudo, era apenas o reverso da medalha do seu misticismo católico. "Há um laço comum de simpatia entre Apolo, o Deus da Luz, e Jesus, o Salvador do Homem". Gounod manifestava uma emoção sagrada até diante da mais profana das suas composições.

A ópera "profana" "Safó" foi representada no dia 16 de abril de 1851. Embora fracassasse financeiramente, constituiu, sob o aspecto artístico um êxito brilhante. Ao cabo da representação, Gounod encontrou-se com Berlioz no vestibulo. Este último estava debilhado em lágrimas. "Venha, meu querido amigo", bradou o jovem compositor. "Venha mostrar essas lágrimas à minha mãe. Serão o melhor comentário que ela jamais poderá ler sobre a minha nova ópera".

Encorajado mais pelas críticas que pelos lucros da sua primeira tentativa na ópera Gounod pediu em casamento a filha de um dos professores do Conservatório.

Pouco depois do casamento compôs outra ópera, "La Nonne Sanglante". A ópera, como o título, sentimental, melodramática, irreal, passava-se no período das Cruzadas dirigidas por Pedro o Eremita. O público não queria saber nem do período nem do assunto da ópera. Depois de onze representações, foi retirada do palco e, até hoje, nunca mais revivida.

Desalentado pelo fracasso no teatro, escreveu duas sinfonias (em Ré e em Mi bemol) e tornou a mergulhar no misticismo. Compôs um oratório sobre o tema bíblico do "Cego Tobias", e, encerrando-se no campo, passou a viver como um anacoreta para escrever a "Missa de Santa Cecilia". O seu único entretenimento enquanto a escrevia, consistia em ler Santo Agostinho — contrita penitência pela sua excursão pagã pelo teatro.

Completada a penitência, voltou para o teatro com uma ópera cômica, deliciosa versão da comédia de Molière, "Le Médecin malgré lui". Essa ópera teve sucesso imediato, e os olhos do mundo mais uma vez se voltaram para Gounod. Diante disso, Gounod voltou mais uma vez, os olhos para o mundo. O artista logrou nova vitória sobre o evangelista. Entrou a sonhar com óperas de maior êxito, com maiores triunfos. Precisava encontrar um assunto de interesse universal. Algo que fosse popular e exigisse dele, ao mesmo passo, o seu melhor esforço musical. Onde lograria encontrar essa espécie de coisa? Havia de ser um tema mundano que tivesse ao mesmo tempo, fundo religioso — história de paixão e compaixão, poema épico de pecado, sofrimento e redenção, debuxo panorâmico da miséria da Terra, do castigo do Inferno, da glória do Céu. Em toda a literatura havia apenas uma história assim — o drama imortal de Goethe sobre Deus, o Homem e o Diabo.

Gounod escrevia uma ópera sobre a história de "Fausto".

Quando "Fausto" foi representado pela primeira vez, no dia 19 de março de 1859, Gounod orçava pelos quarenta e

um anos — idade que é, de ordinário, o ponto culminante do sucesso artístico. O "Fausto", porém, não alcançou sucesso em sua representação inicial. Disseram alguns críticos que a música era demasiado monótona e recomendaram a omissão do episódio do jardim e do coro dos soldados — duas das mais preciosas jóias do fulgurante colar dessa música. Um dos críticos sugeriu a supressão da ópera inteira. "Na música de Gounod, como nas palavras de Goethe, somos apresentados a Herr Professor Faust, um velho enfiado dos seus estudos e enojado da sua ciência. Essa nota de tédio e repugnância penetra a ópera de M. Gounod desde o princípio até o fim". E pressa-guia com sete páginas de "arrazoado de sarrazado" com o intuito de demonstrar que o "Fausto" de Gounod seria um fracasso.

O público, porém, pensou de maneira diferente. Após um início incerto, adiantou-se rapidamente a ópera para a primeira fila dos sucessos permanentes do mundo. "Os críticos", disse Gounod, "são as estêreis solteironas do mundo artístico, que invejam os confrades dotados de potência criativa".

Fez, por conseguinte, pouco caso dos críticos e continuou em seu trabalho. Tornou a recolher-se ao campo a fim de fugir às distrações da cidade. Dizendo chamar-se "M. Charles" para permanecer incógnito instalou-se numa casinha branca em Saint-Rémy, sobre o Ródano. E cada manhã, ao despontar do sol, viam os camponeses o estranho misterioso a caminhar pela margem do rio, um homem de meia idade, a barba grisalha, trazendo, nos olhos, uma expressão distante. Voltava sempre dos passeios com ramos de flores nas mãos e grinaldas de música na cabeça. O seu único companheiro durante esse período foi Mistral, "o poeta pastor da Provença" que, assentando nos seus campos tranquilos de Maillane, sonhava os sonhos líricos que lhe haviam de proporcionar o Prêmio Nobel de literatura. Foi aí que Gounod planejou algumas das suas óperas mais inspiradas depois do "Fausto" — "Filémon e Baucis", "A Rainha de Sabá", "Mireille" e aquela "obra-prima sem jaça" que até os críticos aclamaram: "Romeu e Julieta".

O famoso compositor francês Gounod.



O tenor Charles Kullman, no papel de Julieta da ópera "Romeu e Julieta", que Gounod compôs sobre o texto de Shakespeare.

E tendo atingido o meio-dia da sua glória, atingiu-a súbita, a desgraça.

A história da desgraça de Gounod — infortúnio que ele não deveu a nenhuma delinquência moral de sua parte — é a história de um homem fraco e de uma mulher mundana. Fugindo de Paris após a queda da França em 1870 foi viver com a família na Inglaterra, onde o acolheram com o maior dos entusiasmos. Entre os que bebiam e jantavam com ele figurava Georgina Weldon, jovem aventureira que mantinha com o marido, igualmente aventureiro, um salão brilhante em Tavistock House, sítio famoso por haver sido antiga residência de Charles Dickens. Gounod sentiu-se arrebatado pelas lembranças de Dickens e pela beleza da Sra. Weldon — mulher alta, de loiros cabelos deslumbrantes, olhos grandes e infantis, boca sedutora, mãos brancas e aristocráticas e pés maravilhosos. Sempre que ela tocava para ela, rompia Georgina numa tempestade de lágrimas, chamando-lhe o seu mestre, a sua inspiração, o seu Deus. Ofereceu-lhe um santuário em Tavistock House. Ele foi viver lá e ela depositava a sua adoração, como tributo cotidiano, no altar do gênio dele. Embaldado pela doçura da adoração da Sra. Weldon, nomeou a Gounod sua secretária, sua conselheira, seu único empregado financeiro. Renunciou todos os seus direitos assinando documentos em benefício dessa Circe dos

ilhas britânicas, e, à semelhança dos seqüidores de Ulisses, enredou-se cada vez mais na teia das suas hábeis falácias.

Final vingarão os amigos livrá-lo dos artificios dela. Mas não das suas ciladas. Havendo perdido a posse de Gounod, ela recusou entregar-lhe as composições, nomeadamente a sua última ópera, "Polyucte", cuja única cópia existente possuía. Depois de vários pedidos baldados para que ela lhe restituísse a música, ele recopiou, na memória, a ópera inteira.

Georgina Weldon conservava, porém, outro triunfo na mão — o maior de todos. Moveu um processo contra Gounod para haver dele trinta mil libras. Sobre que fundamentos? Sobre os seguintes, entre outros:

"... o acusado viveu durante três anos em Tavistock House, sem pagar casa nem comida;

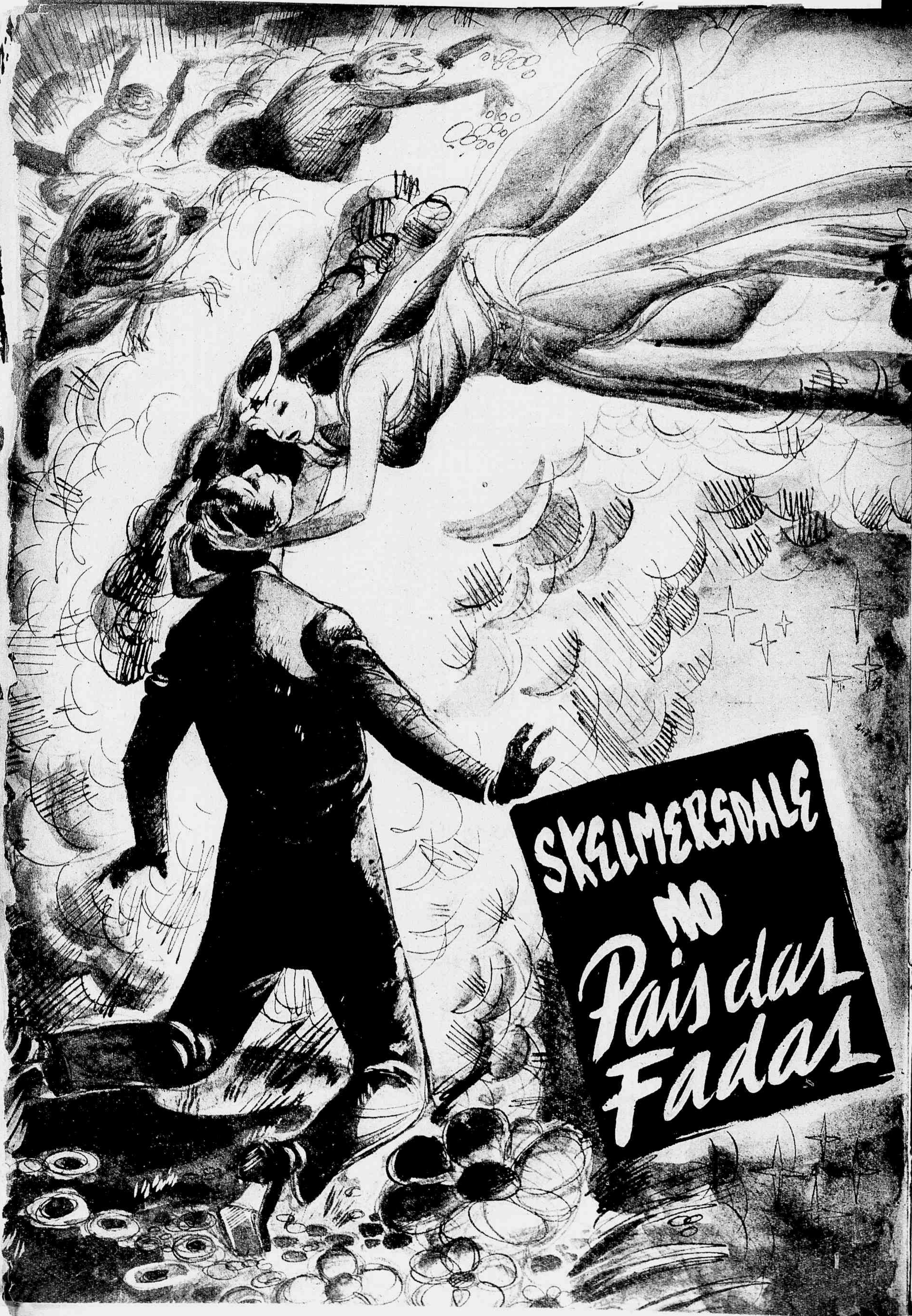
"... foi tratado, no decurso de uma enfermidade, a expensas da autora;

"... quebrou a promessa de contratar a autora para o papel principal de sua ópera, "Polyucte";

"... levou a autora a arcar com as despesas da construção de uma sala artística de concertos em Tavistock House;

"... inspirou a publicação de vários artigos de jornal em que a autora era apresentada como uma aventureira".

O processo arrastou-se por dez anos minando-lhe as forças e a energia criativa. Os críticos, sempre prontos a ane-



SKELMERSDALE
NO
País das
Fadas



NAQUELA loja, — disse o doutor, — há um homem que já esteve No País das Fadas.

— Que brincadeira! — disse eu deitando um olhar para a loja.

Lá estava, como de costume; era o mesmo armazém da aldeia, com o seu guichet postal, os seus fios telefônicos na fachada, tendo à porta os mesmos baldes de zinco e as mesmas vassouras, e na vitrine as mesmas latas de conservas.

— Conte-me isso, — insisti após um momento de silêncio.

— Não conheço os detalhes, — respondeu o doutor. — Quanto a ele, é um simples rústico, igual a qualquer outro e cujo nome é Skelmersdale. Aqui, porém, todos acreditam na sua história como em parábola do Evangelho.

Um momento depois eu encaminhava de novo a conversação para este assunto.

— Não conheço a fábula detalhadamente, — repetiu o doutor, — nem faço questão de a conhecer. Curei-o de um dedo quebrado e foi então que me chegou ao ouvidos essa patranha. Nada mais. Contudo, é o suficiente para que, em todo caso, se conheça o gênero de humanidade com que temos de lidar. Hein? É coisa cômoda inculcar princípios de higiene entre papalvos de semelhante espécie!

— Certamente que não, — respondi em tom de mais sincera lastima.

Ele principiou a contar-me, com toda a minúcia, a questão dos encanamentos de água de Bonham, e tive assim um apanhado sobre as habituais preocupações de espírito de um inspetor sanitário. Manifestei então toda a simpatia de que era capaz: quando ele classificou de burros todos os indivíduos que constituíam o conjunto da população, eu confirmei-o, asseverando que eram todos uns "refinados burros", ele, porém, nem assim se acalmou.

Mais tarde, quase ao terminar o outono, um desejo urgente de me isolar para concluir a minha obra sobre a Patologia Espiritual, obra cuja redação era ainda mais laboriosa que a sua leitura, impeliu-me a Bignor. Alojei-me na herdade, e,

dentro em pouco, achei-me de novo em busca de tabaco, diante do armazém universal. Ao ver-lhe o mostrador da frente, ocorreu-me à memória um nome. Skelmersdale, e pronunciando-o em voz baixa, entendi.

Acutiu a servir-me um homem de baixa estatura, mas não disforme, de um aveludado louro na tez, dentes pequenos e brancos, olhos azuis e aspecto indolente. Encarei-o com curiosidade. A não ser uma leve aparência de melancolia na sua expressão, nada havia nele que não fosse comum. Conforme é uso nos da sua profissão, estava em mangas de camisa, de avental e com o lapis enganchado atrás da orelha candida. Uma corrente de ouro, tendo por briloque um guinéu antigo, cala-lhe sobre o colete de pano preto.

— É só isto o que precisa por hoje, meu senhor? — informou-se ele, inclinando-se sobre o papel em que assentava a conta.

— Será acaso o sr. Skelmersdale? — perguntei.

— Em pessoa, meu senhor — respondeu ele, e quase imediatamente: — Obrigado, meu senhor.

Ele examinou-me um instante, com as sobrancelhas contraídas e uma expressão pesada e exasperada.

— Oh! Aqui está mais um que se julga esperto! — disse ele.

Depois, passada aquela escaramuça, ele se pôs novamente a adicionar a nota das minhas compras.

— Um e três, quatro, e dois, seis, — contou ele, e quase imediatamente: — Obrigado, meu senhor.

E foi sob esses desagradáveis auspícios que travei conhecimento com o Sr. Skelmersdale.

Depois dessa estrêla funesta, só à custa de penosos esforços logrei por fim captar-lhe a confiança. Tornei a encontrá-lo uma tarde, no café da aldeia, onde, após o jantar, eu tinha ido jogar bilhar, no intuito de mitigar um pouco a reclusão voluntária que, durante o dia, se me afigurava tão propícia ao trabalho. Arranjei-me de modo a jogar com ele uma partida e encetar uma conversação. O País das Fadas era, a meu ver, o único assunto que me convinha evitar. De tal

modo lhe haviam já azenazado os ouvidos, que essas três palavras o punham fora de si. Sobre tudo mais, ele era acessível e de uma amabilidade perfeitamente trivial. Uma única vez me aconteceu ouvir fazerem na sala, em sua presença, uma alusão à sua aventura, e foi um empregado de herdade, zangado porque estava perdendo a partida. Skelmersdale estava absorto em uma série respeitável de carambolas; havia ultrapassado uma dúzia delas, o que, para os jogadores de Bignor, era uma proeza pouco vulgar.

— O que ele tem na mão não é um taco, — disse o seu adversário, — é uma varinha de fala.

Skelmersdale olhou-o fixamente, depois, atirando o taco a um canto da sala.

— Porque não o deixam tranquilo? — disse um velho que estava interessado com a partida; sentindo unânime a reprovação, o rapaz lavrador tratou de reprimir a careta de satisfação que lhe inspirava o seu próprio rasgo de espírito.

Eu farejei uma ocasião excepcional.

— Que vem a ser esse gracejo a respeito das Fadas? — perguntei.

— É não é um gracejo, pelo menos para o pequeno Skelmersdale, — repunco o velho enxugando um copazito de cerveja.

Um sujeito baixo, de faces cor de rosa, mostrou-se mais comunicativo.

— A gente daqui, meu senhor, afirma que elas o levaram para debaixo do Outeirinho de Aldington, e que lá o retiveram durante cerca de três semanas.

Assim instigadas, as pessoas presentes não se fizeram rogadas. Desde que um carneiro ballu, todos os outros o acompanhavam, e, em pouco tempo, obtive um esboço, pelo menos exterior, do caso referente a Skelmersdale. Em outro tempo, antes de ir para Bignor, era ele empregado em Aldington Corner, em uma loja absolutamente igual àquela, e foi lá que se desenrolou o mistério. Alguns tópicos da história pareciam muito claros: uma tarde ele demorou-se sobre o Outeirinho e desapareceu, durante três semanas, das vistas dos homens; depois do que, tornou a aparecer com os punhos tão limpos, como quando partira, e as albigelas cheias de pó e de cinza. Só muito lentamente se foi dissipando o estado de indomável tristeza em que voltara, e muitos dias decorreram antes que ele consentisse em explicar a sua ausência. A jovem de Clapton Hill, da qual era noivo, tentou obter-lhe confidências, mas teve de romper com ele, tanto porque ele recusou falar-lhe, como porque, dizia ela, "sentia-se não sabia como ao vê-lo tão so-

rumbático". Quando, um pouco mais tarde, ele confessou sem rebuços, diante de indiferentes, que tinha estado no País das Fadas e que desejava lá voltar, esta notícia foi divulgada e a jovialidade campezina aproveitou-se dela para objeto das suas graçaças. Então ele abandonou inesperadamente o emprego e foi encan-tonar-se em Bignor para esquivar-se às chufas de que era alvo.

Todavia, das pessoas reunidas aquela noite na sala do bilhar, nenhuma sabia certo o que se havia passado no País das Fadas. Nesse ponto, o auditório enveredou em todas as direções, como uma matilha que perdeu o faro. Um sustentava isto, outro afirmava aquilo.

Cada um, que tratava desse assunto, assumia um ar ostensivamente cético e crítico mas eu percebia perfeitamente um fundo de crueldade nas prudentes reticências. Adotei uma atitude de interesse esclarecido, atenuado por uma dúvida razoável concernente ao conjunto da história.

— Se o País das Fadas, — insinuei, — está situado por baixo do Outeirinho de Aldington, porque não fazem aí excavações?

— É isto o que estou sempre a dizer! — exclamou o rapaz lavrador.

— Mais de um já tentaram fazer excavações aí, — proferiu o velho dom voz solene, — sim, mais de um, por várias vezes. Mas nenhum deles é capaz de nos dizer hoje o que foi que lá descobriu.

Essa credulidade vaga, mas unânime, era bastante para impressionar. Eu dizia comigo mesmo que, seguramente, devia haver "qualquer coisa" na origem de semelhante convicção, o que não fez senão aguçar a curiosidade já intensa que eu experimentava no tocante aos fatos reais da história, — e esses fatos reais, só me era facultado obtê-los do próprio Skelmersdale. Por consequência, apliquei-me, ainda mais assiduamente em dissipar a má impressão que desastrosamente havia produzido e a compeli-lo a uma confidência suficiente para o dispor a falar por si mesmo. Nesse empreendimento, eu tinha uma vantagem social. Sendo uma pessoa afável, sem ocupação aparente, comodamente vestida de uma blusa, de um calção curto e de polainas, fui, como é natural, classificado em Bignor como um artista; ora, no aliás notável código de supremacia social que vigorava em Bignor, um artista ocupa uma graduação consideravelmente mais elevada que um calzeiro de venda. Skelmersdale, bem como a maioria dos da sua classe, é relativamente snob. A hostilidade que ele me tinha manifestado

(Continua na pág. 50)



Em frente ao Copacabana Palace Hotel era antigamente o chamado posto quatro. Hoje é apenas um pedaço do posto único. No primeiro plano, estão dois jogadores de peteca, mas dos que preferem a palma da mão ao pandeirinho granfino.

POSTO ÚNICO

Copacabana, desde o Leme à Igrejinha, é nas manhãs de sol um vasto formigueiro humano — A mais famosa praia sul-americana numa sucessão de flagrantes do verão atual — Desaparecem as antigas divisões, numeradas de um a seis.



COPACABANA, antigamente, era um areial! mais ou menos deserto. Com a falta de transportes, pouca gente se aventurava morar por ali. Não havia lugar em que fosse mais fácil comprar algumas centenas de metros quadrados de terra. Porque, com a falta de túneis e sendo Botafogo e a Gávea os pontos terminais das linhas de bondes da zona sul, quem é que tinha coragem de ir àquelas paragens? Só mesmo audazes excursionistas, que tinham gosto em transpor montanhas ou em ladear a lagoa Rodrigo de Freitas. Ali, em Copacabana, nem a terra era boa para a agricultura. As hortas não davam grande coisa. Aquela terra só para cajueiros ou para a plantação de abacaxis. Mas, mesmo assim, os frutos não era doces. E' sabida a história de um rapaz que, tendo herdado algumas quadras de terreno em Copacabana, achou ter feito um bom negócio, trocando a herança, com um alfaiate, por doze ternos de casemira. O alfaiate, cerca de quinze anos depois, — ter paciência é também um meio de fazer bons negócios. — vendeu os lotes por

Solitária, no seu "mallot" de listras, a banhista à esquerda nem abriu os olhos à passagem do nesso fotógrafo... A direita, uma autêntica beleza esportiva de Copacabana





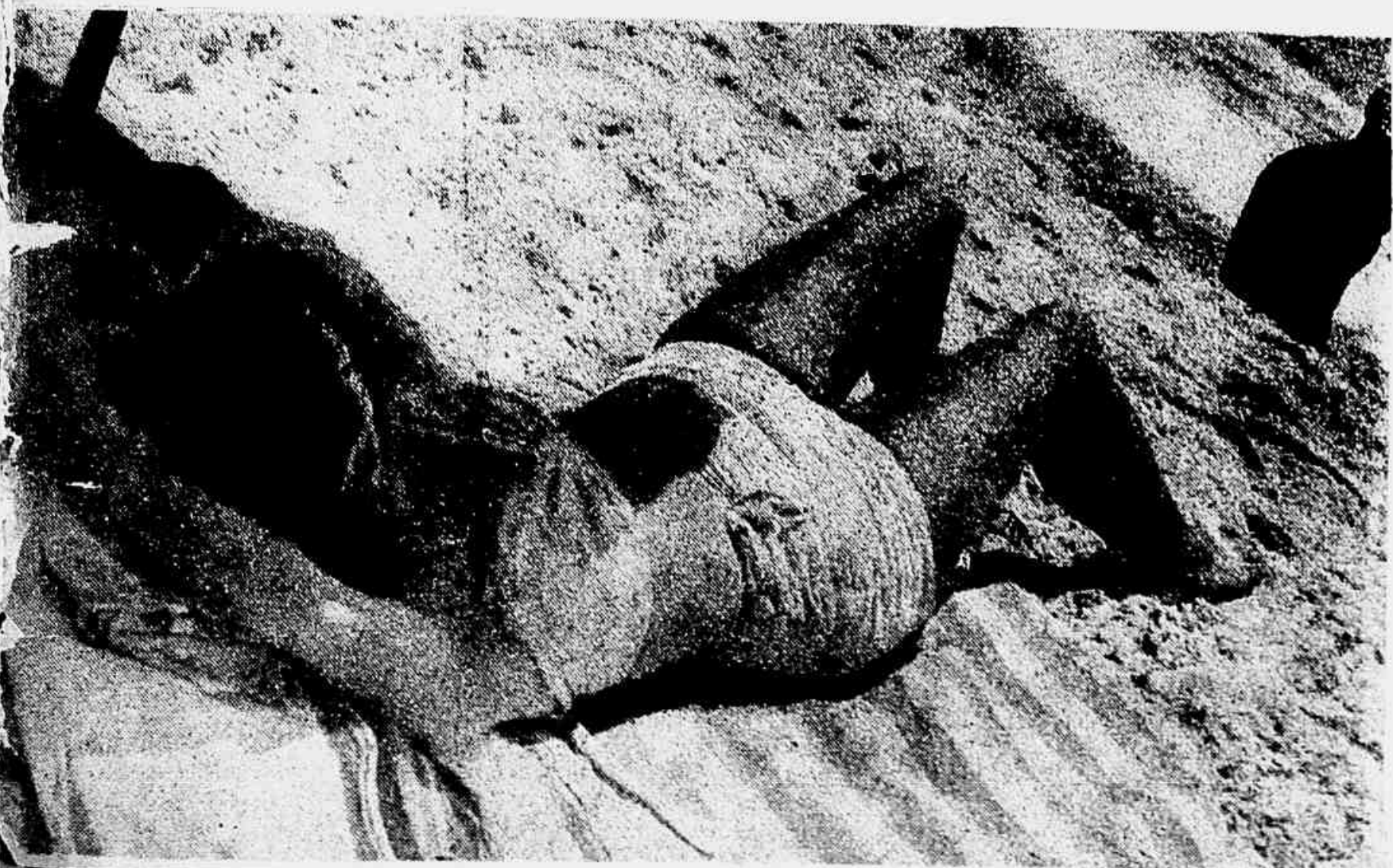
quatro milhões de cruzeiros. Mas por que? Porque, nesse meio tempo, um engenheiro Coelho Cintra levou as linhas dos bondes da Light, através dos túneis, até à desprezada, à inabitada Copacabana. Em pouco tempo, a cidade começou a se expandir para aqueles lados. A princípio hesitante, timidamente, como que querendo experimentar o terreno ou com medo de arrepender-se. Mas, por fim, jogou tudo na grande aventura. E foi assim

que Copacabana começou a se tornar uma cidade dentro de outra cidade.

★

Até à boca dos túneis, a fisionomia do Rio de Janeiro é uma, ainda com a marca das influências dos nossos bons avós portugueses. Mas, da boca dos túneis em diante, já é bem outra, diferente, atrevida, americana.

Flagrantes em que o fotógrafo da REVISTA DA SEMANA surpreendeu...



Os gigantescos parasóis substituem hoje, com grande vantagem, sobretudo de ordem estética, as desgraçadas barracas de outrora. E' assim como uma enorme feira colorida, que Copacabana se apresenta aos domingos, fundindo todos os seus postos num único posto.

nizada. Copacabana é uma cidade com fisionomia própria, com vida própria, com comércio próprio e, hoje, que já tem seus grandes cinemas e vai ter também teatro, pode-se dizer que só lhe falta um jornal diário, para completar-se e prescindir do resto do Rio de Janeiro. Antigamente, a praia de Copacabana se dividia em postos. O Posto Um, no Leme, — e assim por diante, — até ao Posto Seis, na

Igrejinha. Cada posto era caracterizado pelo seu posto de salvamento e por um mirante, onde ficavam os observadores. Na areia, ficavam enfiadas as bandeiras que indicavam, se brancas, que o mar estava ameno, se vermelhas, que o mar estava perigoso. Ao redor, juntavam-se algumas dezenas de banhistas. Aliás, a princípio, nem isso. Era bem escasso o número dos frequentadores das nossas

praias, com seus incômodos trajes de banho, que iam quase ao tornozelo. Hoje, os trajes de banho mudaram. São sumários, sumaríssimos mesmo. Tão sumários quanto a polícia o permite, mesmo porque os nossos escrúpulos morais vão se relaxando cada vez mais com o tempo, com a educação esportiva e eugênica, que dá mais apreço à saúde, à vida ao ar livre, quase animal do que a reclamação dos moralistas. E o aspecto da praia foi mudando,

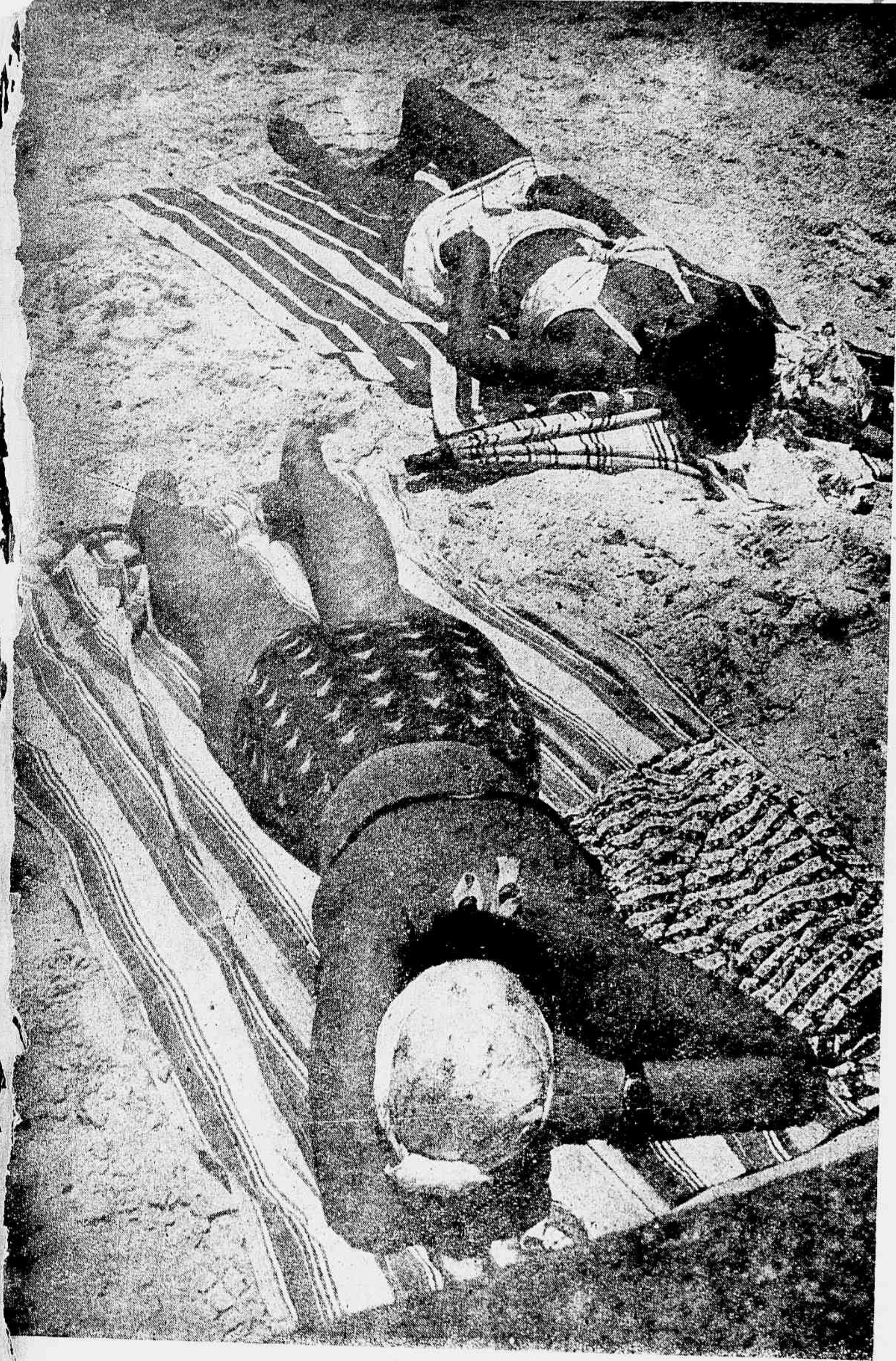
também, porque, com o aumento de população e com o gosto pelo banho de mar, os pequenos magotes de banhistas foram se ampliando, convertendo-se, finalmente, em verdadeiras multidões. Onde é que um posto começa e onde é que o outro posto acaba? Ninguém poderá dizê-lo. Começou uma era nova na vida de Copacabana, — a do posto único.

★

Aos domingos, então, a praia fica regor-

...banhistas madrugadoras e solitárias tomando o banho de sol antes da praia se encher...





A cor das peles é quase a mesma, mas a cor dos "maillots" é quase sempre diversa...

gitando. Vem gente de outros bairros, para tomar banho de mar, valendo-se de cabines alugadas ou de convites de amigos. O banho de mar, aliás, atualmente já é secundário. Há muita gente que até mesmo se limita a tomar banho de sol. Além do banho, há jogos. O mais difundido, agora, é o jogo de peteca, — com uma espécie de pandeiro, usado à quisa de raquete, porque granfino não pode bater com a mão na peteca. Há, também, jogo de futebol e de basquetebol, para danação dos que pretendem deixar sossegada na praia, a sua neurastenia e irritabilidade. Há gente que não toma banho nem de sol, nem de mar, limitando-se a ficar abrigado debaixo das barracas, lendo um livro qualquer, porque é chique ir à praia. Além das baratas do mar e dos pequenos vermes da praia, que geralmente ferroam as pernas ou os braços dos banhistas, as areias de Copacabana são marcadas

hoje em dia por uma outra coisa, bem característica do momento atual: as taboazinhas que serviram de coluna vertebral aos sorvetes de chocolate ou de frutas, vendidos aos milhares, pelos ambulantes, aos frequentadores da praia. Há uma espécie de guerra surda entre os sorvetes americanos, produzidos em série e bem apresentados, num acondicionamento perfeito, e os pobres sorvetes nacionais, de um pequeno comércio desorganizado, de uma indústria ainda meio caseira. Por vezes, estes batem aqueles no paladar, mas os americanos ganham no acondicionamento. O pobre sorvete nacional se defende, entretanto, na variedade. Os vendedores se gabam de que, na composição dos mesmos, não entram essências. Só frutas no duro. A última novidade foi o "já-já", amarelinho que é uma beleza. Mas isso não impede que a gente ouça reclamações:



Peteca com pandeiro...



Peteca com a mão...



La vai a bola...



Peguei a bola!



O que é que a balana tem?



A mamãe é bonita e a filhinha também



Em frente ao "O.K.", passa mais gente do que no "footing" do Flamengo

— Esse "já-já" é uma droga... Não sei como há quem venda isso... Olhe, moço, diga para não fabricarem mais... Fiquem no "chica bôa" e no "eskinbon", que está certo... Mas "já-já", Deus me livre!

★

Não é difícil a gente descobrir quais são os nacionais e os estrangeiros, naquela massa humana. Ali está um senhor barbado, com uma dama loura e uma porção de cachorros numa correia. Dizem que é o barão Urdrianu, que é uma espécie de secretário privado do ex-rei Carol, da Rumania. Ex-"girls" de cassinos passeiam pelas areias de Copacabana sua plástica em disponibilidade. Plástica que, em confronto com as de muitas das "debutantes" ou futuras "debutantes" de Copacabana, fica em situação bem desfavorável... Há um velho atleta, num grupo de rapazes. Ele ensi-

na tudo: como se rema, como se nada, como se pratica o jiu-jitsu. E' o veterano Tico Soledade, que foi um dos homens mais fortes do Brasil e que é ainda o mesmo entusiasta do atletismo, embora ganhasse hoje em dia um concurso de barrigas... Aqui, na praia de Copacabana, é como vemos quão maravilhoso é ser jovem e quão terrível é envelhecer... Pior ainda é envelhecer e pensar o contrário. Senhores carecas, de grandes enxundias, ainda têm sorrisos juvenis e piscares de olho para certas mocinhas adesistas... Matronas de plástica exuberante e em crescente "supraviv" lutam contra "maillots" que não têm mais para onde esticar... Há a par de muita saúde e de muita beleza juvenil também o traço grosseiro da caricatura e a nota amarga da decadência física. Poucos são os que, como Tico Soledade, continuam moços depois de velhos, ensinando ainda esportes aos jovens,

apesar da sua barriga, — a barriga que ele teima em ignorar e que os outros também acabam ignorando...

★

— Fotógrafo? Ah, sim, deixe-me tomar posição...

Quem nos fala assim é uma jovem e desembaraçada banhista.

Ficamos a nós lembrar dos tempos em que, para obter-se uma fotografia de praia, era preciso quase implorar... Toda gente fugia à objetiva e quando um instantâneo era batido, não raro o conselho de família se reunia e o mais atlético dos cavalheiros era escalado para pedir a inutilização do negativo, sob pena de... bom, era melhor entregar mesmo! Agora, entretanto, à simples passagem do fotógrafo, há um movimento de atenção e a jovem, de "maillot" verde, só pede que lhe demos algum tempo para tomar posição.

— Mas posição para que? Não queremos fotografia posada...

— Ah, pensei que preferia que eu estivesse

A caminho da praia... — Ao lado: um flagrante tomado do alto do Luxor Hotel.



No banho de sol...





Na paralela...



se de pé... Então, vamos... Bata assim mesmo...

O fotógrafo não se fez de rogado.

— E' para o "Concurso de Sereias"?

— Não...

— Para que é?

— REVISTA DA SEMANA...

— Quando é que sai?

— Dentro de alguns dias...

— Então, traga uma para mim no outro domingo... Fico sempre aqui... Bem em frente do "Bolero", ouviu?

Se os acidentes da profissão não nos levarem a outro lugar, talvez possamos cumprir a promessa que nos foi arrancada... A menos que o secretário tenha cortado a fotografia... (Recado do secretário: está cortada, sim senhor...)

★

Copacabana, no verão, aos domingos, é um verdadeiro formigueiro humano... Posto um, posto dois, posto três, posto quatro, posto cinco, posto seis... Nada disso! Posto único, — isso sim...

A espera do sorveteiro?



NOVOS

Por JOÃO LUSO

MEU AMANHECER, versos de Margarida Finkel, prefácio de Olegário Marianno, da Academia Brasileira, A. Coelho Branco Fr. editor — Rio de Janeiro, 1946.

Esta poetisa é ainda quase uma menina e, assim considerada, uma menina-prodígio. Sabe tantas coisas da vida, do sentimento, da arte. E aquilo que rigorosamente não aprendeu, nem por isso deixa de o conhecer. Atinge assim a plena expressão da individualidade poética, à qual se alia classicamente o dom de vaticinante, adivinhador. Deveras predestinada, havia de conquistar com os seus versos, mal os revelasse, um triunfo excepcional. Todos os consagrados das letras, a quem, antes de entregues ao prelo, foram submetidos, a seu respeito se externaram em elogios amplos e ardorosos. O ilustre prefaciador os julgou "repassados de lirismo e muitas vezes sulcados pelas rugas de uma filosofia que só os velhos poetas conseguem". E o Sr. Viriato Correia, também da Academia Brasileira, expendeu um juízo absoluto: "Margarida Finkel não é literariamente um amanhecer, é um meio dia maravilhoso..." Talvez, porém, este conceito definitivo viesse da surpresa e da exaltação de um momento: O sol daquela poesia não deve ter ainda chegado ao zênite. E, através de outros livros, sem dúvida o contemplaremos, mais alto e esplendoroso.

Eis uma das páginas mais veemente, mais eloquentes de *Meu Amanhecer*:

Fu sou a luz que aparece
Vista com o nascer do dia!
Sou o sol, o sol que aquece
O pico da penedra.
A brisa que enrespa as águas
Das lagoas mansas e quiétes
Sou eu que domino as tuas
Pensamentos mais secretos.
Sou tua quando me apertas,
És meu quando te acorrento.
Fu sou a onda que o vento
Joga nas praias desertas.
Sou a mulher que nasceu
De asas, livre, livre, livre,
Mas escrava desse amor,
Do amor que abraçou meu corpo,
Do amor que rasgou minh'alma
E fez de mim quanto quizes,
Do amor que tudo consegue
Fazer-me feliz.
Fu sou a luz dos teus olhos,
Dela vivo sem viver,
Mas sendo a luz dos teus olhos,
Foram teus olhos, querido,
Que me ensinaram a ver.
Foi a tua alma, querido,
Que me ensinou a sofrer.

MEU AMANHECER

LIVRO

TRADUÇÃO DE VIRIATO CORREIA

EDITORA A. COELHO BRANCO

EDITORA A. COELHO BRANCO

NA RAMPA DO SÃO FRANCISCO, romance de A. J. de Figueiredo — Agir, editora — Rio de Janeiro, 1946.

Obra de um naturalismo sadio. O autor, por felicidade sua e de todos nós, amigos de livros, afasta-se dos moldes tão em voga, nos quais, ao lado da verdade, tem que andar indispensavelmente a obscenidade. Debalde, para os autores de tal categoria, os velhos mestres deixaram tão explicado, tão demonstrado, que tudo se pode definir "exatamente" por meio de termos honestos e com dignidade de estilo. Nunca se torna forçoso recorrer aos palavões tão do hábito e do gosto daqueles homens de letras. E a condenação de tal sistema, eles próprios, em regra, a significam mais tarde, abandonando a orientação e a técnica que nada justificava e passando a escrever de maneira a merecer a atenção e a estima de toda classe de leitores.

O romancista de *Na rampa do São Francisco* conhece, na mais ampla e exigente aceção do verbo, aquelas terras, aqueles panoramas, aqueles costumes, aquela gente. Não basta com efeito, a observação firme e fiel dos casos ou dos aspectos. É necessário

ao narrador a faculdade de reproduzir, interpretando a seu modo pessoal, acentuando o cunho do próprio espírito e do próprio sentimento. Assim ele explicará e comentará aquilo que os pretensos criadores de obra literária apenas conseguem copiar. E esse dom de transmitir a realidade presenciada e sentida, o Sr. A. J. de Figueiredo detidamente o possui e o faz triunfar.

A história é contada por um herói obscuro chamado Afonso, que muito se esforçou, lutou, sofreu e assim pode agora fazer da própria vida exemplo para os que começam. A sua linguagem singela e a sincera maneira de recordar o que consigo ou ao seu redor se passou, vêm a constituir uma espécie de lição humilde, sem por isso deixar de ser proveitosa. E pelo livro além os trechos descritivos se multiplicam, com segura noção do pitoresco. As primeiras páginas oferecem-nos o quadro animadíssimo, cheio de notas curiosas, da feira famosa de Própria. Por sinal que aí, surge, proferido por um dos personagens, certo termo bem dispensável e em desacordo com a nota geralmente mantida no livro. Verdade seja que só aparece metade da palavra ou mais, rigorosamente falando, tres quintas partes. Isso mesmo, e sobretudo por inútil, é de mais. Como vulgarmente se diz, está sobrando.

A linha da acção não se desenvolve seguidamente, de princípio a fim. Algumas vezes recua, como em tantos outros romances e em tão grande número de filmes. Amorosamente unido a uma heroína "da rampa", o protagonista — narrador, a propósito do inesperado aparecimento da pai da companheira, passa a contar a vida desta, desde menina desamada, maltratada no lar por ter vindo ao mundo em vez de um filho varão — até que, desencaminhada, foge de casa e começa a caminhar pela estrada que a havia de levar às aventuras incertas e às fatais desilusões; a um amor seguro, de parte a parte, ditoso — até ao lance trágico de uma canoa que o vento faz virar na precipitação fluvial do Senhor Bom Jesus dos Navegantes. E o epílogo do livro é a máguia do já envelhecido Afonso, que, tendo perdido a associada do seu amor e do seu lar, tudo de bom perdeu no mundo e agora se vê sozinho "a lamentar um passado extinto e que não volta mais, nunca mais."

A. J. DE FIGUEIREDO

NA RAMPA DO
SÃO FRANCISCO

ROMANCE

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

EDITORA AGIR

A FACE DE MARTA, contos de Milton Pedrosa — Livraria Cultura Brasileira Ltda. — Belo Horizonte, 1946.

Dá o título a este livro um dos seus contos, não o primeiro, como, depois de Maupassant, se tornou caso tão frequente, mas um deles, certamente tirado ao acaso. E, por sinal, nem é bem um conto. Trata-se do estudo rápido, mas deveras penetrante e revelador, de dois amores de um homem ou do amor de um homem, dividido por duas mulheres. Ambas as afeições são, em cada momento de intimidade, sinceras, mas, fóra da influência presente de uma ou outra criatura, indecisas e um tanto equívocas. Por isso mesmo, e como o próprio texto as define, constituem um "problema", e, conforme o preceito clássico de teatro, um problema trágico, sem solução a não ser pelo desaparecimento do herói ou de uma das heroínas — isto é: pela morte.



Nem todas as outras histórias assumem a feição patética. Com efeito, os casos de desventura ou de ansiedade cruel dominam e não apenas pela condição numérica mas também pela superioridade inventiva e o cunho da execução... Mas também as páginas ligeiras, joviais, interessam e prendem, como as de um episódio doméstico: *Sweet-home*, tratado em diálogo, com desenvoltura e naturalidade que denunciam no Sr. Milton Pedrosa um comediógrafo realmente bem dotado.

TORMENTA NA ALDEIA, romance de Arthur Santos — Zélio Valverde — Rio de Janeiro, 1946.

É uma história singela que o Sr. Arthur Santos conseguiu, sem esforço evidente em estilo fácil, corrente, desenvolver por onze capítulos, obtendo ao todo cerca de duzentas páginas. Em tudo se patenteia a predileção enternecida do autor pela vida das pequenas localidades, obscuras e remotas, onde toda a gente se conhece e se devia incondicionalmente estimar, mas que nem por isso estão menos sujeitos à influência da maldade tecedora de intrigas, semadora de calúnias, criadora de todas as injustiças e todas as perseguições.

Maria Luiza, a heroína do romance, representa a perfeição em figura de mulher, mais propriamente de moça. Incapaz de um ato menos digno, de um pensamento menos puro. Estimada como merece pelo excelente paroco Felipe, ajuda na sua missão de educar as criaturas e salvar as almas. O facto, porém, da sua escolha para professora da escola local criada pelo mesmo sacerdote, faz que outra moça, no mais rancoroso dos despeitos, jure tirar uma vingança definitiva. Assim Maria Luiza, com a intervenção da única autoridade local, um sargento estúpido e perverso, é acusada nada menos que de infanticídio. Mas, na audiência de julgamento, surge o reverendo Felipe que põe tudo em pratos limpos: a verdadeira infanticida é a rival infame e o pai fora o sargento, a quem, no correr do processo, um tiro oportuno castigou de todas as violências e maroteiras cometidas.

Maria Luiza, logo no dia seguinte à audiência, casou com o honrado e brioso rapaz seu escolhido. E, se a história foi, como diz uma nota liminar, colhida na realidade, a estas horas devem os cônjuges, em poena felicidade, ter, pelo menos, um filhinho.

RECEBEMOS:

Schiz, n. 1, da revista amazonense de luxo e de esmerado feitio, que tem por director e redactor-chefe o Sr. Paulo Bentes, e que, por entre desenhos originais e belas fotografias, dá trabalhos em prosa ou verso, assinados por Waldo Frank (tradução de Renato A. Ribeiro), Roberval Cardoso, Agbuar Bastos, A. C. Ferreira Reis, Paulo Bentes, José Potyguara, João Maranhão, Alves de Menezes, Barbosa Rodrigues e Mauro de Campos.

Brasil-Portugal, ano XVIII, publicação literária e charadística, que substitue e moderniza o antigo Almanaque de *Lenhaças Luso Brasileiro* e de que é prorector esforçado director o Sr. Sylvio Alves — Rio de Janeiro, 1946.

In Memoriam Astolpho Rezende, opúsculo contendo a bibliografia do ilustre juriconsulto assim como discursos e outros trabalhos em seu louvor. Separata da Revista de Jurisprudência Brasileira — Rio de Janeiro, 1946.

Higiene pré-natal, monografia de Cloris Corrêa da Costa. Publicação do Serviço Nacional de Educação Sanitária do Ministério da Educação e Saúde (2.ª edição) — Rio de Janeiro, 1946.

Documentos dos Arquivos Portugueses que importam ao Brasil, publicação da Secção de Intercâmbio Luso Brasileiro do S. N. 1. número correspondente a Setembro de 1946. Lisboa, 1946.

Nação Armada, recebemos o número 80 do 7.º ano. Correspondente ao período de Outubro a Dezembro de 1946.



1947

JANUARY						
SUN	MON	TUE	WED	THU	FRI	SAT
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

As garotas bonitas de Tio Sam lhes desejam um feliz Ano Novo! Esta beldade da RKO, Myrna Dell é bem um símbolo de felicidade e promessas... 1947 forçosamente, terá que ser um ano risonho e próspero...

MARQUE com o início do ano, o início de uma nova vida. Você, minha amiga, que não sabe como enfrentar os seus problemas, que não sabe porque é infeliz, que não sabe porque seu marido ou seu noivo não lhe dão a atenção que você julga merecer, que não sabe ser atraente, que não sabe tirar partido da sua figura, faça de 1947 o seu ano.

Comece por se olhar no espelho detidamente e, seja qual for o resultado desse exame, sorria... Sorria, porque esse será o ano da "sua" vitória. Sorria porque você procurará não dramatizar os seus problemas e se convencerá de que não é a única a tê-los... Sorria porque você já não se considerará mais uma criatura infeliz... saberá lutar para isso.

Sorria também, do espanto que você notará nos olhos do seu noivo, marido ou daqueles que vivem com você, quando descobrirem a sua transformação...

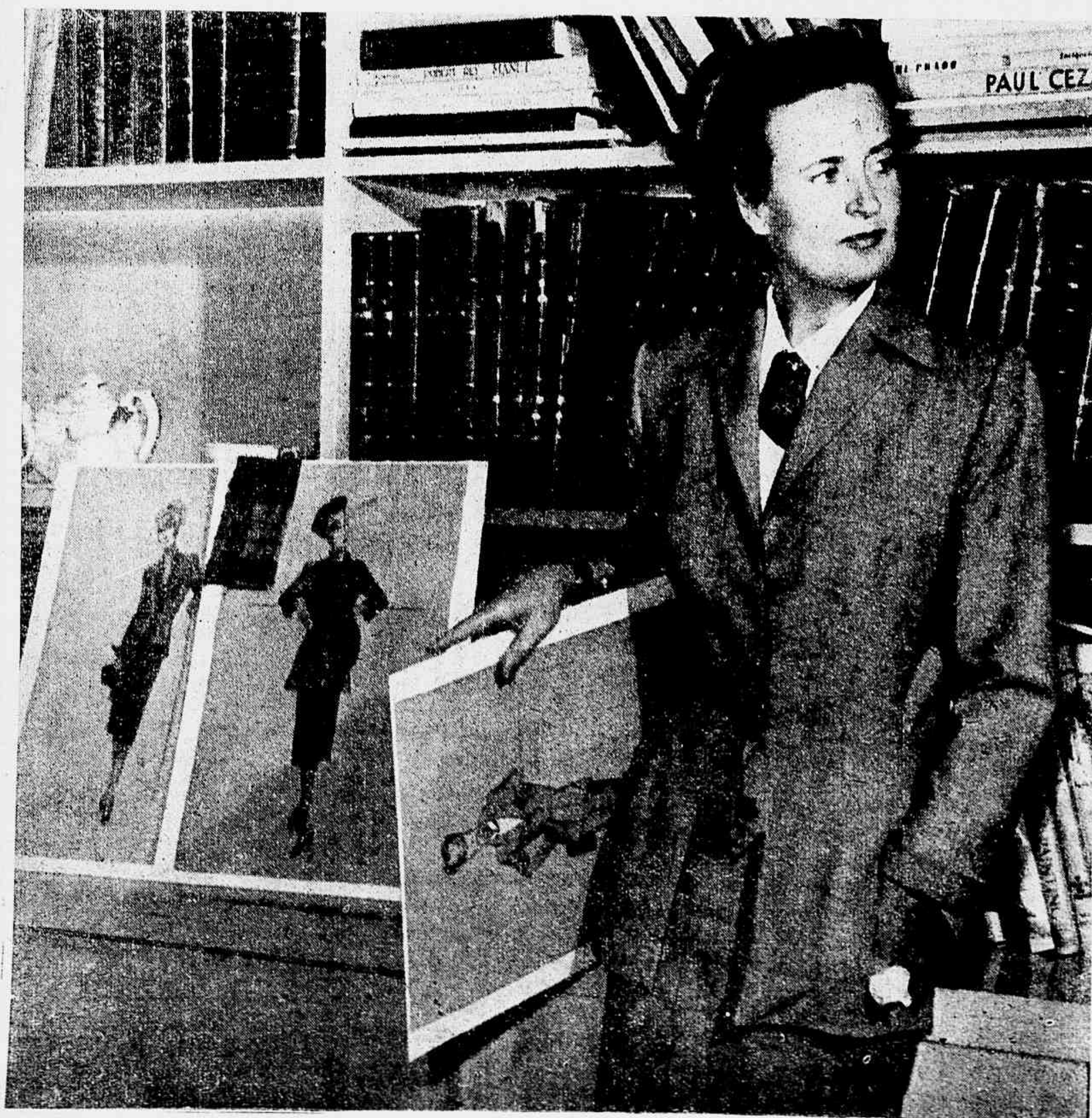
Sorria agora, pensando na sua própria aparência; você modificará o seu penteado, o seu "make-up", vestirá-se com mais elegância e distinção (não é preciso ter fortuna para isso!) procurará também, cultivar melhor o seu es-

pirito, enfim, tudo fará para se tornar irresistível e atraente.

E isto não é um sonho! Você já demonstrou habilidade só no fato de descobrir as suas faltas. Agora, basta empregar essa mesma habilidade em corrigi-las... Estou certa, certíssima, de que você o conseguirá...

KITTY

NOS BASTIDORES FEMININOS



CRIAÇÕES DE IRENE

IRENE é a figurinista da MGM, responsável pela elegância das mais famosas "estrelas" que já trabalharam e ainda trabalham sob a marca do Leão.

Considerada uma das melhores figurinistas, Irene sabe criar a "tollette" adequada para cada ocasião.

Selecionar "tollettes" que uma "estrela" deve vestir, não é fácil; é um trabalho complicado, de muita responsabilidade, mas não deixa de ser muito interessante. Nestas páginas procuraremos ilustrar, da melhor maneira possível, a forma pela qual esse trabalho é realizado.

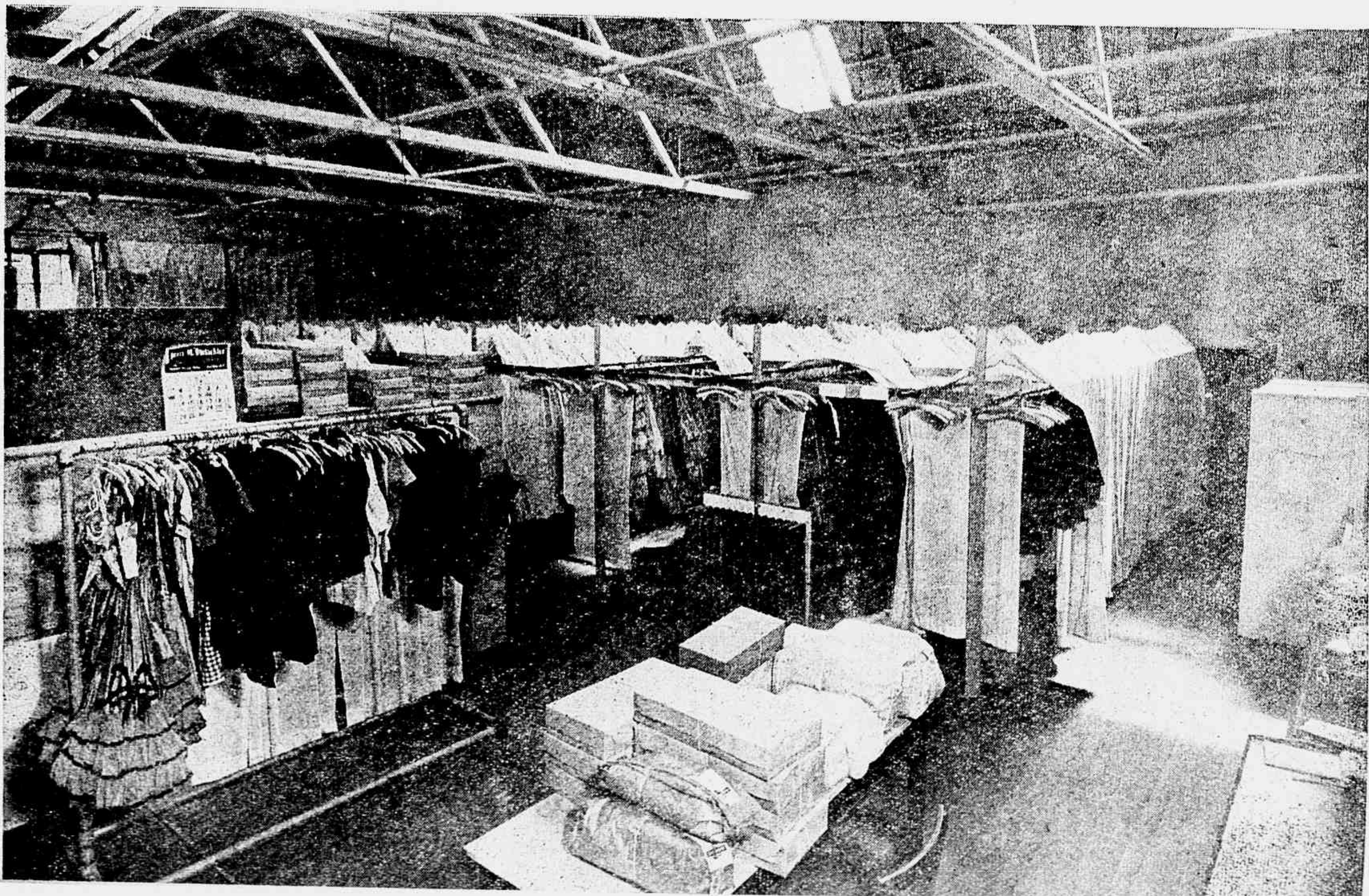
★

Ao alto: Frances Gifford veste, sob o olhar aprovador de Irene, uma montaria que irá usar num dos seus próximos filmes.

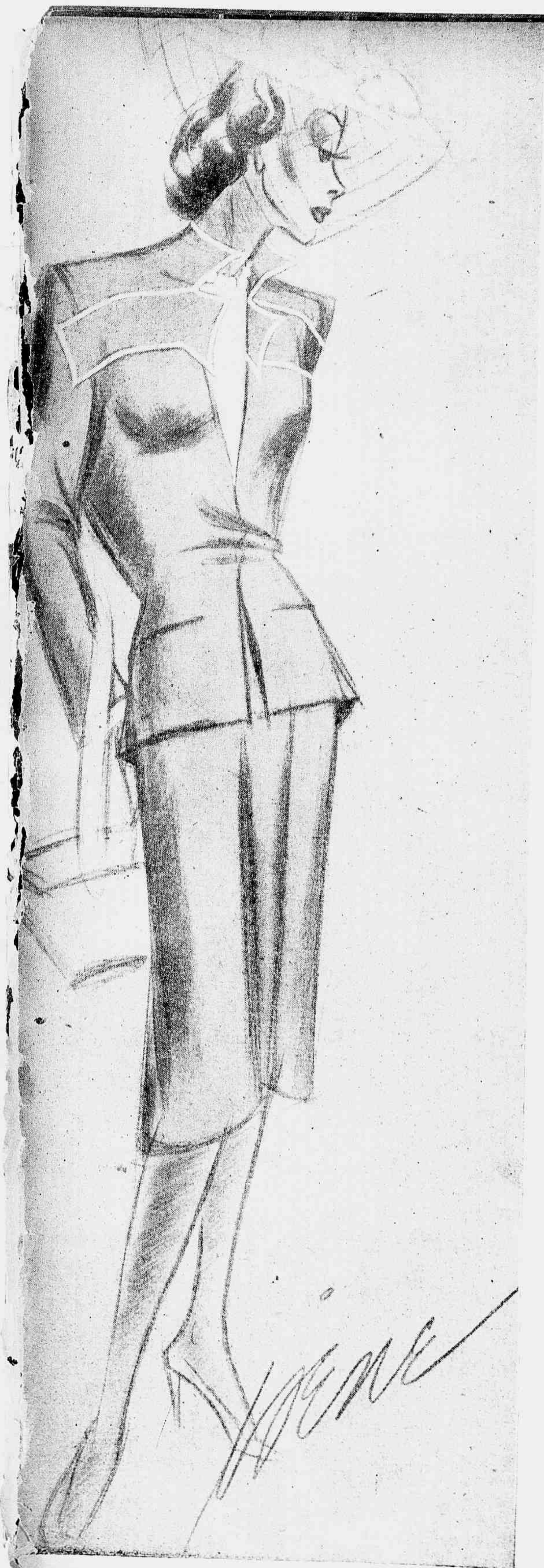
Em baixo: Irene... Ela própria simboliza a elegância e a beleza dos seus desenhos.



A esquerda : Aqui estão reunidos alguns "sketches" que já foram e ainda serão usados pela MGM. A direita, Irene inspirando-se para criar mais um dos seus maravilhosos modelos para as "stars" de Hollywood. Em baixo : O Departamento do Guarda-Roupa. Aqui existem mais de dez mil vestidos, de todos os feitios, cores e tamanhos



A esquerda : "Tailleur" em linho azul forte ou verde, com gola alta e pala também formando gola. Na gola e na pala, vizez branco. A direita : Para Greer Garson, ela criou este conjunto de linho azul marinho, com blusa de organza branca, de mangas compridas. O vizez tem pequenas cruzeiras bordadas a branco.



A esquerda: Elegantíssimo "tailleur" de linho branco com original incrustação azul marinho na gola. A direita: Modelo para a noite em seda preta e renda. A blusa de renda é bastante decotada e termina numa "basque" franzida sobre a cintura. O bolero é justo, abotoando na frente com um só botão. Saia em panos.





Da esquerda para a direita: Elegantíssimo "robe" em crepe de seda branco, com grande bolso bordado a ouro, no lado direito. Para Lucille Ball, a famosa desenhista imaginou este modelo para a noite de seda azul claro. A saia é "apanhada" sobre o lado esquerdo dos quadris. A blusa é drapeada, cobrindo apenas um ombro. Grandes rosas azuis aplicadas sobre o tecido do vestido são usadas como mangas. Gracioso este modelinho desenhado especialmente para June Allyson. E' em tecido xadrez vermelho e

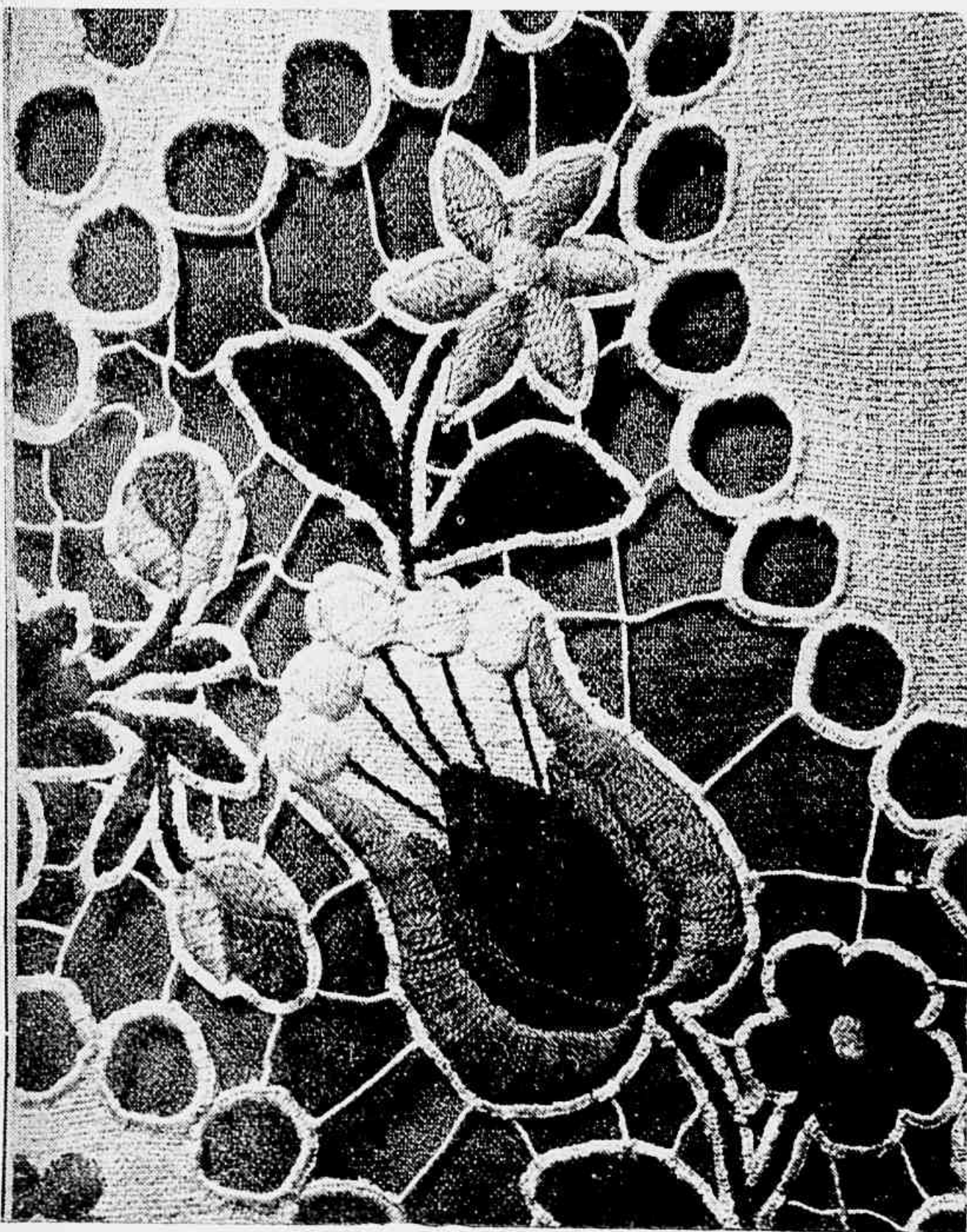
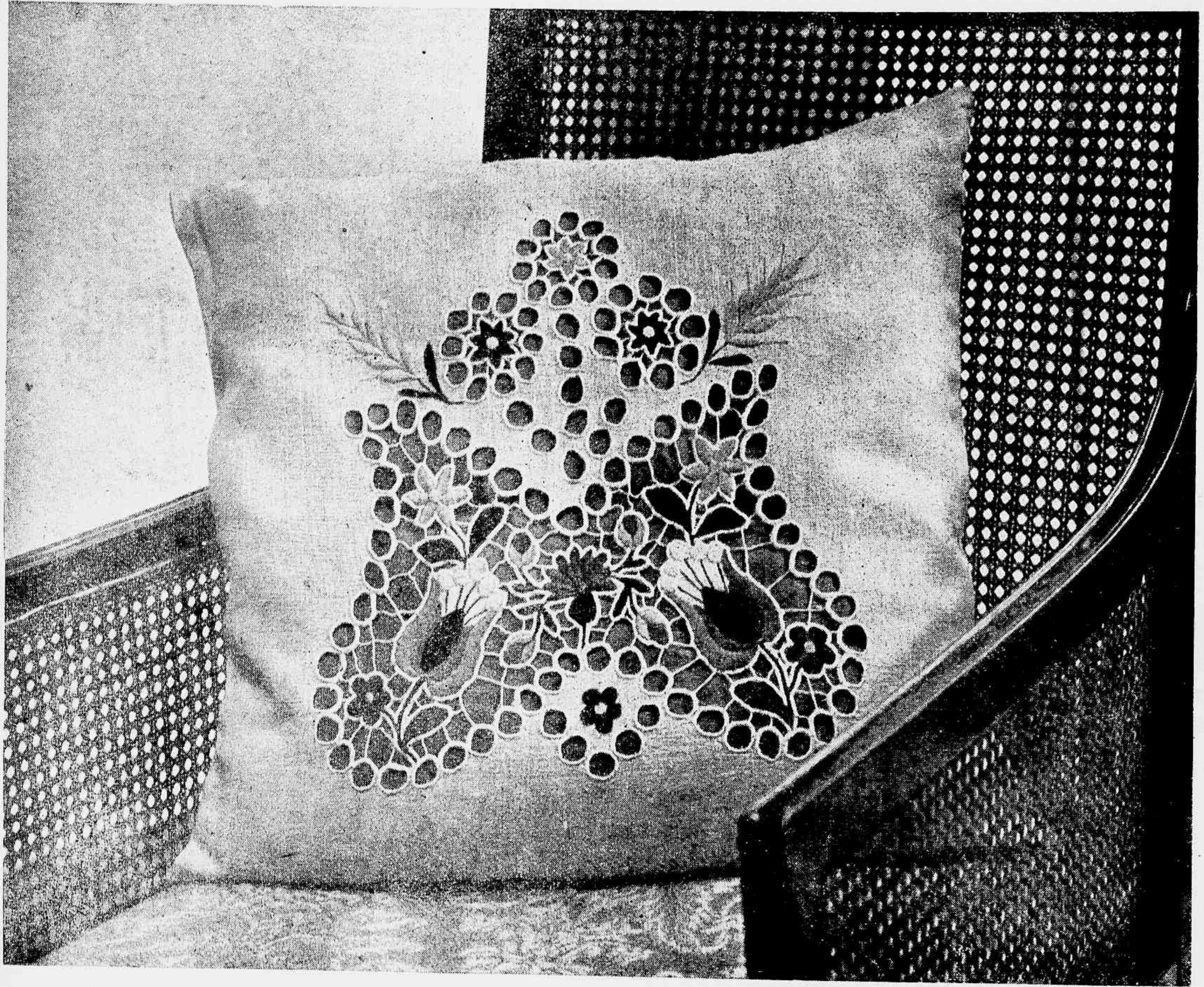
*Lucille Ball
for June*



branco, com babado "godet" nas mangas e na cintura. Sobre ele, um avental com bolsos para jardinagem. Camisa de noite desenhada para Lucille Ball. E' de mousseline branca, com t nica bastante "godet". O corpete   de renda azul claro. Mangas muito largas. Este   um vestido para jantar, em crepe verde esmeralda, desenhado especialmente para Esther Williams. Capa de chuva, criada por Irene. De um lado, casemira escocesa e do outro gabardine azeltonada.

Esther Williams
Early to Wed





TRABALHOS MANUAIS

2085 Almofada em Richelieu

Material necessário: — Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora".

5 meadas F603 (Creme); 1 meada de cada F467 (Geranio Claro) F568 (Tabaco Claro) F599 (Vermelho Cardeal) F699 (Preto) F733 (Ouro Velho) F770 (Verde Garrafa) F807 (Tangerina).

(Usar três fios de linha).

1,20 cm.x60 cm. de um tecido grosso, Beige Claro. 1 agulha Milward "Crewel" nº 6.

★

Traçar o desenho de conformidade com a ilustração e seguir o diagrama I para colocação das cores ao fazer as hastes e flores. As letras na chave representam os pontos usados e são como segue:

S — ponto cheio.

U — ponto de haste.

Alinhar todas as linhas duplas dos contornos do desenho e

ao mesmo tempo fazer as barrihas de Richelieu, de acordo com o diagrama II. Em seguida contornar todo o desenho com ponto de casear ficando a laçada do ponto junto ao tecido a ser recortado. Fazer as argolas do desenho, sendo a metade que fica para o lado do desenho em ponto de casear, e a outra metade em ponto de ilhó.

O ponto de alinhavo do enchimento, Richelieu e ponto de casear, são trabalhados com linha Crème. Depois de terminar o trabalho, passar bem a ferro pelo lado do avesso e recortar as partes marcadas com X.

Para forro da almofada deve ser usada uma seda brilhante verde para realçar através do trabalho em Richelieu.

Este trabalho também pode ser feito com:

Linha Brilhante Pérola marca "Ancora" nº 8 (Nov. de 10 grms.)

usando um novelo de cada uma das cores acima mencionadas.



JOCKEY CLUB MUNDANO

Durante a magnífica tarde turfística de domingo, quando as elegantes "toilettes" punham desenhos coloridos sobre o fundo verde do panorama do belo prado da Gávea, o fotógrafo gravou na celuloide os sugestivos flagrantes que reproduzimos nesta página. São eles um magnífico atestado do brilhantismo desse "meeting".



Conto de FRAN MARTINS

Ilustração de ABELARDO ZALUAR

O quarto era escuro, mal arejado e cabia apenas a cama — alguns pedaços de táboas toscas, forradas de palha e cobertas com um lençol de fazenda barata. A mulher estava deitada, tendo ao lado o menino que se mexia nos cueirinhos pobres, agitando as mãozinhas vermelhas, os olhos fechados, sem coragem talvez de enfrentar este mundo que lhe aparecia pela primeira vez. A mãe era ainda bonita, alva, cabelos louros e longos, olhos azuis — e se chamava Maria. E pela maneira como olhava o menino pelos sorrisos que lhe endereçava, pela leveza com que acariciava aquela cabecinha onde raros cabelos surgiam encaracolados, a mulher parecia feliz.

Postado à janela, o pai dava costas para aquele quadro de felicidade. Era já um pouco velho — os cabelos brancos surgiam, aqui e acolá, na sua cabeça — e pensava nas dificuldades que lhe adviriam com o nascimento daquele filho. Estava desempregado — justamente na tarde anterior o gerente da carpintaria lhe comunicara que a firma, em face da crise, fora obrigada a reduzir os seus serviços e resolvera cortar um certo número de empregados. O patrão mandara dizer que sentia muito ter chegado a esse ponto e o gerente acreditava que as circunstâncias eram mesmo imperiosas. E entregando-lhe um envelope com o saldo do mês e mais uma quinzena a título de indenização, o gerente teve ainda uma palavra de conforto:

— Afinal, seu José, o sr. é um carpinteiro competente. Garanto que não será difícil arranjar um emprego em outra oficina qualquer...

Recebeu o envelope, mal olhou para o dinheiro, um vinco cavado na testa, pensando naquela situação. Que iria dizer à mulher? Maria estava naquele estado — talvez o choque fosse muito grande e isso viesse prejudicar o nascimento do menino. Nunca tivera um filho, sempre o desejara e agora, que o ia receber afinal, estava desempregado. No caminho para casa ia pensando naquela situação, procurando uma maneira de encobrir à mulher o golpe, com medo de abalar-lhe os nervos e qualquer coisa ruim acontecer à criança.

E tomada a resolução procurou fingir que nada ocorrera. Não queria prejudicar o filho — ele, que tanto o desejava e que agora, já de cabelos brancos, ia tê-lo, afinal. Chegou em casa, comeu o jantar quente que a mulher lhe preparara, fumou o cachimbo à janela, como sempre fazia, e mais tarde procurou dormir como se nada lhe atormentasse o espírito.

Mas pouco tempo depois acordou alvoroçado, aos chamados da esposa que começava a sentir dores. Correu à casa da parteira trouxe a mulher consigo, deixou-se ficar num canto da sala, angustiado, ansioso pelo desfecho daquele instante há tanto esperado. E só sossegou quando, do quarto, ouviu o choro forte da criança, que com aqueles gritos sonoros marcava a sua entrada no mundo.

Encaminhou-se para junto da mulher mas estacou na porta, olhando o pimpolho que, irrequieto, mexia os bracinhos. Era um menino corado, alvo como a mãe, gordinho, rosto longo como o seu. E a mulher sorria para ele, a criança se agitava na cama, e José sentia em todo o seu ser uma alegria infinita de ser o pai e protetor daquele menino que ali estava, de ser o autor daquela vida que surgia talvez para compensá-lo de todas as decepções, de todas as desilusões, de toda a canseira.

De repente, qual milagre divino, uma torrente de sons encheu o quarto. Os sinos das igrejas vizinhas tocavam alegremente e foguetões estouravam no ar, como se o céu se rasgasse numa trovada harmoniosa e festiva. A parteira, aturdida a princípio, ajoelhou-se junto à cama e persignou-se devotamente, enquanto o menino, à sua frente, continuava a mexer-se junto à mãe. E algum tempo depois, ao erguer-se, a mulher envolveu a todos num sorriso feliz e dirigindo-se ao pai, pela primeira vez, deixou transparecer a sua alegria sincera:

— Parabéns, seu José... Logo hoje, noite de Natal... O menino só pode é ser feliz... Eu, se fosse o senhor, dava-lhe o nome de Emmanuel...

Lembrou-se, então, que era Natal e sentiu-se feliz por isso. Ao ser despedido da oficina a decepção fora tão grande que nem prestara atenção ao movimento das ruas, à alegria efusiva que todos demonstravam. Naquele mo-

mento só pensava no emprego perdido — mas agora, agora que o menino nascera, sentia-se feliz por ser Natal, sentia-se possuído também daquela alegria que dominava a cidade inteira.

— Emmanuel... Sim, Emmanuel...

E saiu lentamente do quarto, com medo que o barulho dos seus pés fizesse mal aos ouvidos delicados do menino. Emmanuel... Não resta dúvida, seria Emmanuel, porque hoje era Natal e isso podia lhe trazer felicidade. E tinha vontade de chorar, de rir, de sair gritando nas ruas todo o seu contentamento, de repicar novamente os sinos das igrejas, de soltar foguetões em honra daquele que nascera há poucos momentos e já representava tanto na sua vida.

Não pôde ficar na sala, não sabia o que fazer. Lentamente, sem provocar ruído, abriu a janela e um feixe de luz do poste da rua entrou casa a dentro, como o rastro de uma estrela que atravessasse o céu em noite escura. Morava em um quarteirão pobre, sem nenhuma iluminação, a não ser aquela lampada que pendia do poste quase em frente à sua casa. E agora essa luz tinha um significado diferente para ele, era como o rastro de uma estrela que viria iluminar o seu destino, que lhe invadia a sala, que entrava pelo quarto, como também a prestar homenagem àquele menininho corado que era seu filho, que viera ao mundo para alegrar o resto de sua vida.

A mulher, lá dentro, chamou-o com voz fraca:

— José... Fecha a janela, José... A luz está dando no rosto do menino... Pode ser que faça mal a ele...

Mas, em vez de atendê-la, o carpinteiro transpôs a sala com passos leves e foi olhar novamente o filho. O menino estava envolvido na réstia de luz que vinha da rua e assim iluminadas as suas carnes pareciam mais rosadas, suas mãos mais lindas, seu rostinho mais risonho. E deixou-se ficar no canto do quarto, embevecido com aquele serzinho, enquanto a mulher, sorrindo, repetia o aviso, chamando-o à realidade:

— Vai, homem, vai... Olha que essa luz forte pode fazer mal à vista dele...

Convenceu-se, dessa vez, que deveria atendê-la e encaminhou-se para a sala. Nesse momento, porém, vozes vieram da rua, certamente gente que regressava da missa. Aproximou-se da janela, a ver quem seria, quando ouviu a fala de um vizinho, que vinha na frente do grupo:

— Alguma novidade, José? O menino já nasceu?

Mal pôde responder que sim — e uma enxurrada de perguntas caiu sobre ele. A Maria ia bem? Homem ou mulher? A que horas nascera? Parabéns, José parabéns!

E daí a pouco — mal tiveram tempo de entrar em suas residências, chamar as mulheres e trazê-las consigo — os vizinhos invadiram a casa do carpinteiro. O primeiro a chegar foi um velho vendedor ambulante, cuja mulher não pudera acompanhá-lo mas que mandava felicitá-los pelo feliz sucesso. Sim, senhor, um homem! E logo naquela noite, noite de Natal...

— A mulher até me deu uma lembrancinha, Maria, que ela quer que o menino use logo para ter felicidade. É uma figurinha de ouro, ouro de lei... A mulher disse que assim ele há de ser rico — e por mais que eu não quisesse trazer agora a figa, ela me obrigou, que é para evitar mau-olhados... Afinal essas mulheres são assim — e a minha é alvoroçada, não quis nem esperar o dia de amanhã...

E depositou aos pés da criança aquela pequenina oferta que tanto significava para ele. A mãe sorria, agradecida, enquanto apanhava o presente do vizinho. Ouro, seu filho recebera presente de ouro! Haveria de ser rico, muito rico, aquela oferenda era um bom sinal para o futuro do menino.

Veio depois um outro vizinho, acompanhado da esposa e da filha. Era um preto alto, forte, musculoso, vestindo uma camisa de lã grossa, o peito à mostra, cabeça descoberta. Trabalhava como estivador e todos o estimavam naquele quarteirão pelas suas maneiras delicadas e pelo interesse que punha em servir aos amigos. Gostava, sentia um verdadeiro prazer em agradar aos vizinhos. E assim, mal foi entrando, abriu os lábios num sorriso franco, como se ele também partilhasse da felicidade do casal:

— Parabéns, meus amigos! O menino é bonito e forte. Trouxemos uma lembrancinha para ele — uma coisinha que arranjei no último navio que atracou. Não reparem na lembrança, não — mas nós já estávamos guardando para quando o menino chegasse...

E depositou na cama uma lata de talco, talco fino para crianças, com um perfume suave que encheu o quarto. A mãe agradeceu sorridente, e José pôs tamboretas na sala, para que todos se sentassem. Os vizinhos olhavam-no com alegria e sabiam como ele estava feliz naquele momento há tanto esperado.

Veio ainda outro, que morava mais distante, um velhinho de rosto fino, barbas e cabelos brancos. Magro, saltitante, as mãos longas e alvas, trazia também uma lembrança para o menino que acabara de nascer. Entrou no quarto sorrindo, olhando admirado para todos, desculpendo-se de estar ali àquela hora, de chegar tão tarde.

— Minha casa é longe, sabem, e quase não vinha mais porque pensei que vocês já estivessem dormindo... Mas vi a janela aberta, vi vozes aqui dentro, vi que vocês também (apontava os vizinhos), não tinham deixado para amanhã e por isso aqui estou para ver o menino. Trouxe uma coisinha para ele — e olhava a mãe, enternecido — um vidrinho de um óleo cheiroso, que é para passar no corpo do bichinho. É muito bom nos primeiros dias, passar óleo no corpinho dele — evita que nasçam cocelhas, que o bichinho venha a sofrer, que o pescocinho asse...

E curvou-se para a cama, sorrindo, as mãos finas tocando as faces da criança, que agora remexia os bracinhos, como se quisesse pegar o feixe de luz que descia da janela e se projetava no quarto, envolvendo-lhe o corpo. Os outros, o preto e o vendedor ambulante, também aproximaram suas cabeças, embevecidos ante aquela criança que tinha tão poucas horas de vida. A mãe, passando levemente a mão na cabeça do menino, sorria de contentamento, estava feliz. E no canto do quarto, a alma em alvoroço, o carpinteiro tinha os olhos razos de lágrimas, porque era Natal, tinha um filho para criar, tinha uma mulher a quem amava, tinha amigos que sorriam para o seu filho.



Agora, que os amigos se foram, José se postara à janela, a alma ainda em tumulto. A mulher dormia enlaçando o filho, a luz da lampada da rua fora apagada, a madrugada vinha raiando, o quarteirão enfim dormia. Somente ao longe um galo cantava, num quintal da outra rua uma vaca mugia. E José, passados os primeiros instantes, pensava na sua situação, no emprego perdido, no futuro do filho.

Que destino teria aquele menino, nascido em dia tão alegre, festejado pelos seus amigos? Que iria ser ele quando crescesse, que cousas lhe estariam reservadas neste mundo que nem ele, José, compreendia? Seria um dia um doutor, um comerciante, um operário? A vida lhe correria fácil ou lastimaria mais tarde o instante em que nasceu?

Não, não devia pensar nisso: o menino apenas nascera, o futuro estava ainda bem distante. Se o seu sonho um dia se realizasse ele, José teria uma carpintaria própria e o filho bem poderia ajudá-lo, bem poderia, como ele,

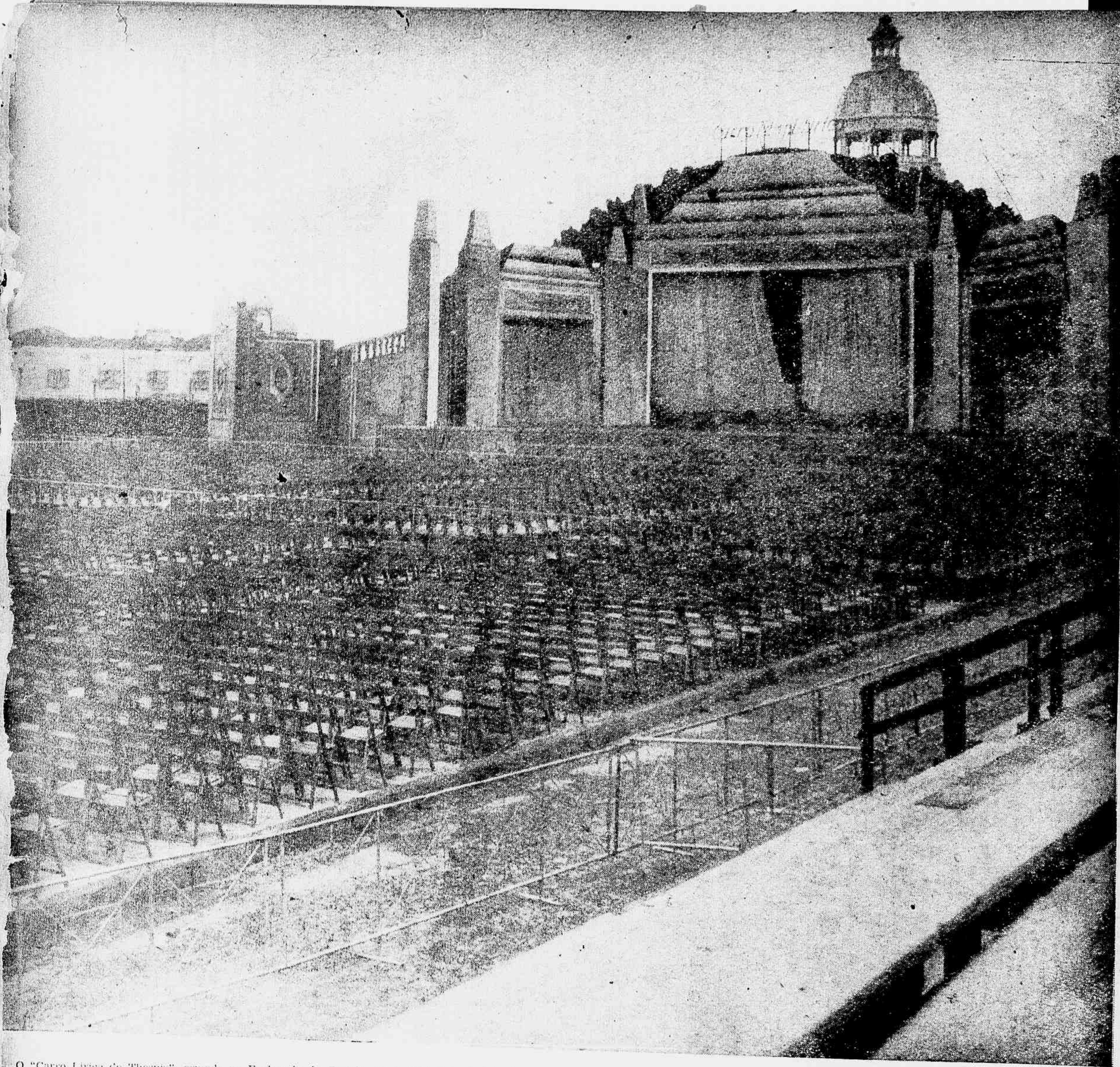
Antologia Brasileira do Conto

Foi Herman Lima, o brilhante escritor de "Tigipió", quem chamou a nossa atenção para o livro de contos "Noite feliz", de Fran Martins, o autor vitorioso de "Poço dos paus", "Mundo perdido" e "Estrela do Pastor". Realmente, o livro é interessante e o conto que lhe dá título é digno de figurar numa antologia. Vivendo em Fortaleza, capital do seu Estado natal, Fran Martins empresta à vibração do seu talento a um dos mais expressivos movimentos literários da terra de José de Alencar, do qual resultou a fundação da Editora Clá, responsável pelo lançamento da Editora Clá, responsável pela lenta apresentação gráfica.

NOITE
FELIZ



Zaluar 546



O "Carro Lirico de Thespis", armado na Esplanada do Castelo, e no qual até o início desta semana só tinha havido o espetáculo de estréia, em razão do mau tempo.

A OPERA NO CARRO DE THESPIS

QUANDO, no intervalo do primeiro para o segundo ato de espetáculo de estréia do Carro de Thespis Lirico, ouviamos, das primeiras filas das cadeiras, o ruído da mudança de cenário e os berros dos electricistas e carpinteiros alguém disse:

— Baixou o espirito de Mussolini lá atrás...

A brincadeira foi lembrar que o que nos trouxe o Carro de Thespis Lirico foi, justamente, o oposto do espirito de Mussolini. Trouxe o espirito da Itália, abrindo largas perspectivas para espetáculos dessa natureza que, revivendo, adaptada ao nosso tempo, a tradição do teatro grego, aberto às massas populares na comunhão dos estádios, surgiu aqui no Rio, com um grupo de artistas, em sua maioria jovens, pouco conhecidos, participantes do movimento renovador da cena lirica, elementos destacados entre os valores jovens da opera italiana.

Precisamente esse acontecimento, de profunda significação, vem trazer a nação de uma arte democrática, em que pese a opinião dos "granfinos" da estética. E' evidente que certas operas certamente não se adaptam aos processos monumentais de que lança mão a obra gigantesca, mas Aida, Mefistofele, Gioconda e tantas outras partituras aparecem, pela primeira vez em suas verdadeiras proporções, aos nossos olhos, nessas realizações.

A Aida, cuja cena da vitória, no segundo ato, sempre foi, nos palcos forçosamente diminutos dos teatros, uma miniatura da concepção do autor, súbitamente cresce e se

Espectáculos ao ar livre, para dez mil espectadores — Um palco com quinhentos metros quadrados — Iluminação: quarenta mil velas — Se chover, volte outro dia... — Gigli, porém não Beniamino — A estréia de Elizabetta Barbaio.

ROBERTO LYRA FILHO

Especial para REVISTA DA SEMANA



transforma. E então, há de fato, exercícios em cena. Quinhentos figurantes...

ASPECTO DO CARRO DE THESPIS

O palco divide a platéia e tribunas do acampamento que há atrás, com os camarins dos artistas. Dotado de uma superfície de mais de quinhentos metros quadrados, avança, com um proscênio também bastante amplo, no qual se movimentam massas corais e coreográficas. Dividido em três secções, a cena alarga-se, quando necessário, em poucos minutos. Montada sobre uma armação de aço,

que se sustenta, e coberta por uma cúpula especial, tem à frente, o chamado "golfo místico", no qual se aloja a orquestra. Este compartimento, que se cava à frente do palco, numa pequena diferença de nível, corre ao longo deste, com instalações para mais de duzentos professores.

A cúpula, a que aludimos, é uma patente italiana, "Fortuny", consistindo de um pano branco que, por um jogo hábil de iluminação, dá a ilusão de amplas perspectivas, podendo simular um céu azul ou um céu carregado, com coriscos, relâmpagos, chuva... Um aspirador elétrico permite a formação de nuvens.

PALCO GIRATÓRIO

O palco, como está, comporta a adaptação de uma superfície giratória, raramente usada, uma vez que diminui, forçosamente, a área consagrada a cada cenário. As mudanças de cenário, à vista do público, podem, porém, ser feitas, com o auxílio de um sistema especial de carrinhos que deslizam pelo palco cobrindo a parte do cenário que está sendo preparada e desaparecendo, no momento propício, para revelar, numa nova dimensão, o outro cenário.

A boca do palco tem sete metros e meio de altura e quinze metros de largura. Um largo toldo, que envolve toda essa parte do Carro tem mais de 850 metros quadrados de superfície.

PLATÉIA E TRIBUNAS: TRANSFORMAÇÕES

Normalmente, comporta dez mil pessoas a instalação do Carro, sendo que cinco mil cadeiras e cinco mil localidades nas tribunas... Entretanto, em certas espetáculos especiais, encarregam-se os técnicos de dobrar essa capacidade, conseguindo, portanto, vinte mil pessoas assistir ao espetáculo nas mesmas condições de visão e audição, uma vez que há aparelhos especiais assegurando a boa acústica e um serviço de iluminação completo.

ELETRICISTAS

A câmara de comando das instalações elétricas é móvel e consta de cerca de seis mil cabos, dando luz equivalente a nada menos de 400 000 velas. Ademais, há precauções no sentido de assegurar a iluminação, caso falhe a fonte de energia local, suprimindo-se esta com geradores pertencentes ao Carro.

A energia elétrica, usada em vários efeitos, como chuva, relâmpagos e estrelas, é projetada na Cúpula Fortuny que a absorve, calculando-se assim o ponto iluminado, a forma da mancha de luz e o seu brilho.

Há, ainda, uma guarita que utiliza energia de alta tensão.

SE CHOVER...

À medida que o Carro foi atravessando as etapas de sua tournée, desde que cruzou a Itália, de cima a baixo, até que apareceu aqui, a experiência foi indicando modificações necessárias, alterações indispensáveis, tais como as providências que visam regular o caso de chuva. Não se trata, aqui, da chuva artificial, no palco e sim da chuva que, realmente, inunde esse gigantesco recinto, aberto ao céu, ao ar livre...

A soprano Ana Farnone, em "Bohème", cantada no Municipal



O tenor Mario Filippeschi, em "Bohème", cantada no municipal.

Um aviso, colocado na bilheteria e no Teatro Municipal, onde se vende ingressos, determina o seguinte:

Se chover até o final do primeiro ato, será devolvido aos espectadores o dinheiro do ingresso e o espetáculo, transferido para outro dia, se, porém, depois do primeiro ato, cair a primeira pancada d'água, importará isso na interrupção do espetáculo que, neste caso, será dado como concluído, perdendo qualquer direito do público a entradas para outra ocasião.

Se a chuva tiver que cair, que caia antes, ou logo no início do espetáculo...

A ESTRÉIA

A lotação completa do Carro aguardava, ansiosa, no dia da estréia, o início do espetáculo. Entre os protagonistas somente um nome conhecido se destacava: Maria Benedetti, mezzo soprano que já estivera no Brasil. Além dela, ninguém mais era conhecido. Entretanto, poucos minutos depois, teríamos a revelação de Elisabetta Barbato, um soprano dramático de voz extensa, veludosa, segura em todos os registros. Uma atuação dramática discreta, realçada pela figura elegante, contribuiu, ainda, para o seu sucesso fulminante, que, logo após a ária Ritorna Vincitor, já estava assegurado 10.000 pessoas, de pé, aplaudindo... Daí por diante Barbato seguiu, atravessando as dificuldades extenuantes de um papel que exige um esforço contínuo, sem, um momento sequer, decair, no alto nível em que se colocou a sua performance.

Maria Benedetti confirmou e, de certo modo, ainda desenvolveu, as qualidades que já havíamos notado por

ocasião de sua primeira visita. A emissão, contudo, bastante aperfeiçoada, dá-lhe, agora, um domínio mais completo dos agudos.

Renato Gigli, a despeito do que indica o nome, não se recomenda por nenhuma semelhança com seu ilustre parente, o tenor Beniamino Gigli. Canta sem esforço, com considerável correção, porém sua voz não tem, para realçar seu esforço sincero, aquelas qualidades de timbre indispensáveis ao grande tenor. Apesar disso, Renato Gigli não compromete. Nem poderíamos ser demasiado severos com ele, somente pelo fato de trazer um nome que leva a comparações perigosas. Aliás, grande parte do público, lendo os anúncios, que diziam, lacônica e ambigüamente, Gigli, acreditou estar assistindo à decadência de Beniamino...

— Como está velho, disse alguém.

E Renato Gigli que só agora está entrando nos trinta anos...

Completando o elenco, Renato de Falchi, barítono que dispõe de uma belíssima voz, encarnou Aménaro, com proficiência, apesar de alguns senões, como a sua tendência à "tenuta" forte e retumbante, defeito, aliás, peculiar a não poucos cantores italianos.

Nerone, como Ramfis, revelou-se dono de uma voz redonda, extensa, emitida sem esforço, em fraseado fácil e correto.

As massas corais, o corpo de baile, com uma solista magnífica, completaram o elenco, dirigidos pelo maestro de Fabritius, que foi chamado, mais de uma vez, pelo público entusiasmado.



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50



MENAGOL

REGULA

A VIDA DE GOUNOD

(Continuação da pág. 25)

messem-se como abutres sobre uma criatura ferida, insinuaram, zombeteiros, que a neblina de Londres lhe dissipara o "talento". No decurso a Sra. Weldon foi condenada à prisão por haver difamado outro homem. Tudo isso, no entanto, de nada valeu a Gounod. Os tribunais ingleses exararam, finalmente, uma sentença contra ele e a favor da Sra. Weldon. A soma, dez mil libras.

Enmagado, por esse golpe, recolheu-se de novo o compositor ao seu misticismo. E, desta feita, permaneceu místico até o fim. Arrumando a sua mala de música como uma capela, com um órgão enorme, lá se quedava, horas a fio, a tocar as cantatas religiosas de Bach, "o mestre dos mestres". E foi então que lhe acudiu a idéia da obra-prima de sua própria carreira, o oratório "Mors et Vita" (Morte e Vida). No prefácio dessa obra explica ele a razão por que colocou a palavra "Morte" antes da palavra "Vida". "Se a vida precede a morte na sequência do tempo, a morte precede a vida na sequência da eternidade. A morte pode ser o fim da "ilusão" da vida, mas é o princípio da "verdadeira" vida, da vida imortal da alma".

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



Saint-Saëns, em seu celebrado "Retratos e Lembranças", diz o seguinte da "Mors et Vita" de Gounod: "Num futuro remoto, quando as óperas de Gounod estiverem acumulando poeira nos arquivos das curiosidades musicais, a sua "Mors et Vita" apresentará-se como a ilustração viva do compositor que trouxe glória à França no século XIX", pois esse oratório é "um dos famosos cânticos de amor do mundo" — o cântico do amor do Homem a Deus, do amor de Deus ao Homem.

Antes de morrer encetu novo trabalho religioso, um "Réquiem". Nunca, porém, o terminou. Uma tarde, no outono de 1893, ao sentar-se para trabalhar, caiu-lhe a cabeça sobre a mesa. "Psii", disse a esposa aos demais membros da família, "não o perturbemos. Ele está dormindo...".

"A morte", dissera ele, "é o princípio da vida".

(Do livro "Vidas dos grandes compositores").

Skelmersdale no país das fadas

(Continuação da pág. 27)

fora tão somente o resultado de uma provocação desastrada e indesculpável, mas, estou bem certo de que bem depressa ele se arrependeu disso. Eu sabia que ele se mostrava em extremo lisonjeado de que o vissem passear em minha companhia. E pois, chegado que foi o momento, aceitou da melhor vontade o oferecimento de chegar até a minha casa para fumar um cachimbo e beber uns goles de uísque. Uma vez aí, conjecturando eu, por um feliz instinto, que havia no fundo de tudo aquilo desgostos íntimos, e sabendo que as confidências engendram confidências, enchi-lhe os ouvidos de detalhes interessantes e sugestivos a respeito do meu passado, real ou fictício. E, se me não falha a memória, foi depois do terceiro uísque, por ocasião da sua terceira visita, a propósito de um namorado ingênuo que me pusera deveras apaixonado, tinha eu dezoito anos, mais ou menos, foi então, digo, que ele rompeu o silêncio, livremente, por impulso próprio.

— O mesmo me sucedeu em Adington, — disse ele. — E o mais engraçado está justamente nisto. A princípio, eu nada sentia por ela, era ela quem estava enfeitada por mim, e depois, quando já era muito tarde, fui eu que fiquei enfeitado por ela.

Abstive-me de refutar a alusão. Também, não tardou que ele contasse outra, e, dentro em pouco, insinuava, de um modo tão claro como o dia, que a única coisa de que desejava então falar, era aquela aventura ao País das Fadas, em relação à qual se havia mostrado até aquele momento tão misterioso. A coisa estava pois encaminhada, e, da minha posição de estrangeiro meio incrédulo e meio facecioso, eu me via transformado, mercê da minha prodigalidade impudente de confidências, em confidente necessário. Aguilhoara-o o desejo de provar que, também ele, tinha vivido e sofrido — e agora a febre empolgava-o.

A princípio, bem se vê, ele procedeu por alusões singularmente enigmáticas, e a minha impaciência de projetar um pouco de luz na sua narração por meio de perguntas precisas, só era contrabalançada pelo temor de intervir cedo em demasia. Mas, depois de outras duas visitas, ficaram solidamente assente as bases da sua confiança e creio que obtive, desde o primeiro até o último, os detalhes

da história, — a dizer a verdade, ouvi grande número de vezes tudo o que Skelmersdale nunca será capaz de contar, em razão das suas limitadas faculdades narrativas. Assim pois, reunindo os fragmentos e as diversas partes, julgo poder estabelecer a exata relação da sua aventura.

Que o acontecimento se tenha realmente produzido, que ele o tenha imaginado ou sonhado, ou que se apoderasse dele essa idéia no decurso de uma estranha alucinação, nada disso pretendo elucidar. Que, porém, a tenha ele inventado, essa é a única hipótese que nem por um só minuto admitirei. O meu homem julga, com toda a singeleza e honestidade, que o caso se passou como ele o conta. Ele é manifestamente incapaz de uma mentira, de um embuste tão laborioso e tão complicado. E encontro uma poderosa confirmação da sua sinceridade na convicção dos espíritos rústicos, mas não raro singularmente penetrantes, que o rodeiam. Ele acredita — e ninguém pode produzir um fato que destrua a sua convicção. Quanto a mim, limitando a isso a minha adesão, aqui transmito simplesmente a sua história — na minha idade, ninguém precisa de se explicar nem de se justificar.

Conta ele pois que uma noite, pelas dez horas, adormeceu sobre o Outeirinho de Aldington; é possível que fosse na noite de São João, posto que não tivesse prestado a isso especial atenção e só dê a data com a diferença de uma semana aproximadamente. A noite estava clara, não havia a mínima viração e a lua despontava a este. Depois que se foi acentuando a exatidão dos incidentes, dei-me ao trabalho de visitar o Outeirinho, o que fiz por três vezes. Até mesmo uma vez para lá fui ao cair da noite, quando a lua despontava, em data idêntica à da sua aventura, Jupiter cintilava em todo o esplendor acima da lua; ao norte e ao noroeste, o céu tinha ficado de um verde claro e luminoso, após o pôr do sol. O Outeirinho ergue-se melancólico e escaldado por baixo do firmamento, mas envolto, na sua base, de matagais espessos; e, enquanto eu subia, ouvia-se por todos os lados um susurro constante de coelhos, espectrais, ou completamente invisíveis, que se punham em fuga. No cume, e somente lá, zumbiam nuvens de mosquitos. O Outeirinho, segundo creio, é um montículo artificial, provavelmente o túmulo de algum grande chefe pre-histórico, e, é fora de dúvida que jamais homem algum escolheu para sepultura uma perspectiva tão vasta. Para este, o olhar segue as colinas até Hythe, e de lá, transpondo o estreito, ele descortina os grandes reflexos brancos de Griz-Nez e de Boulogne, que tremeluzem, extinguem-se e desaparecem por completo. Do lado de oeste, estende-se o vale acidentado do Weald, que se avista até Hindehead e Leith Hill, ao passo que o vale do Stour, desviando-se de Downs ao norte, vai ter às intermináveis colinas situadas além do Wye. Toda a planície de Romney ostenta-se para o sul com as suas muitas aldeias; a meia distância, interpõe-se Hatings com a sua colina, e uma fileira de cumes se multiplica vagamente, ao longe, para além de Eastbourne, prolongando-se até Beachy Head.

Dominando toda essa paisagem, Skelmersdale passeava, absorvido pelos seus primeiros infortúnios de amor, e, como ele mesmo disse: "andando ao acaso para onde o levavam os seus passos". Finalmente assentou-se para refletir melhor, e foi nessa posição, insípida e desolada, que o surpreendeu o sono e que ele caiu em poder das fadas.

O desgosto que o mortificava tinha tido por causa um desacordo insignificante

ROUGE LÍQUIDO
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
RAINHA DA HUNGRIA

entre ele e a jovem de Clapton Hill de quem era noivo. Essa jovem era filha de um rendeiro, disse-me Skelmersdale, uma moça "muitíssimo decente" e sem dúvida um excelente partido para ele. Ambos, porém, eram muito jovens, e ainda suscetíveis desse mútuo ciúme, dessa intolerância obstinada, desse desejo indômito de uma perfeição ideal, que em breve, e mui providencialmente, a vida e a experiência embotam. Não possuo dado algum quanto ao objeto daquela contenda. Talvez ela houvesse dito que gostava dos homens que usam polainas, justamente em uma ocasião em que ele estivesse sem as suas; ou então, fora ele quem lhe dissera que preferia vê-la com um outro chapéu. Entretanto, fosse qual fosse a origem, por uma série de fases deploráveis, o conflito chegou até a acrimônia e até às lágrimas. E' de crer que, no fim do passeio, ela se achasse banhada em prantos e confusa e ele completamente empoirado e daspontado. Ela abandonou-o após algumas irritantes comparações, duvidamos sinceramente que jamais tivesse experimentado por ele um sentimento terno e verdadeiro, e perfeitamente convencida de que não o experimentaria mais dali em diante.

Foi com essa espécie de angústia no espírito, que Skelmersdale golgou o Outeirinho e, de um modo indescritível, ai adormeceu, sem dúvida depois de passado muito tempo.

Ao despertar, achou-se deitado sobre a relva extremamente macia, à sombra de árvores muito frondosas que enco-

(Continua na pág. 53)

CORTE E COSTURA



Aproveite suas horas de folga para aprender por correspondência, SEM SAIR DE CASA, uma profissão que de muito lhe valerá para o futuro. Torne-se UMA PERFEITA MODISTA graças ao nosso sistema exclusivo e nossa organização superior. Poderá exercer sua nova profissão logo depois de iniciar os estudos. Mensalidades suavisísimas. Envie-nos hoje mesmo o cupom abaixo:

GRATIS

Cada aluno receberá: Figurinos moderníssimos. 1.º Cartão de Visita. Carteira de Identidade. Serviço especial de consultas.

INSTITUTO POPULAR DE ENSINO
Caixa Postal 5317 - S. Paulo

64

Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto sobre o curso de Corte e Costura por correspondência:

NOME:

RUA: N.

CIDADE:

ESTADO:

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



Em cima : Os nubentes ouvindo as palavras de D. José Pereira Alves.

NÚPCIAS

ENLACE: MARIA LÚCIA
FERREIRA SALDANHA --
ROBERTO BEZERRA
DE MELLO



Em baixo : Senhora Maria Lúcia quando assinava o compromisso nupcial.



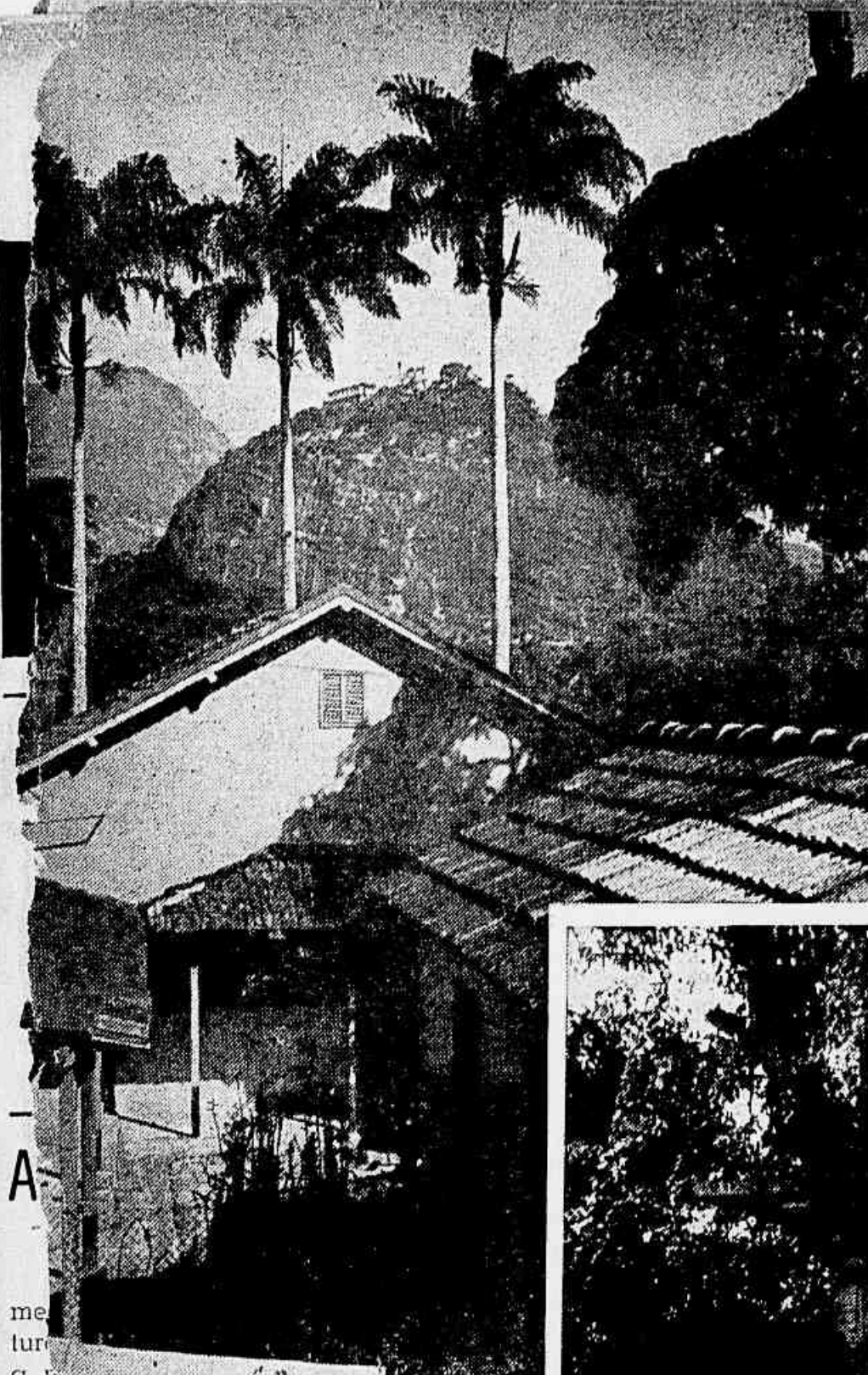
Constituiu marcante acontecimento social o enlace matrimonial da senhorita Maria Lúcia Ferreira Saldanha, filha do conceituado industrial e homem de letras Sr. Horácio Cicero Martins Saldanha e d. Edmêa Rego Ferreira Saldanha, com o Sr. Roberto Bezerra de Melo, filho do operoso financista Sr. Othon Lynch Bezerra de Melo e d. Maria Amália Brito Bezerra de Melo.

No ato civil, realizado no dia 26 de dezembro último, foram testemunhas, por parte da noiva, o Sr. Edmundo Rego Ferreira, d. Maria do Carmo Lyra Ferreira, Dr. Corinho de Arruda Falcão e d. Maria de Lourdes Saldanha de Arruda Falcão, e por parte do noivo, o Dr. Alberto Brito Bezerra de Melo, d. Maria Auxiliadora Fernandes Bezerra de Melo, Sr. Arthur Brito Bezerra de Melo e d. Vitória Góis Bezerra de Melo.

A cerimônia religiosa realizou-se às 17.30 horas, na igreja da Can-deária, que apresentava um aspecto deslumbrante. A solenidade, foi oficiada pelo bispo de Niterói, D. José Pereira Alves, que dirigiu ao distinto casal uma belíssima saudação, tendo servido nessa ocasião de padrinhos pela noiva o Sr. Othon Lynch Bezerra de Melo e senhora, Sr. Ademar Costa Carvalho e d. Esther Souto Costa Carvalho, e pelo noivo, o casal Horácio Cicero Martins Saldanha, Sr. Othon Lynch Bezerra de Melo e d. Maria Candida Corrêa de Brito.

Após a cerimônia religiosa, os pais de Maria Lúcia ofereceram em sua residência uma magnífica recepção à sociedade brasileira.

A ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMERCIO AMPLIA O SEU PROGRAMA DE ASSISTENCIA SOCIAL



A
me
tur
a n
lent
den
oul
na
gl
A
ga
A

A Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, uma das mais antigas e conceituadas sociedades de beneficência da Capital da República, cujas delegações em sua sede própria, no coração da cidade, à Avenida Rio Branco, são consideradas modelares e das melhores da América do Sul, acaba de adquirir uma grande chácara, num recanto desprocurado de Jacarepaguá. Desenvolvendo

seu já extenso programa de assistência social, no intuito de proporcionar aos seus 33.000 associados o máximo de conforto e amparo, vai agora a AEC instalar nessa nova propriedade, situada numa região de clima ameno e saudável, um Retiro (Casa dos Velhos), e oportunamente um Sanatório e uma Colônia de Férias. As fotografias que ilustram esta notícia são da chácara recém-adquirida.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

NOITE FELIZ

(Continuação da pág. 46)

empunhar o cepilho e a enxó... Sim, o menino seria feliz, iria para a escola, seria inteligente, mais sabido que os colegas, um dia talvez até causasse assombro aos mestres, aos doutores que ensinavam no Liceu, na Faculdade... Tinha-se já visto casos assim, não era por ser seu filho não... E depois, crescería mais ainda, faria discursos em comícios como os seus colegas de carpintaria, que agora estavam agitados, nos sábados reuniam-se em bairros proletários e eram aplaudidos por todos. Sim, e o menino haveria de ser um líder como o seu primo João contra-mestre da carpintaria, que tinha sempre gente em redor de si, ouvindo as suas palavras que descreviam um mundo melhor, que atacavam os poderosos, os exploradores, os que vendiam a consciência o povo, os que perseguiram os pobres... Diziam que ele era um agitador, que o contra-mestre queria subverter a ordem, transformar o mundo... Seria verdade? Não, ele apenas desejava que todos fossem iguais, que todos se nivelassem... E por isso os operários o seguiam, os mais velhos curvavam a

cabeça às suas palavras, os poderosos o perseguiram... Era um líder, o defensor dos pobres, o amigo de todos os que sofrem, que anunciava um novo mundo para todos os que lutam...

Mas deveria seu filho ser como o primo João? Deveria sofrer como João sofrera, perseguido pela polícia, preso, açoitado, deportado, ameaçado, uma vez até jurado de pena de morte? E se fizessem isso com o seu filho? Se um dia o perseguissem, mandassem soldados atrás dele, varejassem casas à sua procura, pusessem o nome dele em editais, como se se tratasse de um criminoso? Se fizessem isso com o menino? E se, além de tudo, um dia o capturassem — como tantas vezes capturaram João — e o açoitassem, judiassem com ele? Esse quadro trágico não lhe sala da cabeça — e martirizava-o a angustia que o possuiria, a aflição da mulher, a luta para salvar o filho, a dor que sentiria ao vê-lo sofrendo. Não, nessa época não estaria mais vivo — mas Maria certamente se atiraria aos pés dos soldados, pedindo, suplicando que não fizessem aquilo com o seu filho. E talvez não ouvissem os soluços e rogos de sua mulher, talvez o arrastassem pelas ruas, o levassem para uma colina deserta, matassem-no, matassem-no como se ele fosse um ladrão, matassem-no covardemente...

Seu corpo tremia todo, suas mãos crispavam, sei olhos fuzilavam de ódio na escuridão. Não podiam fazer isso com seu filho — ele apenas desejava o bem de todos, a felicidade de todos. Primo João não era um criminoso, Emmanuel não seria um criminoso também para se ver perseguido pela polícia como um ladrão vulgar. Não, seu

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

filho devia ser compreendido. Ele apenas desejava um mundo melhor, um mundo mais feliz. Desejava apenas cumprir a sua missão como o primo João cumpria a dele, alegrando lares, curando doentes cuja moléstia era a ruína da vida, acenando para todos com um futuro melhor, com um mundo melhor, mais justo, mais equitativo...

Lá dentro a criança chorou, ouviu a mãe ciciando para que o menino dormisse. Emmanuel, seu filho... A manhã vinha chegando, já se distinguiam, na semi-obscuridade, os perfis das casas surgindo das sombras. Precisava dormir, descansar, precisava tirar aqueles pensamentos tolos de sua cabeça. Porque lhe surgiam aquelas visões tristes se hoje estava feliz, se há pouco tempo tivera a alma inebriada de contentamento? Maria não devia suspeitar de nada, nem dos seus devaneios trágicos, nem da situação difícil em que se encontrava. Amanhã deveria amanhecer sorrindo, amanhã iria procurar emprego em outra carpintaria.

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

RUGÔL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA PARTE

SKELMERSDALE NO PAÍS DAS FADAS

(Continuação da pág. 50)

briam completamente o céu. Aliás, é de presumir que, no País das Fadas, o céu esteja perpétuamente oculto. A não ser numa noite em que as fadas estiveram dansando, Skelmersdale nunca viu uma estrela, durante todo o tempo que esteve entre elas. E' caso para duvidar se, durante aquela noite única, ele estaria realmente no País das Fadas, ou antes lá fora, no meio dos juncaes, das campinas baixas que margeiam a linha da estrada de ferro.

To-lavia, apesar de tudo, havia clareza em baixo daquelas árvores; nas folhas e sobre a relva luziam miríades de vagalumes. A primeira impressão de Skelmersdale foi que ele era "pequeninssimo", e a segunda, que estava rodeado de uma infinidade de seres ainda mais pequenos do que ele. Sem que possa explicar porque, não experimentou nem surpresa, nem temor; sentou-se pausadamente, e esfregou os olhos com ambas as mãos. Em volta dele, sorridentes, estavam os pequenos gênios que o tinham capturado durante o sono.

Não me foi possível formar uma idéa exata do aspecto desses gênios, tal a indiferença que Skelmersdale pareceu manifestar pelos pequenos detalhes, e tão vago e imperfeito é o vocabulário de que ele dispõe. Esses gênios estavam vestidos com um tecido muito leve e muito belo, que não era lã, nem seda, nem folhas, nem pétalas de flores. Todos aqueles seres minúsculos olhavam para ele, quando despertou, e logo depois, do alto da clareira, por uma alameda resplandecente de vagalumes, e tendo por diadema uma estrela, desceu em direção a ele a fada que é a principal personagem da sua narração e da sua saudade.

Sobre essa logrei obter mais amplas informações. Estava vestida de um tecido verde transparente, e tinha a cingida um largo cinto de prata. Os cabelos flutuavam-lhe sobre as espáduas, de cada lado do rosto, em belas madeixas, não muito indóceis, mas no entanto caprichosas. Coroava-lhe a fronte uma pequena tiara na qual estava engastada uma estrela. As mangas abertas em vários lugares deixavam ver os braços delicados; sem dúvida estava decotada, pois que ela fala da beleza do seu pescoço, ornado de um soberbo colar de coral, de onde lhe pendia sobre o peito uma flor coralina. As linhas do seu rosto e do seu busto eram as de uma criança. Os olhos meigos, sinceros e carinhosos sob as arcadas regulares, eram de uma nuança fulva muito intensa. Por esses detalhes, fácil é julgar da importância que tinha no quadro a feérica infante. Ele tentou, embora sem o conseguir, descrever-me alguns outros aspectos: "o modo como a fada andava", repetiu ele várias vezes, e eu imagino uma espécie de esplendor sorridente e venturoso.

Foi na companhia dessa deliciosa personagem, como seu hóspede e companheiro dileto, que Skelmersdale foi iniciado nas intimidades do país das fadas. Ela acolheu-o com alegria — suponho com razão que lhe tomou uma das mãos apertando-a nas suas e envolvendo-lhe um sem-flante radioso. Afinal de contas, há dez anos atrás, o pequeno Skelmersdale devia ter uma aparência bastante agradável. Ora ela se lhe apolava ao braço, ora o conduzia pela mão através da clareira onde rutilavam os vagalumes.



PROTEJADO

*desde os
primeiros
passos.*

**AGORA É O MOMENTO DE
ABRIR PARA SEU FILHO, UMA
CADERNETA DE ECONOMIA
ISTO REPRESENTA PROTEÇÃO
PARA OS SEUS DIAS FUTUROS**

PROCURE HOJE MESMO A
**CAIXA ECONOMICA FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO**
EM CADA BAIRRO HA UMA AGENCIA
PARA SUA COMODIDADE



A descrição, entrecortada, deslocada e retalhada, que me fez Skelmersdale, não me permite fazer um histórico rigoroso do modo como se passou o tempo da sua estadia no País das Fadas. Em dados mutilados e insuficientes, ele fala de recantos estranhos, de fatos e gestos extravagantes, de lugares em que as fadas se reuniam em grande número, de "cogumelos que faiscavam com um brilho róseo", de alimentos feéricos que ele preconizava sempre com a mesma frase: "não lhe digo senão isto", de harmonias arrebatadoras que se diria virem de uma "caixinha de música". Havia vastos espaços onde as fadas cavalgavam e organizavam corridas; mas não me é possível dizer exatamente o que Skelmersdale entendia explicar quando falava "daquelas cousas sobre que as fadas galopavam": seriam talvez larvas, ou gafanhotos, ou desses pequenos coleopteros que fogem de nós e se ocultam nas profundezas da terra. Em outro lugar, um regato descia em cascata, e em volta dele, despontavam

gigantescos botões de ouro. Era ali que nas horas de calma as fadas se banhavam todas juntas. Entre os bosques umbrosos e tapetados de musgo, as fadas e os pequenos gênios se recreavam e dançavam, galanteando-e e afagando-se reciprocamente. Finalmente, sem que possa haver sobre isso a menor dúvida, o linda fada principiou a fazer a corte a Skelmersdale, e, também sem a mínima dúvida, o jovem obstinou-se em resistir-lhe. Em um lugar afastado e tranquilo, à beira de uma fresca nascente, ela vinha sentar-se ao lado dele, no meio do perfume das violetas, e segredava-lhe propostas de amor.

Quando ela abaixava a voz, — contou-me Skelmersdale, — e me falava em segredo, quando sobre a minha colocava a sua mão, quer saber, e se aproximava de mim de um modo amistoso, confiada e pressurosa, eu fazia os maiores esforços do mundo para não perder a cabeça.

Parece que ele elevou o império so-

bre si mesmo até um grau funestamente pouco perspicaz. Ele viu, disse, de que lado soprava o vento. E foi assim que, indolentemente reclinado em um leito embaixado de violetas, ao lado daquela fada deliciosa, Skelmersdale confessou-lhe com toda a circunspeção que era noivo.

Acabava ela de lhe confiar que o amava ternamente, que ele era um adorável humano, que tudo quanto lhe pedisse ela lhe concederia.

Skelmersdale fazia o que podia para não olhar para os seus pequenos lábios que se abriam e fechavam de um modo tão lido. Enfim, ele abordou a confissão íntima e perigosa, declarando que desejava obter um capital suficiente para fundar um pequeno comércio; ser-lhe-lia agradável, disse, dispor de uma soma bastante para que pudesse arriscar a empresa. Imagino a surpresa que se devia pintar nos belos olhos castanhos, mas

(Continua na pág. 57)



METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS

OPERA NAS SEGUINTE CARTEIRAS:

VIDA, INCENDIO, TRANSPORTES (MARITIMOS E TERRESTRES),
AUTOMOVEIS, ACIDENTES PESSOAIS E ACIDENTES DO TRABALHO

FILIAIS E AGENCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

MATRIZ:

AVENIDA RIO BRANCO, 110 -- 1.º ANDAR

PRESIDENTE:

DR. F. SOLANO C. CUNHA.



ÊSSES NOSSOS CONJUNTOS VOCAIS...

Nosso rádio é pródigo na apresentação de conjuntos vocais, entre os quais citaremos os seguintes: "Namorados da Lua", "Anjos do Inferno", "Os Carriocas", "4 Ases e Um Coringa", "Vocalistas Tropicais", "Trigêmeos Vocalistas", "Quitandinha Serenaders", "Ataulfo Alves e suas Pastorais". Citamos, apenas, os que se exibem regularmente, sem falarmos naqueles que transitam vez ou outra pelos inúmeros programas de calouros. Não queremos de forma alguma desmerecer o esforço dos elementos que constituem esses agrupamentos, na sua totalidade compostos de rapazes bem intencionados. Mas isto não é tudo para um gênero que encerra inúmeras surpresas e dificuldades, posto que requer conhecimentos dessa coisa complicadíssima que se chama harmonia. Um conjunto vocal não é outra coisa senão um coro e, por isso mesmo, as suas vozes deveriam se combinar harmoniosamente, de modo a proporcionar aos nossos ouvidos essa sensação de prazer espiritual e de êxtase que somente a arte, em toda a sua pureza, é capaz de provocar. Infelizmente, porém, o que se observa na audição desses conjuntos não passa de verdadeiro atentado ao nosso bom gosto e reparem que eles só se saem sofrivelmente quando imitam gravações de conjuntos estrangeiros. Enquanto estes obedecem rigorosamente à orientação de verdadeiros músicos, os nossos deixam-se conduzir pela "bossa", vocábulo que deveria ser banido por decreto do nosso linguajar pelo terrível mal que tem feito ao Brasil. É um gozo vê-los ensalar: "Enquanto eu faço assim "lá-lá-lá", vocês fazem "lé-lé-lé" e e vocês aí fazem "lô-lô-lô". Disso resulta verdadeiras jóias de desafinação como as que temos a infelicidade de ouvir diariamente, com a conivência da direção artística das hossas emissoras e fábricas de discos.

O célebre poeta inglês Coleridge, em seu poema dedicado "A um mau cantor", disse com muita razão: "Os cisnes cantam antes de morrer, mas certas pessoas deveriam morrer... antes de cantar".

FIVE MINUTES MORE

Fox de Sammy Cahn e Jule Styne

Dear, this evening seemed to go awfully fast.
We had so much fun and now you're home at last.
I looked forward to a kiss or two at the garden gate,
But you gave me just one peck and insisted it was late.
Give me five minutes more, only five minutes more,
Let me stay, let me stay, in your arms
Here am I beggin' for only five minutes more, only five minutes more of your charms.
All week long I dreamed about our Saturday date.
Don't you know that Sunday morning you can sleep late.
Give me five minutes more, only five minutes more,
Let me stay, let me stay in your arms

AS IF I DIDN'T HAVE ENOUGH ON MY MIND

Fox de Charles Henderson, Harry James e Lionel Newman

I had troubles before
But now I got more.
As if I didn't have enough on my mind
I had to meet you.
As if I didn't have enough on my mind
You fell from the blue.
Couldn't sleep at night
And then you came in sight
So, now my cares are multiplied by two
As if I didn't have enough on my mind
I had to meet you
Why did it happen?
Adorable you.

MY MAMMY

(Fox do filme da Columbia "The Jolson Story")

De Sam Lewis, Joe Young e Walter Donaldson

Mammy, Mammy,
The sun shines East.

The sun shines West,
But I've just learned
where the sun shines best.
Mammy, Mammy,
My heart strings
are tangled around Alabama.
I see a'comin', sorry that I made
you wait;
I see a'comin', hope and pray
I'm not too late.
Mammy, Mammy,
I'd walk a million miles
for one of your smiles,
My Mammy.

SIRVA OTRA COPA

Tango de José Rotulo e Arturo Galucci

I

Sirva otra copa pulpero
que me ayude a recordar...
Pues son muchas primaveras,
Las que voy dejando atrás.
Sirva otra copa mi amigo
y entre charlar y charlar,
He de contar-le a este moço:
Cosas que suelen pasar...

II

Los ojos más lindos, que vieron mis ojos
Los tenía ella... los besaba yo...
La boca más linda, fué la de mi duena,
De color de guinda, como ceibo en flor!
En fin... que lle importa, que siga contando.
Son cosas que pasan... son cosas de Dios...
El hombre ha nacido sufriendo y cantando
y a veces sonando con cosas de amor

I BIS

Sirva otra copa pulpero
que no quiero recordar
Que el amor castiga al hombre
y agranda las penas más
Sirva otra copa mi amigo
y si me ve lagrimear
La vida tiene estas cosas:
Cosas que suelen pasar...

CODA: — Sirva otra copa pulpero
que no han de verme llorar...

*Mais de 16.000
portadores de títulos*

PARTICIPARAM EM 1945 DOS LUCROS DE SULACAP

Fundada para favorecer e incrementar a economia, SULACAP conseguiu tornar-se, em 16 anos, a maior sociedade anônima de previdência da América do Sul, subindo a mais de meio milhão o número de portadores de seus títulos espalhados por todo o Brasil. E sólidas Reservas Matemáticas, garantem as contribuições que lhe são confiadas. Os lucros de Sulacap pertencem também aos portadores de seus títulos, bastando dizer que, em 1945, quase 15 milhões de cruzeiros de lucros foram distribuídos aos que completaram 10 ou 15 anos, conforme o plano preferido, como prêmio à perseverança, na manutenção dos títulos em vigor.

Releva notar ainda que, em 1945, SULACAP pagou mais de 33 milhões de cruzeiros por títulos amortizados antecipadamente por sorteios, a maior quantia já desembolsada em um ano, por esse processo, por uma companhia de capitalização na América do Sul.

Siga o exemplo de mais de meio milhão de pessoas por todo o Brasil, adquirindo títulos de economia da

SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO, S. A.

A MAIOR SOCIEDADE ANÔNIMA DE
PREVIDÊNCIA DA AMÉRICA DO SUL

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIA /**



**DÔRES /
de CABAÇA**

TRANSPIROL



Cuidado com a PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se as suas gengivas estão sensíveis e amolecidas... se sangram com facilidade ao escovar os dentes — acute-se! São sinais de alarma desta enfermidade — que encolhe as gengivas e alrouxa os dentes.

Comece logo a proteger as gengivas e os dentes contra a Piorréia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes de manhã e à noite (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorréia. Exames clínicos recentes provam que, no fim de apenas um mês deste tratamento, 95 % dos casos ameaçados de Piorréia apresentam notável melhora.

Vá ao seu dentista com frequência. Siga os conselhos dele. E para restaurar o brilho natural dos dentes... a firmeza e a saúde das gengivas... comece a usar *hoje mesmo* o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

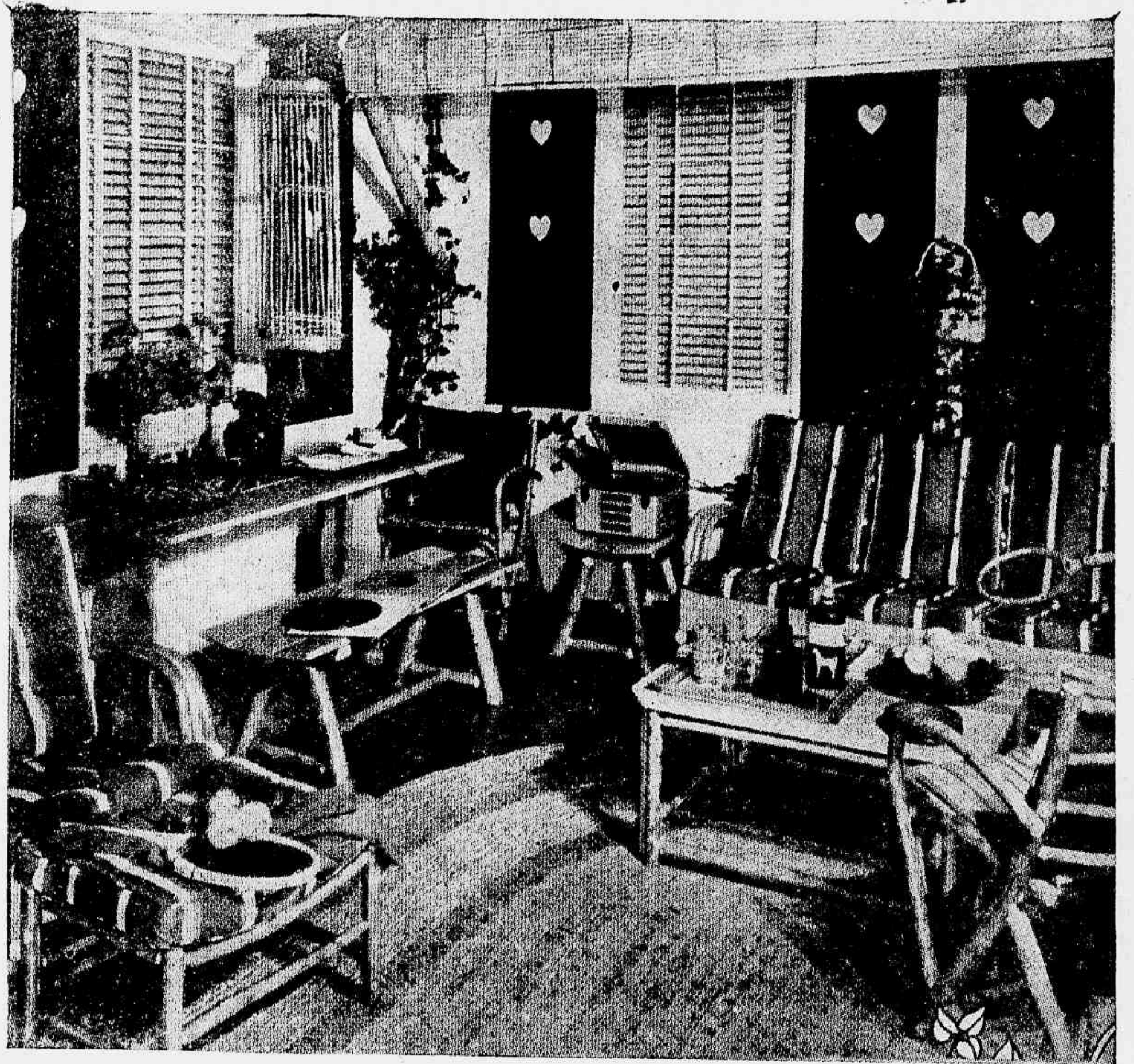
Escove os dentes com

Forhan's



DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.



AMBIENTES RUSTICOS

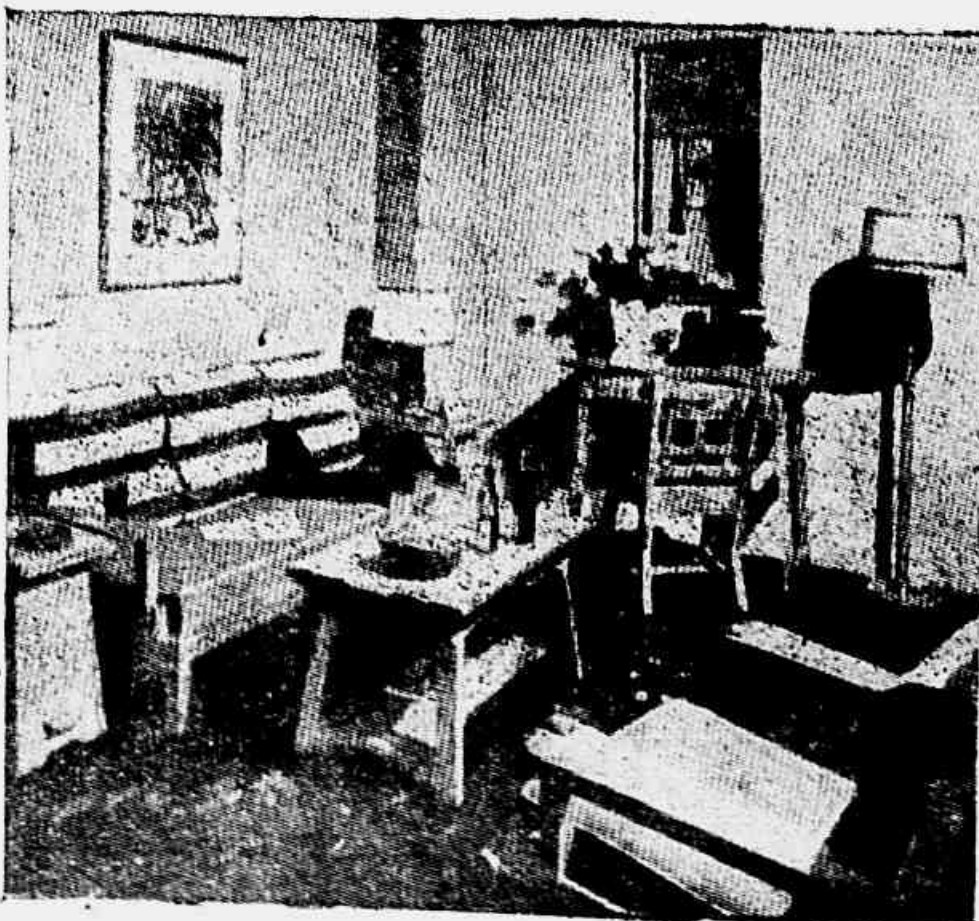
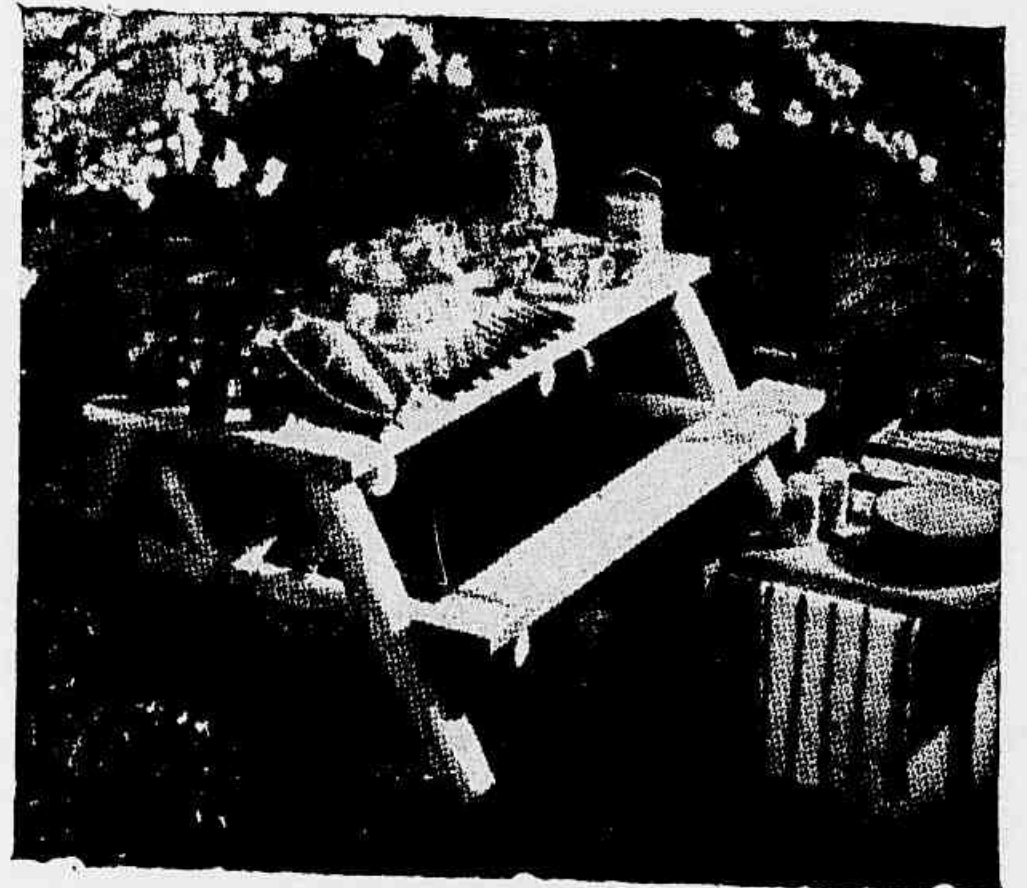
As varandas, terraces, jardins de inverno, etc., devem ser sempre rústico possível. Nesses recantos, tudo deve ser combinado de maneira a formar um ambiente alegre, fresco e convidativo, mesmo diferindo em estilo do restante do mobiliário. Nesta página damos às nossas leitoras algumas idéias de fato interessantes:

Fig. 1 — Grande varanda, chão de lajes vermelhas, paredes escuras com corações brancos. Móveis de madeira na cor natural, com almofadões de lona em cores vivas.

Fig. 2 — Conjunto simpático para jardim ou parque. Mesa e banqueta de muita simplicidade, próprios para refeições ao ar livre.

Fig. 3 — Na falta de jardim ou varanda, aproveite um quarto ou sala, para fazer um "living" rústico onde as pessoas da casa possam estar mais a vontade. O que aqui vemos é feito em pinho, na cor natural. Encosto de lona de largas listras verde e branco.

Fig. 4 — Outra idéia para um "living" rústico. Os móveis são de junco com almofadões forrados de lona havaiana.



Tais foram as suas palavras. E note-se bem que, nesse momento, já Skelmersdale estava apaixonado por ela, mas, por pura inércia de espirito, persistia na linha de conduta que a princípio tinha adotado. Imagino-o sentado, presa de uma espécie de beata estupefação, no meio de todas aquelas cousas, belas e cintilantes, respondendo às perguntas relativas a Millie, falando da pequena loja, que projetava abrir, da necessidade de um cavalo e de um carro...

E aquela estúpida situação teve de se prolongar durante numerosos dias.

Vejo também a mesma dama verde borboleteando em volta dele, procurando distraí-lo, demasiado descuidosa e delicada para compreender a sua complexidade e ainda muito enternecida para o deixar partir. E ele, hipnotizado, por assim dizer, pelo cuidado da sua posição terrestre, seguia a feiticeira de um para outro lado, cego para tudo o que entendia com o País das Fadas, exceto para aquela maravilhosa intimidade a que era admitido. E' difícil, é impossível explicar por palavras a radiosa suavidade do

fada, resplandecendo sobre a confusão simplória e tosca do pobre Skelmersdale. Para mim, pelo menos, ela resplandece, na confusão da narrativa, como um vagalume em um emaranhamento de nervos.

Durante todo esse tempo devia ter sucedido uma multidão de acontecimentos. Uma vez, disse eu, por uma bela noite de lua, eles foram até os juncos dos prados baixos. Estava, porém, decretado que aquele sonho encantador havia de ter fim. A fada alevou um dia Skelmersdale para uma caverna profunda, iluminada por uma espécie de lampada, muito grande e vermelha; havia ali muitos cofres amontoados uns sobre outros, bocetas e taças de ouro, e uma grande pilha amarelada que a Skelmersdale pareceu ser formada de moedas de ouro. No meio de toda aquela riqueza, andavam de um lado para outro uma infinidade de gnomos, que a saudaram quando entrou e lhe abriram alas à passagem. Inopinadamente, ela voltou-se para o mancebo e os seus olhos brilhavam de um modo estranho.

— Tem sido muito gentil, — disse ela, — em ficar comigo tanto tempo, e devo agora deixá-lo partir. E' preciso que volte para junto da sua Millie... para junto da sua Millie... e, conforme lhe prometi, vão dar-lhes aqui muito ouro.

— Dir-se-ia que ela estava sufocada, — contou Skelmersdale. — Ao vê-la naquele estado, — acrescentou ele levando a mão ao peito, — pareceu-me que qualquer coisa estalava aqui, — senti-me empalidecer, assaltado de um tremor convulso, e mesmo então, nada me ocorreu a dizer.

Calou-se.

— Sim, sim, — pronunciei em tom animador.

A cena tinha sido por demais patética para que ele pudesse descrevê-la, mas recorda-se de que ela o abraçou no momento extremo da despedida.

— E o senhor não disse nada?

— Absolutamente nada, — confessou o misero. — Deixei-me de ficar ali, como um carneiro empalhado. Ela voltou-se para trás uma única vez com uma expressão de riso e de choro ao mesmo

Senhorita Gloria Lintz, filha do ilustre clínico Dr. Enéas Lintz, que acaba de concluir Curso Científico, e está no último ano de piano da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.

SKELMERSDALE NO PAÍS DAS FADAS

(Continuação da pág. 53)

a fada não se mostrou por isso menos interessada, e fez-lhe toda a sorte de perguntas sobre o pequeno comércio, sem por um instante deixar de rir jovialmente. E, pois, ele acabou por lhe revelar toda a sua situação de novo e informá-la exatamente de tudo que respeitava à jovem Millie.

— Exatamente? — insisti eu.

— Exatamente, — confirmou Skelmersdale, — contei-lhe quem ela era, onde vivia, e tudo quanto se relacionava com ela. Eu sentia constantemente que não me era possível proceder de outro modo.

— Tudo quanto deseja, ser-lhe-á concedido, — prometeu a carinhosa fada.

— A concessão está feita. Dentro em pouco o senhor "há de sentir" que possui todo o dinheiro que lhe é necessário... E agora, há de me dar um beijo.

Skelmersdale fingiu não compreender estas últimas palavras e respondeu à fada que ela era muito boa, que na verdade ele não merecia aquele obséquio, e...

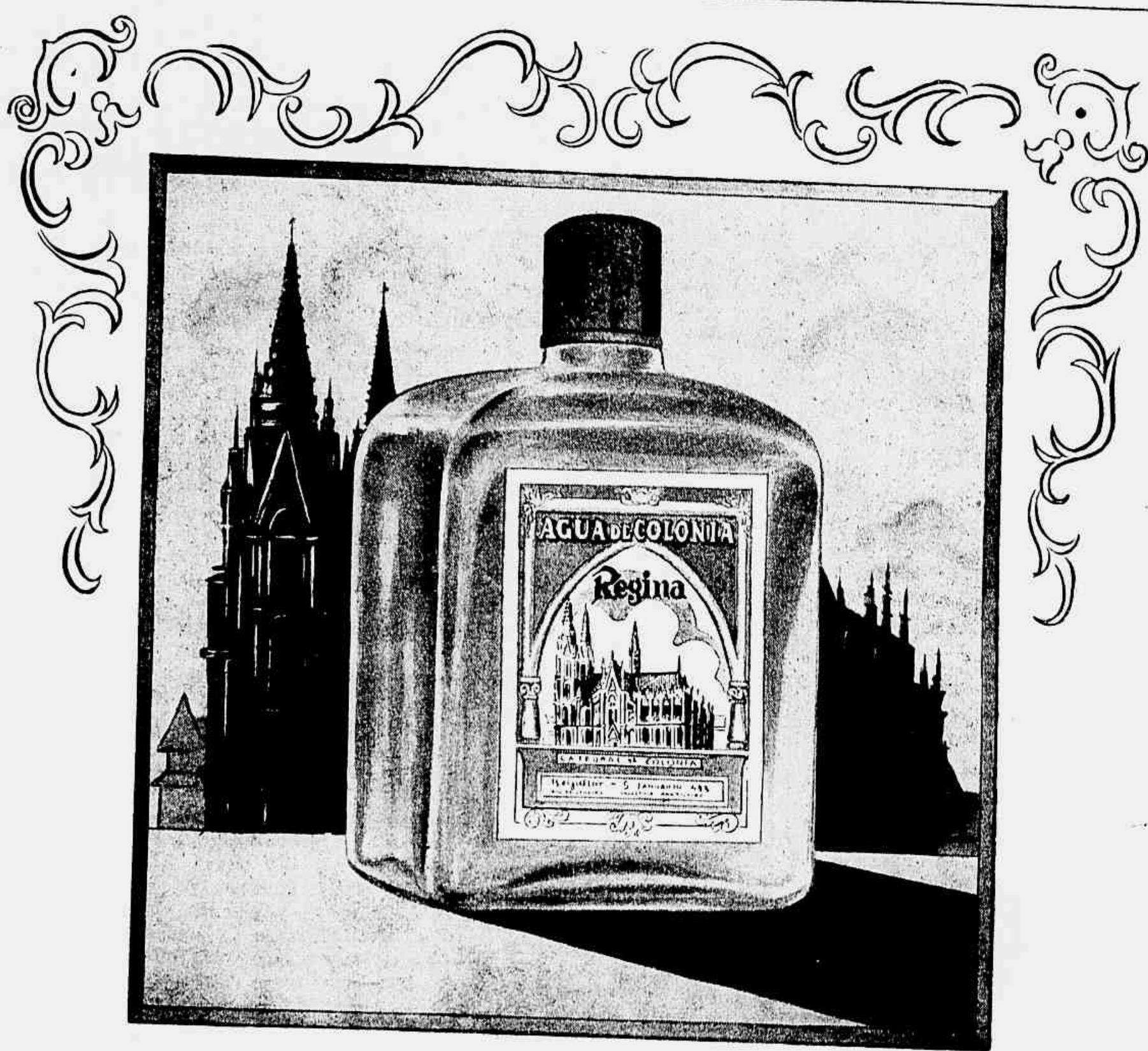
De repente, a fada aproximou dos lábios do mancebo a face aveludada e murmurou:

— Um beijo.

— E, — acrescentou Skelmersdale, — como um insensato, eu abracei-a.

Ha beijo e beijo, têm-me dito, e este devia ter sido bem diferente das sonoras manifestações de afeto que lhe concedia Millie. Aquele beijo tinha o que quer que fosse de mágico. Certamente, ele indicava uma mudança de situação. Em todo caso, é esse um incidente que ele considerou suficientemente importante para o descrever demoradamente. Tentei reproduzi-lo com exatidão, da minha parte; mas esqueci desembaraçá-lo das minhas palavras, dos subentendidos, dos gestos com que me foi relatado; mas estou convencido de que aquele beijo foi coisa mui diversa daquilo que estou contando, uma coisa muito mais bela e mais suave, sob a luz brandamente coada e em meio dos silêncios sutis e murmurejantes dos bosques feéricos. A dama verde fez-lhe muitas perguntas sobre Millie: era bonita, amável, e assim por diante? Quanto à lindeza de Millie, estou a ouvir o mancebo atestar que ela "não era feia". Devia ser nessa ocasião que a feérica personagem lhe contou que se enamorara dele enquanto ele dormia ao luar, que o tinha mandado transportar para o País das Fadas, e que, ignorando a existência de Millie, se lhe afigurara que talvez ele ficasse abrasado de amor por ela.

— Mas isto não lhe é possível, — concluiu ela. — Assim pois, gozarei da sua companhia por mais algum tempo, e depois irá de novo em busca de Millie.



A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!



Regina

O SABONETE MARAVILHA!

A VENDA EM TODO O BRASIL ★



a Beleza do Cabelo aumenta a atração pessoal

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso.

Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

Tricófero de Barry

EM USO DESDE 1801

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os crimes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar, refrescar a pele.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutícula ganha um ar de naturalidade, enfeitado à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e as impurezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele alva e saudável volta a imperar com o uso do

tempo... Vi brilharem-lhe as lágrimas nos olhos... Depois desapareceu... Os pequenos gnomos precipitaram-se sobre mim, enchendo-me de ouro as mãos e os bolsos, metendo-me uma quantidade dele pela gola a dentro, enfim por toda a parte, por toda a parte.

Foi então, depois de desaparecer a fada, que Skelmersdale compreendeu e soube. Principiou subitamente a repellar o ouro de que o abarrotavam e a gritar aos gnomos que não queria mais.

— Não preciso mais do seu ouro! Não acabei, não me vou embora. Quero falar ainda com a senhora... Eu gritava-lhes tudo isso e dei a entender que queria ir ter com a fada, mas eles me retiveram. Sim, agarraram-me pela cintura com as suas pequenas mãos e puxaram-me para trás. Continuaram a meter-me ouro por todos os lados, até que ele principiou a cair-me pelas mangas e pelas pernas dos calções... Não quero mais o seu ouro! — bradei-lhes. — Só quero falar com a senhora.

— E falou-lhe afinal?

— A cousa transformou-se em batalha.

— Antes que a tornasse a ver?

— Não a tornei a ver. Quando me desvencillei deles, não a avistei mais em parte alguma.

Arquejante, ele procurou-a fora da caverna, em uma extensa gruta, e dali foi desenhando em um grande espaço deserto onde esvoaçava um enxame de fogo-fátuos. Em volta dele dançavam pequenos gênios que zombavam do seu desespero, e dentro em pouco apareceram também os gnomos que entraram a persegui-lo, atirando-lhe mãos cheias de moedas de ouro e gritando:

— O amor das fadas e o ouro das fadas! O amor das fadas e o ouro das fadas!

Ouvindo essas palavras, assaltou-o um grande temor, teve medo que tudo estivesse acabado e principiou a chamar a dama pelo seu nome a mais não poder. Súbito, deitou a correr, descendo o declive através de um matagal de urzes e de espinheiros, conjurando a fada em grandes e reiterados gritos. Os pequenos gênios seguiam-no dançando, beliscando-o, arranhando-o, os fogo-fátuos envolviam-no e saltavam-lhe no rosto, e os gnomos perseguiam-no vociferando e atirando-lhe pedras de mistura com moedas de ouro. Ele corria no meio daquela escolta estranha e apavorante, e de súbito mergulhou até os joelhos em um tremedal, prendeu um pé em umas raízes grossas e emaranhadas, vacilou e perdeu o equilíbrio...

Sentiu-se cair e, no mesmo instante, achou-se estendido no Outeirinho de Aldington, completamente só, debaixo do céu recamado de estrelas.

Tornou a levantar-se rapidamente, disse ele, e verificou que estava enregelado e hirto, e que tinha a roupa encharcada de orvalho. Os primeiros sinais da alvorada e um vento glacial apareceram simultaneamente. Ele teria acreditado que toda aquela história não passava de um sonho singularmente nítido e preciso, se, metendo a mão no bolso do casaco, não o tivesse achado cheio de cinzas. Então convenceu-se de que aquilo era o ouro das fadas, com que os gnomos lhe haviam enchido as algibeiras. Sentia ainda todos os beliscões e arranhões, sem que contudo aparecessem os vestígios materiais deles. E foi deste modo, algum tanto brutal, que Skelmersdale voltou do País das Fadas a recuperar o seu lugar entre os homens. Supoz que se tratava da ausência de uma noite. Quando, porém, voltou de manhã à loja de Aldington Corner, descobriu, no meio do espanto de todos os que o tornavam a ver, que tinha estado ausente três semanas.

— Meu Deus, que confusão foi a minha! — acrescentou o pobre homem.

— Como assim?

— Para dar explicações. Presumo que nunca lhe aconteceu ter de explicar uma cousa semelhante.

— Nunca, — concordou.

Depois principiou ele a discorrer sobre o proceder desta e daquela pessoa para

com ele, evitando, porém, a mínima referência no tocante a um determinado nome.

— E Millie? — exclamei por fim.

— Eu não sentia o menor desejo de a tornar a ver, — confessou ele.

— Suponho que ela lhe pareceu mudada.

— Todos estavam mudados devéras. Quer saber, tudo me parecia enorme e grosseiro. E as vozes eram tão fortes. Ora! até o sol, quando nasceu de manhã, quase me fez mal aos olhos!

— E Millie?

— Eu não me importava mais de a tornar a ver.

— Mas quando a tornou a ver?

— Foi num domingo, ao sair da igreja, que esbarrei cara a cara com ela. "De onde vem?" perguntou-me, e compreendi que havia borrasca iminente. Pouco me importa isso, aliás. Eu não pensava nela, nem mesmo vendo-a ali diante de mim. Para mim, ela nada significava. Não me era possível compreender que atrativo lhe tinha achado, nem qual o encanto que ela jamais tinha possuído. Mais tarde, na sua ausência, por várias vezes senti um pouco de remorso na consciência, nunca porém quando ela se achava presente, porque era a outra que eu via diante de mim e que a fazia desaparecer... Em todo caso, isto não lhe despedaçou o coração.

— Casada? — perguntei lacônicamente.

— Com o primo, — respondeu Skelmersdale, contemplando pensativo o desenho da toalha.

Quando reencetou a conversação, tornou-se perfeitamente manifesto que a sua ex-noiva estava totalmente proscrita da sua memória, e ele entrou a referir-se novamente à personagem feérica, soberana triunfante do seu coração. Falou dela, e em breve deixou escapar confidências bizarras, estranhas, segredos de amor que seria uma deslealdade repetir. De todo o caso, a cousa mais extraordinária, foi ver aquele pequeno vendeiro, com um copo de uísque ao seu lado, um cigarro nos dedos, testemunhando, ainda com bastante dór, posto que já um tanto atenuada, a fome e a sede de amor que já lhe torturaram o coração, à água volta.

— Eu não podia comer, nem pormir, — dizia ele. — Eu cometa toda a sorte de enganos ao tomar as encomendas e ao dar os trocos. Era só "ela" quem eu via noite e dia, "ela" que me atrala, que me fascinava... Oh! como eu lhe queria! Meu Deus, como eu lhe queria! Eu ia lá acima quase todas as noites, subia o Outeirinho, e percorria-o todo em volta, chamando-a, suplicando-lhe que me deixasse entrar. E gritava, às vezes soluçava, aquilo era mais forte que a minha vontade. Palavra de honra que eu estava louco! E como me sentia desditoso! Eu não cessava de repetir que tudo aquilo não era mais que uma pura ilusão. E todos os domingos depois do meio-dia, chovesse, ou fizesse bom tempo, subia o Outeirinho, embora soubesse que, durante o dia, seria inútil. E tentei adormecer lá em cima.

Dereve-se bruscamente para beber alguns goles de uísque.

— Tentei adormecer lá em cima, — repetiu com os lábios a tremerem. — Muitas vezes, muitas vezes, tentei lá adormecer. E, quer saber, meu senhor, nunca o pude conseguir, nunca. Parecia-me que, se lograsse adormecer, aconteceria qualquer cousa. Mas tentei, sentado, deitado, em todas as posições, e não pude... tanto eu pensava nisso e tanto o desejava... Tentei...

Ele suspirou, engoliu convulsivamente o resto do seu uísque, ergueu-se de súbito, abotoou a blusa, sempre fixando os olhos de fardos pendurados à direita e à esquerda do fogão. O pequeno quadro preto onde assentava as encomendas saía-lhe a meio da algibeira do casaco. Depois de se ter abotoado desde cima até embaixo, bateu no peito e voltou-se bruscamente para o meu lado:

— Vamos, — disse, — preciso de me ir embora.

Eu lia-lhe nos olhos e no todo o que

quer que fosse por demais complexo para que ele o exprimisse em palavras.

— Nada de tagarelices, — disse ele pondo a mão no trinco da porta.

Esboçou um sorriso constrangido e puxou a porta atrás de si.

Tal é a narração da viagem de Skelmersdale ao País das Fadas, aqui relatada como ele m'a contou.

CUIDADO COM O FILTRO

A vela do filtro não destrói os germes da água; apenas os retém. Quando não é lavada constantemente, os micróbios e impurezas vão-se acumulando em sua superfície, de sorte que, dentro de algum tempo, torna-se de todo ineficiente a filtração.

Procure manter seu filtro em boas condições de funcionamento, lavando a vela uma vez por semana, pelo menos.

★

CURA DA PRISÃO DE VENTRE

A cura da prisão de ventre não se faz com comprimidos e remédios anunciados como "infalíveis". O mal quase sempre está subordinado a erros alimentares que cumpre corrigir sob orientação do médico.

Se sofre de prisão de ventre, procure o médico; ele, e ninguém mais, está em condições de dar conselhos e orientar o tratamento.

★

OS 4 DENTES DOS 6 ANOS

Os dentes temporários começam a ficar abalados aos 6 anos. Aparecem atrás dos molares de leite, 4 dentes queixais: "os mais importantes de todos os dentes". O alinhamento da dentadura está subordinado aos molares de 6 anos. Constituem a chave da articulação dentária, sendo comparáveis aos alicerces de um edifício.

Leve seu filho ao dentista quando completar seis anos.

★

PERIGO NO GELO

O bacilo tífico resiste bem às baixas temperaturas e daí a possibilidade de conservar-se no gelo. E' condenável, pois, o hábito de colocar pedras de gelo em caldas de frutas, água, etc.

Livre-se da febre tífica, não pon-do gelo dentro das bebidas.

★

CAUSAS DA SURDEZ

Além das moléstias do ouvido, existem outras causas da surdez: obstrução do nariz, sinusites, inflamações da amígdala, vegetações adenóides, infecções crônicas dos dentes, sífilis, tuberculose, diabetes, perturbações circulatórias e outras.

Quando sentir perturbações no ouvido, consulte um especialista, mas não estranhe se ele aconselhar que procure médicos de outras especialidades.

★

AR LIVRE E RESPIRAÇÃO

O ar livre tem influência benéfica sobre a respiração porque provoca o relaxamento dos músculos respiratórios. Dentro de casa, por causa do ar quente parado e úmido, as vias respiratórias conservam-se retraídas. Daí a sensação de mal estar e a deficiente renovação do ar nos pulmões.

Procure renovar o ar dos pulmões, permanecendo tanto quanto possível ao ar livre.

★

LEMBRETE OPORTUNO

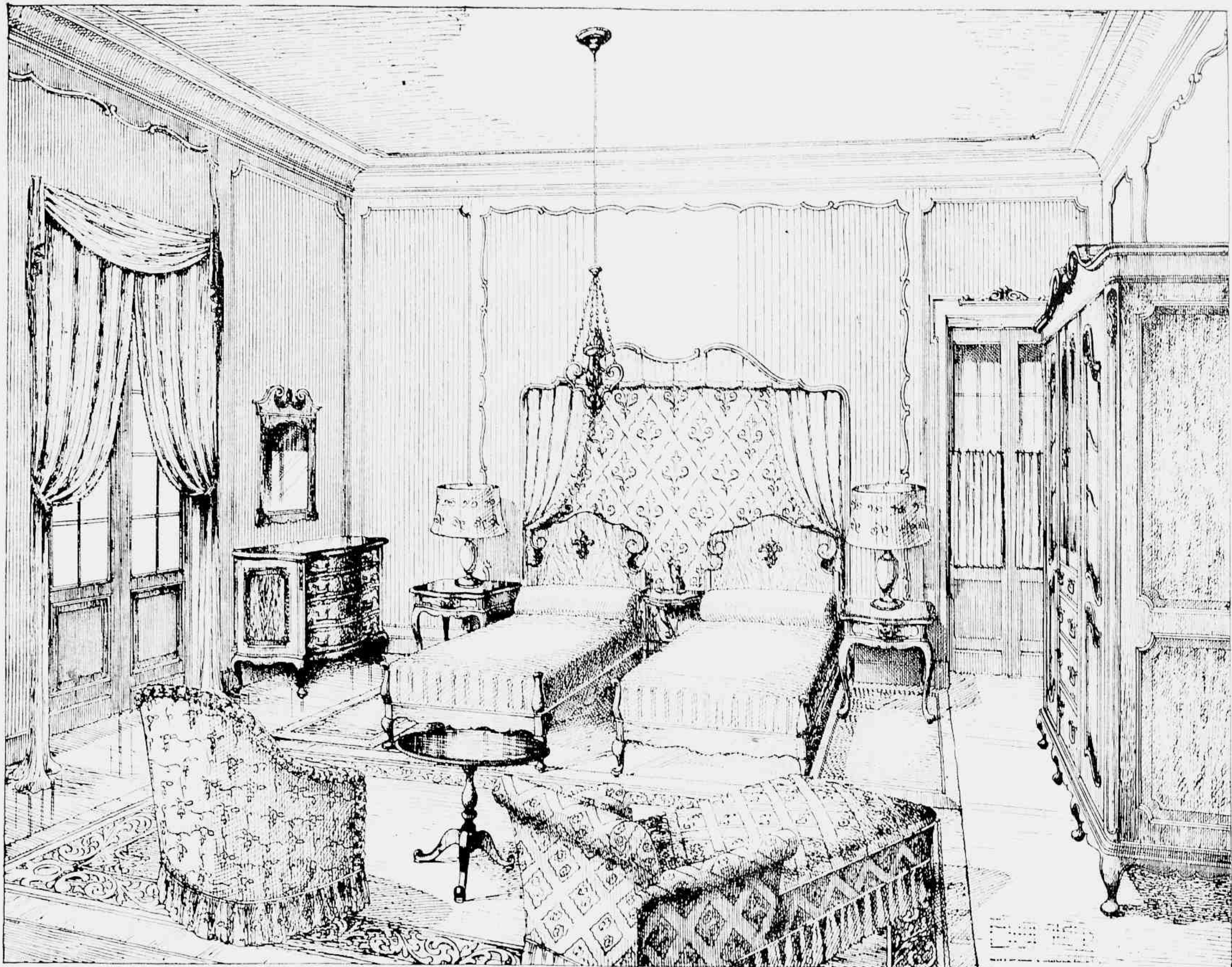
Os alimentos simples, de fácil preparo culinário, são os mais recomendáveis. Os alimentos muito temperados ou de conserva são de digestão difícil.

Evite os alimentos muito temperados ou de conserva; substitua-os por leite, ovos, frutas, verduras e legumes.



DENTIFRICIOS
PANNAIN





DORMITORIO AMERICANO

No cliché acima reproduzimos um modelo de quarto de dormir em estilo moderno. O técnico que o criou levou em conta a premente carência de espaço que se encontra nos apartamentos de hoje. As camas, trabalhadas em madeira clara, são colocadas uma ao lado da outra, como nas residências norte-americanas. Além de uma pequena comoda, o mobiliário é composto de um espaçoso armário, mesinha de cabeceira, uma poltrona e um amplo sofá, ambos forrados com um estampado de cores alegres.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Chapman



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz